

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Hellen Panitz Barbiero

**A RECEPÇÃO DO JORNAL NACIONAL POR MULHERES DE
CLASSES POPULARES**

Santa Maria, RS, Brasil
2015

Hellen Panitz Barbiero

**A RECEPÇÃO DO JORNAL NACIONAL POR MULHERES DE CLASSES
POPULARES**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Bacharel em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo.**

Orientadora: Veneza Mayora Ronsini

Santa Maria, RS, Brasil
2015

Hellen Panitz Barbiero

**A RECEPÇÃO DO JORNAL NACIONAL POR MULHERES DE CLASSES
POPULARES**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Bacharel em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo.**

Veneza Mayora Ronsini, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Laura Strelow Storch, Dra.(UFSM)

Tissiana Cechella, Ms. (UFSM)

Santa Maria, RS, 17 de Dezembro de
2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Beto (*in memoriam*) e Claudia, por apoiarem as minhas decisões, por saberem me criticar quando necessário, por me mostrarem o caminho certo a seguir e por serem meus maiores exemplos de vida. Serei eternamente grata a todos os ensinamentos que me passaram e por terem me proporcionado as condições necessárias para a conclusão dessa graduação, sem as quais isso não seria possível.

À Kelly, minha pequena, pela parceria nesses últimos anos e por ter esperado, todos os dias, o momento em que eu tinha tempo para fazer companhia, conversar e dar risadas.

Ao Hans, por ter torcido por mim e vibrado a cada pequena conquista durante os últimos anos.

Ao Gian por ter sido mais que um namorado, mas um amigo e companheiro que durante todos esses anos segurou a barra comigo, por ter me acalmado quando necessário e por sempre me incentivar ir à frente.

A todos vocês, minha família, agradeço pela paciência que tiveram nesse último período, seja devido ao meu estresse, que dominou em certos momentos, ou pelas frequentes ausências. Esse trabalho é nosso. Amo vocês demais!

À professora Veneza por ter me dado a oportunidade de participar do grupo de pesquisa Usos Sociais da Mídia, que foi fundamental na construção desse trabalho. Agradeço também por ter sido mais que uma orientadora, mas uma pessoa com quem pude compartilhar anseios e alegrias, pelo incentivo durante a realização dessa pesquisa e por ter me mostrado que o conhecimento deve ser compartilhado.

Às quatro entrevistadas, sem as quais esta pesquisa não seria realizada, por todo o carinho e disponibilidade em ajudar nas inúmeras vezes em que as visitei.

À Tissiana, pelo acompanhamento e auxílio desde os primórdios da construção dessa pesquisa.

Aos amigos e colegas do Grupo de Pesquisa Usos Sociais da Mídia por todas as conversas, discussões, auxílios e conhecimentos compartilhados.

RESUMO

A RECEPÇÃO DO JORNAL NACIONAL POR MULHERES DE CLASSES POPULARES

AUTORA: Hellen Panitz Barbiero
ORIENTADORA: Veneza Mayora Ronsini

Esta é uma pesquisa de recepção midiática por mulheres de classes populares na qual buscamos perceber a forma como o telejornalismo é apropriado pelas receptoras de acordo com o pertencimento de classe e o contexto sociocultural. O objetivo é compreender como as receptoras constituem as representações das mulheres das classes populares a partir do texto televisual e com base nas mediações da família e do trabalho. A perspectiva de análise é inspirada em autores dos Estudos Culturais latino-americanos e as categorias utilizadas para o exame dos usos do telejornal são a ritualidade e a socialidade (MARTÍN-BARBERO, 2002; 2003). Os métodos empregados com as quatro informantes da pesquisa foram o Estudo de Caso (YIN, 2001) e o Texto em ação (WOOD, 2008). O estudo de caso permitiu descrever a experiência cotidiana das informantes pelas técnicas da entrevista e da observação participante, enquanto o texto em ação, a interação delas com o Jornal Nacional. As mediações do trabalho e da família são cruciais, pois a assistência ao programa só é possibilitada através de mudanças nestas esferas. Essas mediações possibilitam a identificação ou o estranhamento das entrevistadas com as representações femininas no telejornal, sendo que elas se identificam com as mulheres mães e trabalhadoras nas matérias e reprovam representações que fogem ao padrão de respeitabilidade tido como adequado à condição feminina e de classe.

Palavras-chave: Classe social. Jornal Nacional. Mulher. Recepção. Representação.

ABSTRACT

THE RECEPTION OF JORNAL NACIONAL FOR WORKING CLASS WOMEN

AUTHOR: Hellen Panitz Barbiero
ADVISOR: Veneza Mayora Ronsini

This work is a research about the media reception for working class women, which it was aimed at realizing the way News broadcasting, are appropriated by the receptors in accordance with the working classes and the sociocultural context. The objective is to comprehend how the receptors constitute the representation of working class women classes from televisual text and based on the mediations of family and work. The analysis's perspective is inspired in two authors from Latin-American cultural studies, and the categories used to the examination of uses from the News broadcasting are rituality and sociality (MARTÍN-BARBERO, 2002; 2003). The methods used with the four informants of the research were the Case Study (YIN, 2001) and the Text in Action (WOOD, 2008). The case study allowed one to describe the everyday experience of the informants through the interview's techniques and the participant observation, while the text in action is through the interaction of them with the Jornal Nacional. The work and family mediations are crucial, since the assistance to the program is only possible through changes in those spheres. These mediations make possible the identification or strangeness of the working class women with the female representation on the news television, once they identify themselves with those working and mother figures on the television news report and they disapprove representations that escapes the respectability standard considered as appropriated to the womanhood and their class.

Keywords: Social Class.Jornal Nacional.Woman.Reception.Representation.

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|--|-----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 | ESTUDOS CULTURAIS E ESTUDOS DE RECEPÇÃO | 16 |
| 2.1 | ESTUDOS CULTURAIS E DE RECEPÇÃO LATINO-AMERICANOS: DESENVOLVIMENTO E CRUZAMENTO | 16 |
| 2.2 | ENFOQUES DE AUTORES BRASILEIROS SOBRE OS ESTUDOS DE RECEPÇÃO | 18 |
| 2.3 | A RECEPÇÃO JORNALÍSTICA E SEU DESENVOLVIMENTO NA AMÉRICA LATINA | 23 |
| 2.4 | A TEORIA DAS MEDIAÇÕES DE JESÚS MARTÍN-BARBERO | 25 |
| 3 | CULTURA POPULAR, HEGEMONIA E CLASSE SOCIAL | 30 |
| 3.1 | CULTURA POPULAR E HEGEMONIA | 29 |
| 3.2 | CLASSE SOCIAL NOS ESTUDOS DE RECEPÇÃO E A IMPORTÂNCIA DO CONCEITO | 31 |
| 3.3 | A OCUPAÇÃO COMO CRITÉRIO DE CLASSIFICAÇÃO SOCIAL | 32 |
| 3.4 | O TRABALHO E A FAMÍLIA: SIGNIFICADOS PARA AS CLASSES POPULARES | 34 |
| 4 | MÍDIA E REPRESENTAÇÕES | 38 |
| 4.1 | TELEVISÃO E TELEJORNALISMO: RELAÇÕES ENTRE A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE E AS APROPRIAÇÕES SOCIAIS | 38 |
| 4.2 | REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E MUDIÁTICAS | 41 |
| 5 | PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS | 44 |
| 5.1 | Amostra | 44 |
| 5.2 | Métodos e técnicas de pesquisa | 46 |
| 5.2.1 | Estudo de Caso | 46 |
| 5.2.2 | Entrevista | 47 |
| 5.2.3 | Observação participante | 48 |
| 5.2.4 | Texto em ação | 49 |
| 5.2.4.1 | <i>O Jornal Nacional e os retratos sociais das mulheres de classes populares ...</i> | 50 |
| 6 | AS INFORMANTES DA PESQUISA | 61 |
| 6.1 | MULHERES IDOSAS | 61 |
| 6.1.1 | Perfis | 61 |
| 6.1.2 | A inserção da TV e do Jornal Nacional no cotidiano e os modos de ver televisão | 64 |
| 6.1.3 | Mediação da família | 68 |
| 6.1.4 | Mediação do trabalho | 71 |
| 6.1.5 | As representações constituídas pelas idosas na experiência e a partir do Jornal Nacional | 73 |
| 6.1.5.1 | <i>Experiência</i> | 73 |
| 6.1.5.2 | <i>Mídia</i> | 77 |
| 6.2 | MULHERES MADURAS | 87 |
| 6.2.1 | Perfis | 87 |
| 6.2.2 | A inserção da TV e do Jornal Nacional no cotidiano e os modos de ver televisão | 90 |
| 6.2.3 | Mediação da família | 95 |
| 6.2.4 | Mediação do trabalho | 98 |
| 6.2.5 | As representações constituídas pelas maduras na experiência e a partir do Jornal Nacional | 102 |

| | | |
|---------|---|-----|
| 6.2.5.1 | <i>Experiência</i> | 102 |
| 6.2.5.2 | <i>Mídia</i> | 104 |
| 7 | CONCLUSÃO | 114 |
| | REFERÊNCIAS | 119 |
| | APÊNDICE A – TEXTO EM AÇÃO ZULMIRA | 126 |
| | APÊNDICE B – TEXTO EM AÇÃO HILDA | 131 |
| | APÊNDICE C – TEXTO EM AÇÃO NORMA | 137 |
| | APÊNDICE D – TEXTO EM AÇÃO ROSÂNGELA | 148 |
| | APÊNDICE E – INSTRUMENTO DE ENTREVISTA | 153 |

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho se caracteriza por uma pesquisa de recepção midiática, na medida em que busca perceber a forma como um produto é apropriado pelos receptores levando em consideração o contexto sociocultural e o pertencimento de classe social. O objetivo geral é compreender como as receptoras constituem as representações das mulheres das classes populares a partir do texto televisual e com base nas mediações da família e do trabalho. Nossa questão norteadora se apresenta da seguinte forma: Como as mediações da família e do trabalho contribuem para a formação das representações das mulheres de classes populares a partir do Jornal Nacional?

Os objetivos específicos se resumem em: a) descrever o significado da família e do trabalho na vida das mulheres de classes populares e como se dão as relações com essas esferas; b) examinar os modos de ver o telejornal pelas mulheres de classes populares no ambiente familiar; c) analisar de que forma as mulheres de classes populares interpretam as representações das mulheres construídas pelo telejornal.

Nossa perspectiva de análise é inspirada em autores dos Estudos Culturais latino-americanos, adoção esta que se realiza primeiramente pelo entendimento, a partir do conceito de hegemonia de Antonio Gramsci, de que a cultura das classes trabalhadoras tem a capacidade de resistir ao poder instituído e não apenas reproduzi-lo. Esse modo de se relacionar com o poder a caracteriza como algo que está em permanente estado de construção, devido principalmente ao contato com a cultura dominante, esta que aqui se refere à mídia. Então nossa base de pesquisa está inserida nesta observação da relação entre cultura popular e a mídia, sendo esta última vista como capaz de moldar práticas e relações dos indivíduos juntamente com as mediações da família e do trabalho.

Apesar de a cultura e a hegemonia serem as bases da abordagem dos Estudos Culturais, nesta pesquisa aprofundamos a noção da classe social, que está diretamente ligada à cultura. Estudamos a classe social como estruturante da socialidade e, portanto, de toda a vivência das receptoras, algo que funciona como base das apropriações, interpretações, escolhas e visões do mundo das mulheres e das suas visões acerca delas mesmas. Defendemos, ainda, a compreensão da classe social como estrutura que se localiza antes do acesso privilegiado a bens de cunho não somente material, mas principalmente daqueles imateriais, o que nos faz escapar do modo economicista de ver as classes sociais, como defende Souza (2009).

O modo ativo como compreendemos a audiência confirma a necessidade da adoção da Teoria das Mediações (MARTÍN-BARBERO, 2002) na qual as mediações são entendidas como “lugares” que se encontram entre as práticas dos indivíduos e as leituras que estes realizam dos textos midiáticos. Para estabelecer as relações entre mediações e apropriações da mídia, utilizamos as categorias da ritualidade e da socialidade, esta limitada às esferas do trabalho e da família. A análise da ritualidade se restringe ao estudo dos modos de ver televisão pela audiência.

A recepção televisiva estudada a partir da perspectiva da classe social contribui para o campo da comunicação na medida em que traz à tona o que pensamos ser fundamental em estudos que envolvem a sociedade: a noção de classe social. No entendimento de Murdock (2009, p. 42), esta abordagem se faz necessária devido ao seu esquecimento em meio a tantas outras possibilidades de diferenciação das pessoas que têm surgido nos estudos da área.

Além da importância da televisão como principal fonte de informação entre os indivíduos de camadas populares, ela é uma das principais formas de lazer deste segmento de audiência. O aparelho televisivo se tornou o ambiente audiovisual com o qual interagimos constantemente em função das condições de vida: longas jornadas de trabalho e falta de alternativas para desenvolvimento pessoal e cultural (CASTELLS, 2000, p. 356-357 apud RONSINI, 2007, p. 41) e ocupa boa parte do tempo de “não trabalho” das classes populares, sendo um dos lazeres fundamentais até mesmo em outros segmentos sociais (LEAL, 1986, p. 13).

O telejornalismo recebe destaque como o programa televisivo mais assistido segundo a *Pesquisa Brasileira de Mídia – Hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*, divulgada em fevereiro deste ano e encomendada pela Secretaria de Comunicação da Presidência da República (BRASIL, 2014). O gênero apresenta 80% de audiência entre os 97% da população que assiste à televisão. O Jornal Nacional foi o mais mencionado, por 45% dos pesquisados que assistem à TV. Os dados apresentados nos fazem concordar com Vizeu, quando afirma que os telejornais hoje são essenciais na vida em sociedade, pois “cumprem uma função de sistematizar, organizar, classificar e hierarquizar a realidade” (VIZEU, 2008, p.7) e contribuem, assim, para a organização dos pontos de vista sobre o mundo.

Ainda de acordo com tais considerações, Travancas (2007, p. 52) afirma¹ que os meios de comunicação de massa adquirem a importante função de atuar como “elemento ativo de elaborações coletivas”, sendo os jornalistas figuras essenciais na produção destas

¹ Com base nas concepções de cultura de Stuart Hall (1980), a partir das quais a autora argumenta que a cultura aparece através de práticas sociais e das suas inter-relações.

representações. Assim, torna-se relevante investigar o que a audiência tem a expor ou quais são suas opiniões com relação às representações de si constantemente formadas pela televisão.

A metodologia da pesquisa consiste na realização de um Estudo de Caso composto pela técnica da entrevista e por observações participantes, estas realizadas com o auxílio do diário de campo. Ainda, com o intuito de captar as interações das mulheres com o telejornal, aplicamos o método texto em ação (WOOD, 2008), que consiste na gravação do áudio do momento da apresentação das matérias selecionadas do Jornal Nacional às entrevistadas e a posterior transcrição do áudio das informantes juntamente com o texto midiático. Tal método nos permite analisar os momentos exatos em que se dão as interações das receptoras com o telejornal em estudo. Mesmo que nossa pretensão não tenha sido realizar uma análise de conteúdo do texto midiático estudado, por entendermos que o Jornal Nacional serve como auxílio na constituição das representações, apresentaremos descrições das matérias selecionadas para o método texto em ação com ênfase nas fontes e nos modos como estas são representadas no telejornal.

A participação no grupo de pesquisa Usos Sociais da Mídia como aluna de Iniciação Científica (CNPq) desde dezembro de 2013 e o consequente envolvimento com o projeto *Aprendendo a ser mulher “de classe” com a mídia*² fez com que nossas informantes fossem escolhidas a partir do universo trabalhado no projeto, denominado popular. Trabalhamos, então, com duas gerações de mulheres, classificadas como maduras e idosas, pelo fato de termos encontrado empecilhos com relação às jovens, o que é mais bem apresentado no capítulo metodológico. Apesar da dificuldade sentida pelos pesquisadores em classificar os indivíduos em posições sociais, assim como no projeto, utilizamos a classificação de classe social proposta por Quadros (2008), realizada de acordo com o membro mais bem situado situado da família das informantes.

Realizamos um levantamento de artigos, teses e dissertações em três locais: nos anais nacionais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (Ibict) e no acervo da Biblioteca da Universidade Federal de Santa Maria. As buscas aconteceram de formas distintas nestas plataformas: nos anais da Intercom, procuramos por artigos realizados no período de 2001 a 2013, através das palavras-chave “recepção”, “telejornalismo” e “classe popular”. Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (Ibict) e no acervo da Biblioteca da

²Projeto “guarda-chuva” contemplado nos Editais Universal 14/2011 e 14/2012 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Universidade Federal de Santa Maria, não definimos um período de busca por esta se dar apenas a partir das palavras-chave mencionadas anteriormente.

No período da busca, encontramos 17 estudos de recepção do Jornal Nacional, nos quais foram estudados diferentes segmentos de audiências, e apenas um dos trabalhos relacionou a recepção do telejornalismo com mulheres de classe popular, fazendo-nos entender que esta pesquisa ganha relevância por contribuir para o melhor conhecimento das formas como se dá a recepção de telejornal entre este público. O levantamento sobre as produções acadêmicas brasileiras realizadas na última década, efetuado por John (2014), justifica nosso interesse pelas mulheres das classes trabalhadoras, já que, entre as 54 pesquisas de recepção de jornalismo encontradas, apenas duas dissertações têm as mulheres como amostra de pesquisa.

O trabalho é composto por seis capítulos, teóricos e empíricos, e se estrutura da seguinte forma: no capítulo I, realizamos uma síntese sobre a formação dos Estudos Culturais latino-americanos e sobre a forma como esta linha de estudos permeou a pesquisa de recepção; apresentamos alguns enfoques de autores latino-americanos sobre a temática da recepção; fazemos considerações sobre as mudanças ocorridas no decorrer do desenvolvimento dos estudos de recepção jornalística na América Latina e apresentamos nosso enfoque sobre a Teoria das Mediações de Jesus Martín-Barbero.

No capítulo II, expomos nosso entendimento acerca da cultura popular e da hegemonia; buscamos conceituar a noção de classe social, argumentar sobre sua pertinência em um deste caráter e sobre a forma como esta se liga aos estudos de recepção. Ainda, abordamos teoricamente a relevância do trabalho e da família na vida dos indivíduos das classes populares.

O capítulo III é formado por uma breve discussão sobre o valor de se estudar a televisão e o telejornalismo frente ao crescimento do uso da internet no contexto brasileiro. Expomos as relações entre a construção da realidade pelo telejornalismo e as possibilidades de apropriação por parte dos receptores e versamos sobre a noção de representação social e midiática, assim como sobre suas relações.

O IV capítulo é composto por apontamentos relativos à aproximação e seleção da amostra da pesquisa, sobre a metodologia adotada, o estudo de caso e o texto em ação e as técnicas de pesquisa utilizadas: entrevista e a observação participante com diário de campo. Nesse mesmo subitem, expomos a trajetória de escolha das matérias utilizadas no texto em ação, assim como os critérios de seleção dessas. Ainda apresentamos dados técnicos acerca dos materiais e versamos sobre as formas como o telejornal em estudo retrata as mulheres, com a intenção de facilitar a compreensão posterior do método texto em ação.

As entrevistadas são apresentadas no capítulo V através dos perfis individuais. Além disso, expomos seus modos de ver televisão, trazemos considerações importantes para a compreensão das trajetórias das informantes na família e no trabalho. Apresentamos a forma como as mediações do trabalho e da família são relevantes nas representações construídas por elas sobre as mulheres de classes populares. Neste subitem, apresentamos recortes do texto em ação de forma a filtrar somente os momentos em que as mulheres de classes populares se referem a essas mulheres.

2 ESTUDOS CULTURAIS E ESTUDOS DE RECEPÇÃO

2.1 ESTUDOS CULTURAIS E DE RECEPÇÃO LATINO-AMERICANOS: DESENVOLVIMENTO E CRUZAMENTO

Nossa análise é inspirada na abordagem dos Estudos Culturais latino-americanos pela compreensão de que o contato entre os receptores e a mídia é passível de produção de sentido em contextos estruturados e por esta pesquisa tomar o cotidiano das classes populares como *locus* de pesquisa. Desta forma, se faz pertinente a breve apresentação do histórico desta linha de estudos, que teve como figuras centrais os autores Néstor García Canclini e Jesús Martín-Barbero, além da exposição da forma como essa linha tem permeado a temática da recepção.

Tanto no contexto britânico como no latino-americano, até aproximadamente a década de 60, a investigação das formas e práticas simbólicas foi excluída da esfera cultural por não ser vista como um assunto legítimo a ponto de se tornar objeto de estudo. O modo de perceber estas práticas se alterou com a importância gradual de uma teoria formada pelo engajamento nas diferenças culturais, o que se deu pela valorização do contexto em que ocorre o processo comunicacional proporcionada pela linha dos Estudos Culturais (ESCOSTEGUY, 2010, p. 45).

Na América Latina, os principais deslocamentos no campo comunicacional se deram por volta dos anos 1980, a partir da temática da globalização e dos debates sobre a modernidade, que tiveram por consequência novas dinâmicas culturais e a expansão dos movimentos sociais (MARTÍN-BARBERO, 1992, p. 29 *apud* ESCOSTEGUY, 2010, p. 47). Estas mudanças, que ocorreram principalmente pela tentativa de redemocratização pelas culturas populares através dos meios de comunicação, moveram o olhar dos estudos culturais para as práticas sociais e culturais da sociedade, assim como para suas relações com os meios comunicacionais.

As análises dos autores filiados a esta linha de pesquisa tornaram-se ainda mais voltadas para a cultura com a adoção do conceito de hegemonia de Antonio Gramsci, o que ocorreu a partir da passagem do marxismo determinista, centrado em diferenças de classes, para um de corte gramsciano, que possibilitou a realização de análises a partir de diferentes matrizes culturais, vistas então como possíveis geradoras de conflitos (ESCOSTEGUY, 2010, p. 50).

Sobretudo, foi a partir do possível enfraquecimento das classes populares diante da tentativa de homogeneização cultural, realizada pela indústria cultural, que essa passou a ser o foco de atenção dos Estudos Culturais, então, “sua subjetividade começa a ser respeitada e

estudada, não como manifestação folclórica e sim como manifestação civilizatória, como projeto histórico e como definição de uma vontade política (SANTOS, 1986 apud SOUSA, 2002, p. 33). Portanto, foi relativo ao contexto de perda do sentido de nação e de identidade na América Latina que a cultura passou a ser valorizada de outra forma, assim como a comunicação passou a ser estudada a partir do interior dos contextos culturais. Este movimento ocorreu a partir do deslocamento dos meios as mediações, proporcionado por Martín-Barbero (1987), e pelo processo de hibridização cultural, de Néstor García Canclini (1990).

As contribuições de Martín-Barbero são fundamentais neste contexto, já que o autor se propõe a re-situar a comunicação no campo da cultura, o que significa deixar de pensar os processos comunicacionais como isolados dos contextos em que estão imersos os indivíduos. É a partir dos anos 1990 que as pesquisas de recepção passam a focar o espaço cultural do receptor, ou seja, “o papel das mediações na configuração da relação entre sujeito receptor e meios de comunicação e não apenas as indicações da sua influência ideológica, das leituras diferenciadas do seu discurso ou da atividade do receptor” (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005, p. 87).

Então, é a partir da perspectiva dos Estudos Culturais que os estudos da recepção midiática foram deslocados das abordagens que priorizavam o efeito dos meios e das mensagens para o enfoque no momento da recepção propriamente dita, o lugar em que se consolida o processo comunicativo, que é entendido não apenas como uma *etapa* do processo de comunicação, mas, sim, um lugar novo que possibilita o pensamento dos estudos e da pesquisa em comunicação (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 39).

Escosteguy e Jacks (2005) afirmam que a análise da recepção não tem a mesma envergadura dos estudos literários e nem dos estudos culturais, já que se configura como um modelo teórico-metodológico que analisa os processos interpretativos de recepção. Pela ênfase na valorização contextual, espaço onde se insere o processo da comunicação que a pesquisa de recepção, por ser filiada aos Estudos Culturais apresenta, seguimos o argumento de Gomes (2003) sobre a recusa, neste caso ao menos parcial, da distinção entre as análises da recepção e dos Estudos Culturais.

Entendemos, portanto, que “as análises de recepção são as investigações empíricas sobre a relação entre mídia e audiência realizada dentro do quadro teórico-metodológico dos Estudos Culturais” (GOMES, 2003, p. 29). Nesta conjuntura, vale acrescentar que as pesquisas de recepção configuram o principal desenvolvimento dos Estudos Culturais latino-

americanos, sendo a problemática empírica que mais tem contribuído para a consolidação da abordagem dos EC na América Latina (ESCOSTEGUY, 2005, p. 159).

A partir de tais apontamentos, nossa intenção foi perceber que uma significativa mudança ocorrida no modo de conceber a audiência foi proporcionada pelos Estudos Culturais, que permitem “uma problematização mais elaborada de recepção, em que as características socioculturais dos usuários são integradas na análise não mais de uma difusão, mas sim de uma circulação de mensagens no seio de uma dinâmica cultural” (LOPES et al., 2002, p. 29). A abordagem dos estudos culturais latino-americanos nos permite entender a audiência como uma complexa estrutura que reúne indivíduos em classes, grupos ou subculturas, sendo que cada uma destas formações tem códigos e identidades próprios (Ibid.).

2.2 ENFOQUES DE AUTORES BRASILEIROS SOBRE OS ESTUDOS DE RECEPÇÃO

Longe do propósito de abarcar de forma total a questão relativa à pesquisa de recepção, apresentamos os enfoques de alguns dos principais estudiosos brasileiros da temática que possam contribuir para esta pesquisa. Entre os pesquisadores, estão Ana Carolina Escosteguy, Itania Gomes, Maria Immacolata Vassalo de Lopes, Mauro Wilton de Sousa, Nilda Jacks e Veneza Ronsini. Os autores brasileiros tiveram formações com base nos fundadores da linha dos Estudos Culturais Latino-Americanos, Martín-Barbero e Néstor García Canclini, e apresentam um “corpo teórico-empírico desenvolvido a partir da realidade nacional” (JACKS; JOHN, 2012/2013, p. 119), o que nos aproxima do contexto da presente pesquisa.

Análises sobre os levantamentos de pesquisas de recepção que alguns destes autores realizaram foram, até certa medida, excluídas devido à explanação posterior tratar exclusivamente sobre as pesquisas de recepção de jornalismo realizadas na América Latina. A exceção se dá no caso de Nilda Jacks, autora que, com uma produção voltada para o estado da arte da pesquisa de recepção no Brasil, originou importantes contribuições para a constituição desta linha de pesquisa.

Começamos com uma questão entendida como basilar, relativa à nomenclatura das pesquisas que investigam as relações entre mídia e receptores, pautada em alguns autores pela ideia de que no Brasil existe uma desordem com relação aos estudos da área da comunicação, sendo que todos têm sido chamados de estudos de recepção ou de audiência. Ao compararem a produção de trabalhos realizados nas décadas de 90 e 2000, Jacks et al. (2011, p. 99), além

de apontarem possíveis melhorias nos âmbitos teórico e metodológico, concluíram que persiste nestes estudos a ausência de um termo mais adequado que o termo recepção.

Para Escosteguy e Jacks (2005), o termo “pesquisa de audiência” é adequado para estudos que tenham como foco a compreensão dos sujeitos-receptores em relação às tecnologias de comunicação. Já o termo “práticas de recepção midiática” abarca tanto relações de um conjunto de indivíduos com uma ou várias tecnologias de comunicação, quanto o estudo das diferentes experiências implicadas neste processo (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005, p. 111-112), sendo este último adequado a presente pesquisa.

Ronsini (2014, p. 79) propõe³ a utilização do termo recepção como equivalente de pesquisa qualitativa de audiência e afirma que a temática da recepção

se inscribe en la problemática de la hegemonía; su objeto es el sentido que los receptores atribuyen a su interacción con los medios; el procedimiento consiste en examinar el texto y el contexto de la relación entre audiencia y medios. Tales características son independientes del tipo de medio de comunicación abordado. (RONSINI, 2014, p. 78).

A autora supracitada se dedica a utilizar o termo recepção com duas finalidades:

[...] por um lado, nominar os estudos culturais latino-americanos de recepção, ou seja, as clivagens teóricas que investigam a relação das audiências com os meios (a fim de revelar o sentido das apropriações midiáticas na vida cotidiana) [...] por outro, para nominar toda e qualquer investigação que se dedique a estudar um programa ou gênero específico para distingui-la dos estudos de consumo cultural, a exemplo da linha das mediações múltiplas proposta por Guillermo Orozco no México em comparação às investigações realizadas por García Canclini. (RONSINI, 2008, p. 275).

Esta necessidade da inserção do estudo no contexto onde se realiza o contato entre mídia e receptor nos faz entender, assim como Lopes et al. (2002, p. 14), a recepção midiática como um momento que ultrapassa o ver televisivo e se torna um processo amplo ao englobar tanto processos subjetivos quanto objetivos, aqueles *micro*, controlados pelos receptores e os *macro*, referentes às estruturas sociais e de poder que não estão ao controle desses.

Outro ponto abordado com frequência pelos autores brasileiros diz respeito às mudanças ocorridas com o acréscimo da cultura na análise da recepção dos textos midiáticos e a conseqüente adoção das mediações. Mauro Wilton de Sousa afirma que, a partir deste movimento, “quanto às comunicações, chama a atenção à busca dos condicionantes do

³A partir da constatação de Livingstone (2008), autora que propõe que se siga utilizando o termo audiência, ao que se pode acrescentar a designação “alfabetização midiática” ou “alfabetização digital”, entre outras, para descrever o compromisso das pessoas com relação aos meios e às novas tecnologias de comunicação, porque ambos abarcam a atividade crítica e criativa das pessoas comuns em suas interações com os meios” (RONSINI, 2014, p. 79, tradução nossa).

sujeito, das mediações que ultrapassam a noção de um determinismo entre emissor e receptor, ou sujeito e objeto” (SOUSA, 2002, p. 27).

Sobre a relevância do estudo das mediações na pesquisa de recepção midiática, Sousa (1998, p. 41) argumenta que a recepção, estudando de forma restrita a relação com os meios de comunicação, reforçaria a noção do sujeito mercado e não do sujeito-ator social, o que seria como compreender a recepção e a comunicação apenas a partir da técnica. O autor chega a afirmar que, ao invés de estudar a relação entre as pessoas e os meios de comunicação, os estudos da área têm se dedicado a uma nova estratégia metodológica que consiste na identificação das mediações, estas que “nas práticas culturais qualificam a dimensão social da própria comunicação, novos olhares no esforço de qualificação do sujeito oculto desse mesmo processo” (Id.2012, p. 39).

Tal é a pertinência da teoria das mediações nos estudos aqui supracitados, que Ronsini (2014, p. 95) argumenta que “el modelo teórico de Barbero se convierte así en método em la medida en que sus categorías se definen por medio de indicadores empíricos que permiten observar el fenómeno comunicacional”, bem como acontece na presente pesquisa.

Outro argumento sobre o modo de operar da pesquisa de recepção manifesta-se a partir do seu entendimento como um ponto a partir do qual é possível compreender o processo comunicacional como um todo, na tentativa de ir além da concepção mecanicista e fragmentada em que se inseria a comunicação. Esta ideia está presente nas concepções de Escosteguy e Jacks (2004), Jacks e Menezes (2007), Lopes (2002), Gomes (2003) e, em parte, de Ronsini (2011-2014), autora da qual mais nos aproximamos pela compreensão de um modelo metodológico distinto quando se trata da recepção midiática, o que expõe principalmente ao tratar sobre a Teoria das Mediações de Martín-Barbero.

Ronsini (2011, 2012) argumenta que a totalidade da recepção está centrada no contexto social e cultural, no receptor e sua posição de classe e no texto midiático, mas, quanto ao último aspecto, esclarece que, apesar da necessidade da pesquisa de recepção estudar formalmente o texto midiático, esta não deve adentrar ao universo da produção de maneira profunda na ausência de um trabalho coletivo, apenas deve tangenciar os processos produtivos. Jacks e Menezes (2007) afirmam que, mesmo que mensagens não tenham sido problematizadas de forma completa nas pesquisas de recepção da década de 90, “a relativização do poder dos meios, de alguma forma contempla a inclusão dos emissores e mensagens” (JACKS; MENEZES, 2007, p. 2), o que nos motiva a seguir o raciocínio de Ronsini, autora que argumenta sobre o exame de uma parte do circuito comunicacional e na pressuposição do que não foi analisado em grande parte das pesquisas de recepção realizadas.

Ainda, ao pensar as proposições de Martín-Barbero com relação às mediações, a autora supracitada supõe o recorte do estudo do processo comunicacional sem desconsiderar teoricamente que o poder se faz presente em todas as etapas do processo, que vai da produção ao consumo, e um recorte para a análise da recepção, já que “do contrário, teríamos uma pesquisa sobre as potencialidades da relação entre produção/produto e recepção/consumo”. (RONSINI, 2011, p. 80).

Pela consciência de que um estudo deste porte não suporta a análise da recepção como um estudo do processo total da comunicação, o ponto de partida desta investigação é a relação receptor-texto midiático, “detectar qué es importante para aquel, saber qué hace y dice, qué hace com los productos, como los interpreta para comparar los sentidos pretendidos por los textos com los sentidos por él atribuídos” (RONSINI, 2014, p. 95). Tal concepção se aproxima da ideia de Martín-Barbero, na qual o que pode ser entendido como um distanciamento dos meios de comunicação é, na verdade, a fidelidade à ideia de estudar a constituição do massivo tendo como base as transformações das culturas subalternas (RABELO, 1999, p. 93).

Apesar dos avanços dos estudos da comunicação, Nilda Jacks tem nos apresentado diferentes análises baseadas em *corpus* de pesquisas de recepção realizadas no Brasil (JACKS, 2008; JACKS; MENEZES, 2007; JACKS; ESCOSTEGUY, 2005; JACKS et al., 2011) que exibem o panorama desta linha de pesquisas no contexto brasileiro, apontando falhas, avanços e possíveis melhoramentos de cunho teórico e metodológico. Jacks e John (2012/2013) sugerem uma agenda para as pesquisas de recepção a serem realizadas nos próximos anos, composta por aportes teóricos e metodológicos e temáticas que supram as falhas encontradas nos anos anteriores, principalmente no que se refere à exposição dos critérios de seleção da metodologia e dos públicos a serem estudados nos trabalhos (JACKS; JOHN, 2012/2013, p. 121).

Prova da necessidade de melhoramentos metodológicos das pesquisas é a obra *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade*, de Maria Immacolatta Vassalo de Lopes, em conjunto com Silvia Borelli e Vera Resende. A relevância de tal pesquisa é incontestável ao trazer uma abordagem inovadora do estudo da recepção com relação à abordagem teórica e metodológica, já que, segundo a pesquisadora, a pesquisa de recepção no Brasil necessitava ainda experimentar um caminho multimétodos e multidisciplinar na busca por realizar interpretações culturais, políticas e críticas dos processos de recepção (LOPES, 1998, p. 43).

O crescimento da utilização de diferentes plataformas comunicacionais de forma simultânea pelos receptores, que em muito se realiza pela ascensão da internet, tem feito com que os estudiosos da recepção midiática passem a pensar nestes novos contextos e formas de apropriação que surgem frente às telas múltiplas. De acordo com a Pesquisa realizada pela Ipsos e pelo Google em junho de 2013, 61% dos brasileiros realizam o uso simultâneo de diferentes telas, sendo que 63 milhões de brasileiros acessam dois tipos de tela (TV + computador) e 30 milhões acessam três (TV + computador + Smartphone).

Mesmo que este não seja o tema desta pesquisa, faz-se importante a apresentação do interesse dos autores na passagem de uma recepção tradicional para a transmidiática. Lopes (2011) argumenta sobre a existência de dois momentos distintos entre audiência e mídia na sociedade de rede: antes e após a entrada da participação do receptor nos processos que incentivam a transmediação e a interatividade (LOPES, 2011, p. 409). Neste contexto de convergência, as mediações, assim como antes, devem ser enfatizadas, pois “o ambiente dos novos meios exige mais do que nunca o enfoque teórico complexo das mediações na recepção, pautado por um protocolo multimetodológico para sua pesquisa empírica” (Ibid., p. 414).

Sousa (2012) destaca as mediações da tecnologia nos estudos de recepção por perceber que essa adquire a capacidade de moldar práticas culturais e sociais no contexto atual. Para o autor, questões que envolvem as práticas de recepção, como a individualização crescente e a exposição midiática como manifestação da subjetividade e identidade, são fatores, entre outros, que podem levar a recepção a ser vista como espaço mediador da construção de experiências que se traduzem em formas atualizadas de expressão pública do estar junto coletivo (SOUSA, 2012, p. 45).

Apesar da impossibilidade de expor de forma mais completa o modo como os autores (aqui citados) brasileiros têm pensado a recepção midiática, seja pela restrita abrangência de um trabalho de caráter monográfico – relativa ao tempo possível destinado às leituras ou ao tamanho físico da obra – concluímos dois pontos que, pensamos, podem ser considerados comuns entre tais pesquisadores. Em primeiro lugar, fica visível a preocupação dos autores frente à possibilidade de o estudo de recepção abarcar exclusivamente o momento da relação receptor e televisão, ou seja, preocupam-se com estudos que consideram somente a situação do ver televisivo. Todos os autores concordam que a recepção é um processo que antecede e sucede o momento de ver.

Um segundo ponto diz respeito à inquestionável relevância das mediações nestas pesquisas, que, mesmo com as mudanças dos meios de comunicação relativas à tecnologia e,

consequentemente, à convergência, como nos aponta Lopes (2011), continuam a ser decisivas nos momentos de atribuições de sentidos pelos receptores. Além disso, torna-se perceptível a relevância dos Estudos Culturais na constituição dos estudos de recepção brasileiros e latino-americanos como linha que possibilitou a abertura da recepção e sua aproximação com a cultura.

2.3 A RECEPÇÃO JORNALÍSTICA E SEU DESENVOLVIMENTO NA AMÉRICA LATINA

Assim como ocorrido nos estudos da comunicação em geral, até o início dos anos 2000, a pesquisa em jornalismo realizada no Brasil esteve concentrada majoritariamente na análise das mensagens e ignorou os usos e consumos, assim como a circulação dos conteúdos jornalísticos no cotidiano dos sujeitos (JOHN, 2014, p. 139). O foco das pesquisas no texto midiático se confirma pela constatação da ausência do cunho social e cultural nas pesquisas de recepção jornalística da década anterior.

No levantamento realizado por Jacks, Menezes e Piedras (2008), construído com base nas teses e dissertações dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação publicados na década de 1990, as autoras constataram que, entre as 49 pesquisas de recepção encontradas, apenas duas trataram sobre jornalismo, sendo uma de abordagem sociocultural e outra comportamental. Na pesquisa sociocultural, desenvolvida por Januária Alves (1993) e intitulada *Jornal infantil: expressão e participação*, é discutida a forma como as crianças produzem cultura enquanto se relacionam com o jornal infantil (JOHN, 2014, p. 142). *Ler sem engasgar*, de abordagem comportamental, foi desenvolvida por Mônica da Costa (1992), que analisou a recepção do complemento “Folhinha” do jornal Folha de São Paulo.

A escassez de pesquisas que tomam o cotidiano dos receptores como o lugar a partir do qual se torna possível conhecer as produções de sentido formadas no contato com a mídia pode ser compreendida a partir da afirmação de Motta (2005), autor que acredita ser o modelo midiocêntrico/hegemônico predominante até a década de 60 nas pesquisas sobre conteúdos jornalísticos. Tal paradigma “atribui certa autonomia de poder ao jornalismo frente à sociedade e poucas vezes leva em consideração as ações da sociedade sobre o jornalismo”. (MOTTA, 2005, p. 5).

Em contraposição, o autor apresenta a ideia de que a pesquisa em jornalismo tem adotado o paradigma sociocêntrico/contra-hegemônico, este que ganhou força teórica e metodológica nas décadas de 80 e 90 e que “não nega a importância do jornalismo e da mídia

na sociedade contemporânea nem o seu caráter de classe. Mas [...] dirige o foco para a sociedade civil, para as relações sociais” (Ibid., p. 10). Em consonância, o surgimento das pesquisas de recepção jornalísticas na década de 2000 evidencia “o deslocamento do olhar sobre as mensagens, aos sujeitos que delas fazem os mais diversos usos” (JOHN, 2014, p. 162), mudança esta confirmada pelo levantamento realizado por autor (Ibid.), construído com base na produção acadêmica dos programas de Pós-Graduação da década de 2000. Entre as pesquisas de recepção realizadas nesta década, 54 trataram sobre o jornalismo, sendo que 21 pesquisas foram classificadas na abordagem sociocultural, 17 pesquisas na sociodiscursiva e 16 pesquisas classificadas na abordagem comportamental. Assim, a realização de pesquisas de recepção jornalística apresentou um aumento significativo, de 27% entre a década de 90 e 2000.

Nas pesquisas encontradas, que abarcam três abordagens já citadas, a televisão prevalece como o meio mais estudado, presente em 22 pesquisas, seguida pelos jornais, revistas e internet. Quanto aos públicos, a predominância se dá nos grupos específicos, já que 21 das pesquisas optaram por pesquisá-los, seguido disso estão os trabalhos realizados com adultos, com os jovens e com o público feminino, com o qual foram realizados apenas dois trabalhos. No que diz respeito à metodologia, entre os 54 estudos, apenas seis se detiveram em abordagens quantitativas, sendo que estes não correspondem aos trabalhos socioculturais. As técnicas mais utilizadas foram entrevista, aplicação de questionários, seguidas pela discussão em grupo e observação participante (entre outras técnicas).

As investigações que mais nos interessam aqui são aquelas classificadas por John (2014) como socioculturais, por concentrarem seu foco no cotidiano dos receptores e para os quais, segundo Escosteguy e Jacks (2005), o termo recepção deve ser reservado. Estes somam 21 pesquisas de recepção jornalística, sendo que, entre estas, três têm como conteúdo analisado o Jornal Nacional, o programa televisivo que mais se repetiu nesta abordagem. Carvalho (2008) e Maia (2009) trabalharam com a temática da identidade cultural e Fernandes (2006) com a mídiatização das migrações (JOHN, 2014, p. 154). Nesta abordagem, em particular, existe também a predominância da televisão como o meio mais estudado, tendo como objeto o telejornalismo. Entre os autores-base, Martín-Barbero é o mais citado, e as temáticas predominantes nas pesquisas desta abordagem são a identidade e a produção de sentido sobre temas como MST e violência (Ibid., p. 156).

Entre as pesquisas socioculturais encontradas pela autora, interessa-nos a dissertação de Carmen Pereira (2004), que objetivou compreender a forma como as construções simbólicas da mulher apresentadas pelo programa Globo Rural foram apreendidas e interpretadas por

receptoras residentes no meio rural. No âmbito da recepção, buscou estudar as apropriações das receptoras com base nas mediações do gênero em articulação com a classe, e por um “*habitus* midiático e por um *ethos* midiático” (Ibid).

Deste modo, teoricamente, Pereira (2004), entre outros enfoques teóricos, rumou à teoria das mediações a partir de Jesús Martín-Barbero e abordou a cultura como campo de disputas pela hegemonia, expôs a questão das identidades e mestiçagens possibilitadas pela midiaticização dos meios de comunicação. Entre outros pontos, Pereira concluiu que as mediações da experiência, do local de pertencimento e de gênero são essenciais para a compreensão das apropriações das receptoras sobre as construções simbólicas do feminino rural pelo Globo Rural.

O levantamento realizado por Jacks, Frankenberg e Lozano (2009) contemplou as publicações das 55 revistas de comunicação social mais importantes da América Latina entre os anos 1992 e 2007. Foram analisados 982 números de tais revistas e encontrados 96 artigos que apresentaram pesquisas empíricas de recepção. Assim como John (2014), estes autores também afirmam o crescimento das pesquisas de recepção de conteúdos noticiosos, sendo que, entre os 96 trabalhos analisados, 12,6% trataram sobre o gênero jornalístico. Além disso, as mulheres como amostras de pesquisa também ficaram em segundo plano, já que, assim como o público infantil, “não atraíram suficiente atenção dos poucos acadêmicos que se dedicam ao estudo do campo” (FRANKENBERG; LOZANO; JACKS, 2009, p. 174). O levantamento realizado pelos autores não abordou o tema da recepção dos diferentes gêneros em separado, portanto não cabe aqui a explanação das pesquisas em geral.

A partir da exposição, confirma-se o aumento, no território latino-americano e brasileiro, do estudo de recepção de conteúdos jornalísticos com o passar das décadas, sendo abandonada paulatinamente a ideia de poder do jornalismo frente a uma sociedade submissa e passiva, o que pode ser percebido pela adoção de métodos qualitativos e de eixos teóricos baseados nos Estudos Culturais. Mesmo com este acréscimo, fica visível a lacuna relativa aos estudos que apresentam como público estudado as mulheres, o que se torna ainda mais saliente quando se trata das suas relações com o telejornalismo. Cabe ressaltar que os levantamentos utilizados para a realização desta apresentação não explicitam os resultados das pesquisas.

2.4 A TEORIA DAS MEDIAÇÕES DE JESÚS MARTÍN-BARBERO

As distintas produções de significados realizadas pelos receptores, ativos no processo de recepção midiática, remetem à existência de mediações situadas entre a vida cultural e social

dos indivíduos e a recepção dos conteúdos midiáticos. Nos Estudos Culturais Latino-Americanos, a perspectiva das mediações é central e possibilitou que estes abandonassem a maneira dualista de enxergar as relações entre meios e audiências, que se davam a partir da análise da resistência das classes populares frente aos meios de comunicação ou pelo entendimento dos conteúdos de forma totalmente moldada pelas ideologias das classes dominantes. Assim, a partir da teoria das mediações, a recepção passou a ser vista como parte das práticas culturais, sendo ainda caracterizada como um contexto complexo que as pessoas vivem em seu cotidiano (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 132).

Para tomarmos conhecimento das apropriações que buscamos reconhecer, trabalhamos com o modelo das *Mediações Comunicativas da Cultura*, apresentado por Jesús Martín-Barbero no livro *Ofício de Cartógrafo* (2002). Para o autor, o modelo daria conta da complexidade das relações constitutivas da comunicação na cultura (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 229), assim, conecta a complexa relação que se constrói entre cultura, comunicação e política com a relevância dos meios de comunicação na sociedade atual.

O modelo é composto por dois eixos que ordenam as mediações, um sincrônico, que relaciona as Lógicas de Produção com as Competências de Recepção e Consumo e outro diacrônico, que tenciona as Matrizes Culturais e os Formatos Industriais, a partir do qual analisamos a mediação da socialidade, situada no mapa entre as Matrizes Culturais e as Competências de Recepção e Consumo e a ritualidade, situada entre os Formatos Industriais e as Competências de Recepção e Consumo. Em trabalho anterior, Barbero e Munhoz argumentam que

as mediações são esse lugar de onde é possível compreender a interação entre o espaço da produção e o da recepção: o que se produz na televisão não responde unicamente a requerimentos do sistema industrial e a estratégias comerciais, mas também a exigências que vêm da trama cultural e dos modos de ver. (MARTÍN-BARBERO; MUNHOZ, 1992, p.20 apud LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002, p.39).

A socialidade situa-se entre a produção dos meios de comunicação e suas tecnologias e os momentos de recepção e consumo dos textos midiáticos pela audiência é um dos “lugares” onde, a partir das práticas sociais constitutivas da cultura, os indivíduos são capazes de realizar diferentes leituras acerca dos textos. É nela, mediação, “gerada na trama das relações cotidianas que tecem os homens ao juntarem-se” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 17) onde ocorrem os processos de construção dos sujeitos e das identidades, portanto, liga-se às relações sociais, ao indivíduo e seus diferentes pertencimentos identitários, entre eles o pertencimento de classe e o papel de instituições como a família e a escola na constituição dos

sujeitos e na formação de valores que concorrem com os valores da mídia (RONSINI, 2011, p. 89). Jacks, Menezes e Piedras afirmam que a socialidade

[...] permite analisar os cenários onde os receptores atuam e interatuam, onde exercem suas práticas e seus *habitus*, onde a subjetividade e as identidades constroem-se e reconstroem-se, com o fim de entender o que se passa no mundo da recepção e do consumo, ou seja, no mundo dos atores sociais e suas vinculações com o mundo social. (JACKS; MENEZES; PIEDRAS, 2008, p. 36).

Ao tratar da mediação da família, apropriamo-nos do que Martín-Barbero afirma no livro *Dos meios às mediações*(2009) a respeito da cotidianidade familiar. O autor acredita que o cotidiano familiar se traduz em um lugar social de interpelação fundamental para os setores populares e que a televisão na América Latina ainda tem a família como “unidade básica da audiência” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.295). A família é vista ainda como uma das principais mediações, pois é nela que os indivíduos podem ser quem realmente são, demonstrando seus anseios e se confrontando como pessoas, além de ser considerada como a “situação primordial de reconhecimento” (Ibid.).

O trabalho pode ser visto, neste caso, como um segundo lugar de mediação, sendo que boa parte dos dias das mulheres de classe popular são construídos com base nas relações sociais dos locais em que trabalham. Seja nas casas, nas relações com clientes ou nas relações com outras pessoas que tenham objetivos comuns, o local de trabalho se torna local de solidariedade, relacionamento com colegas – ou chefes-, além de ser o espaço onde o trabalhador se realiza profissionalmente, assim, torna-se um fator de mediação importante no processo da recepção midiática (FÍGARO, 2000, p. 94). O trabalho é intrínseco à socialidade e se relaciona à formação de identidades, já que é neste espaço que o sujeito trabalhador “tira o seu aprendizado, constitui seu ponto de vista, formula sua ideologia” (Ibid., p. 94).

A segunda mediação estudada na presente pesquisa remete à ritualidade, a qual Martín-Barbero (2002, p. 233) afirma que remete aos diferentes usos sociais da mídia e aos trajetos de leitura, “marcados pelos níveis da educação, pelos haveres e saberes constituídos em memória étnica, de classe ou de gênero, e pelos hábitos familiares de convivência com a cultura letrada, a oral ou audiovisual”, entre outros.

Os usos sociais da mídia dizem respeito às formas como as audiências utilizam as mídias e aos seus hábitos nos momentos de recepção, podendo ser limitados aos *modos de ver* televisão, sobre os quais nossa análise se restringe devido à possibilidade de indicarem a forma como os receptores se comportam diante dos meios e as diferentes inserções da mídia no cotidiano dos receptores. Assim, os modos de ver nos fazem compreender ritualidade

como uma categoria para “contextualizar a recepção de programas televisivos no espaço doméstico” (RONSINI; SILVA; WOTTRICH, 2009, p. 13).

Esta mediação regula a interação entre os espaços e tempos da vida cotidiana com os espaços e tempos apresentados pelos meios, o que se realiza por meio das práticas que possibilitam a recepção: leitura, escuta e olhar (JACKS, 2008, p. 23). Isto implica atribuir aos meios uma “capacidade para colocar regras” (Ibid., p. 23) sobre a significação e a situação, já que a significação da mensagem midiática é promovida pelos meios, responsáveis também por estipular os formatos industriais dos programas e gêneros televisivos. Porém, esta perspectiva também aciona nos sujeitos o controle sobre significação e situação, já que os receptores atribuem sentido e se apropriam das mensagens midiáticas de acordo com seu contexto, bem como adaptam a assistência televisiva aos seus rituais cotidianos.

3 CULTURA POPULAR, HEGEMONIA E CLASSE SOCIAL

3.1 CULTURA POPULAR E HEGEMONIA

De acordo com o conceito de hegemonia apresentado por Antonio Gramsci, nossa ideia de cultura popular consiste na capacidade desta em expressar e constituir relações de poder. Assim, a partir dessa perspectiva, foi possível sair da maneira dualista de estudar a cultura popular, formada pelo estruturalismo e pelo culturalismo, sendo que o primeiro a concebe como condutora de uma ideologia burguesa indissolúvel e o segundo, como local de autêntica cultura do povo. A reflexão gramsciana estabelece um novo tipo de análise da cultura popular, a partir da qual ela não é vista “nem como o local da deformação cultural do povo nem como a sua auto-afirmação cultural [...] ao contrário, ela é vista como um campo de força de relações moldadas precisamente por essas tendências e pressões contraditórias” (BENNETT, 1986, p. 13 apud ESCOSTEGUY, 2010, p. 114).

É inserida nestas relações de força que entendemos a cultura popular, como uma formação não estática, mas completamente mutável pelo contato, analisado aqui principalmente pela ação da mídia, com os setores hegemônicos ou dominantes. A cultura popular é um espaço onde ocorre a luta contra e a favor da cultura dos poderosos, sendo uma arena de consentimento e resistência (HALL, 1981, p. 239 apud ESCOSTEGUY, 2010, p. 121).

Nesse contexto amplo em que se insere a ideia da cultura popular, esta, também de acordo com a noção da hegemonia, não pode ser entendida como um conjunto de objetos produzidos por determinado extrato social ou, como apontam os autores Hall (2003) e Canclini (1987), estabelecida a partir da elaboração de um inventário, uma lista de artefatos. A cultura popular deve ser entendida como a posição ocupada por determinados indivíduos e práticas sempre em relação a outras culturas que auxiliam em sua constituição. Diante disso, a compreendemos a partir da abordagem dos Estudos Culturais, como uma espécie de “campo de batalha permanente” (HALL, 2003 p. 255) que opõe os polos da cultura popular e dominante e faz com que esta cultura esteja sempre em movimento de reelaboração e reprodução, construído com base no intercâmbio realizado entre as culturas, mas principalmente com relação à dominante.

É a partir de uma das ideias de Hall, a de que a indústria cultural tem a capacidade de, através de seleções e recortes, implantar definições de nós mesmos com o objetivo de adequar nossas próprias percepções aos ditames dominantes (HALL, 2003), que entendemos a relação

entre as mulheres da classe popular e a esfera midiática. Apesar de esta não ser uma definição que serve inteiramente aos propósitos do autor, ela nos faz pensar de forma profunda na complexidade das relações culturais. Ao mesmo tempo em que tal concepção não deve fazer com que entendamos a sociedade como passível de absorções descontroladas e involuntárias advindas dos setores hegemônicos, não podemos negar que a ação da mídia, no caso específico de estudos de representação, cumpre com o papel de construção social e cultural dado a partir de um movimento reflexivo. A comunicação tem a capacidade de atualizar, reproduzir e renovar uma dada cultura (FRANÇA, 2014, p. 69).

Hall (1999, p. 23) argumenta que sempre há

[...] uma ligação estreita a ser traçada entre cultura e dos meios de comunicação, entre os significados e práticas que constituem a base de toda a cultura moderna e os meios tecnológicos – a mídia – pelo qual muito das culturas sejam agora produzidas, distribuídas, usadas ou apropriadas [...] Cada nova tecnologia, em outras palavras, tanto sustenta quanto produz ou reproduz culturas.

Embora a cultura e a hegemonia sejam as bases da abordagem dos Estudos Culturais, estes últimos fundamentais à nossa pesquisa, o que buscamos mesmo é o aprofundamento da noção de classe social, que está diretamente ligada à cultura, mesmo com as restrições apontadas por Hall (2003). O autor argumenta que, apesar de os termos “popular” e “classe” apresentarem relações bastante complexas entre si, não existem formações culturais específicas para cada classe social, já que

O termo "popular" indica esse relacionamento um tanto deslocado entre a cultura e as classes. Mais precisamente, refere-se à aliança de classes e forças que constituem as "classes populares". A cultura dos oprimidos, das classes excluídas: esta e a área a qual o termo "popular" nos remete. E o lado oposto a isto — o lado do poder cultural de decidir o que pertence e o que não pertence — não é, por definição, outra classe "inteira", mas aquela outra aliança de classes, estratos e forças sociais que constituem o que não é "o povo" ou as "classes populares": a cultura do bloco de poder. O povo versus o bloco do poder: isto, em vez de "classe contra classe", e a linha central da contradição que polariza o terreno da cultura. A cultura popular, especialmente, é organizada em torno da contradição: as forças populares versus o bloco do poder. (HALL, 2003, p. 262).

Ainda com relação a isto, França (2006) nos aponta que, nos dias atuais, torna-se impossível delimitar fronteiras claras entre os universos culturais ou encontrar uma equivalência perfeita entre classe social e cultura devido ao nível de mistura e hibridação que marcam a dinâmica cultural. Tomar a cultura como “uma matriz cultural vista como *mediação* para estudar a comunicação, localizada *entre* os meios e as práticas cotidianas”

(ESCOSTEGUY, 2010, p. 126, grifo da autora) integra nossa perspectiva de trabalho de forma ampla, já que a cultura, em nosso entendimento, está além da noção de classe social.

3.2 CLASSE SOCIAL NOS ESTUDOS DE RECEPÇÃO E A IMPORTÂNCIA DO CONCEITO

Para além da tomada da cultura popular como algo que permeia de forma essencial as relações entre receptor e mídia, entendemos a classe social relacionada com essa cultura e como estruturante da socialidade, portanto, algo que é basilar as outras mediações, como o trabalho e a família. É pela relevância dessa noção, como lugar de fala que atravessa modos de pensar e agir, que situamos as elaborações de sentidos realizadas pelas mulheres entrevistadas dentro da classe social a qual pertencem.

É a partir da ideia de classe como estruturante de qualquer prática social, mesmo diante da perda do seu significado político e da sua parcial potência para explicar fenômenos econômicos, culturais e sociais (RONSINI, 2007), que a entendemos. O modo como a classe social é base de diferentes âmbitos das relações dos indivíduos pode ser mais bem compreendido quando nos referimos ao consumo de mídia, e à recepção midiática, principalmente em um trabalho que estuda as representações sociais que determinado segmento social elabora sobre si mesmo a partir de um programa televisivo e das mediações do trabalho e da família.

Mesmo que a condição socioeconômica não explique “em si mesma ações e representações sociais”, ela está relacionada de forma íntima com estas (RONSINI, 2007, p. 22-23), o que, em nossa percepção, faz com que programas televisivos sejam interpretados e consumidos de diferentes maneiras por indivíduos pertencentes a classes ou frações de classes distintas. Para Pierre Bourdieu (1968), os hábitos com base na classe estruturam não apenas *o que* as pessoas consomem, mas *como* elas consomem (BOURDIEU, 1968, p. 593 apud MUDOCK, 2009, p. 41, grifo do autor).

A relevância da noção de classe social para a formação das relações e percepções dos indivíduos não é posta em dúvida, mas mantemos a observação de que as visões de mundo de grupos e classes não podem ser relacionadas de forma direta à posição de classe, pois: a) ela não produz consciência ou visões de mundo exclusivas e específicas; b) todas as classes estão sujeitas a formações de discursos comuns; c) a posição de classe é “atravessada” por outras posições sociais, como etnia, gênero e idade (RONSINI, 2012, p. 40). Apesar deste atravessamento, que pode levar a entender que a classe social como fator econômico ou

cultural se iguala a outros tantos fatores de diferenciação social, Lopes, Borelli e Resende (2002, p. 14) argumentam que

a diferença de classe, ainda que mediada pela multiplicidade de distinções introduzidas pela etnia, gênero, idade, entre outras, não é uma diferença a mais, mas, sim, aquela que articula as demais a partir de seu interior e expressa-se por meio do habitus, capaz de entrelaçar os modos de possuir, de estar junto e os estilos de vida.

Ao se referir ao possível enfraquecimento do estudo das classes no capitalismo, Murdock afirma que tal concepção pode ser compreendida como uma “recusa em reconhecer que a classe permanece sendo um importante princípio estrutural de cada aspecto da vida no capitalismo recente, incluindo comunicações [...]” (MURDOCK, 2009, p. 32). Ronsini (2007, p. 14) sustenta que

[...] no plano empírico, classe permanece como princípio organizador da sociedade capitalista e, no epistemológico, atende a dois propósitos: permite aproximarmo-nos das determinações dos fenômenos, aqui entendidas como as que partem das divisões de classe, pautadas nas diferenças profissionais, de renda, de educação formal, acesso aos bens culturais e aos centros de decisão do poder.

A noção de classe aqui vai além da visão economicista, que percebe os extratos sociais apenas pela ótica dos lugares ocupados por eles na produção, modo este de entender as classes que encobre a cada vez menos valorizada divisão de classes e faz percebê-la apenas a partir do âmbito econômico, como se a posição ocupada na sociedade pudesse ser baseada apenas da renda dos indivíduos. Tal concepção omite e torna invisíveis “todos os fatores e precondições sociais, emocionais, morais e culturais que constituem a renda diferencial” (SOUZA, 2012, p. 18). De forma mais abrangente, entendemos que a posição que uma classe ocupa no espaço social se define pela posição ocupada nos campos econômico, social e cultural (RONSINI, 2007, p. 22)⁴.

3.3 A OCUPAÇÃO COMO CRITÉRIO DE CLASSIFICAÇÃO SOCIAL

A sociedade em que vivemos é marcada por uma profunda desigualdade em diversos âmbitos, em que uns poucos possuem riquezas e a maioria não dispõe de recursos básicos. O conceito de classe, além de embasar a presente pesquisa teoricamente, nos faz pensar na pertinência do termo para definir a segmentação socioeconômica e cultural (RONSINI, 2007, p. 23). Segundo Pochmann (2010), o segmento de menor renda no Brasil, em 2008, ou seja, as

⁴ Noção de classe social a partir de Pierre Bourdieu (1989).

pessoas com rendimentos individuais de até 188 reais mensais, consistiu em 26% da população nacional (POCHMANN, 2010, p. 644), sendo que, mesmo com a redução de 8% da pobreza entre o ano de 2005 e 2010, através do aumento salarial e dos benefícios oferecidos pelo governo, o Brasil tem muito a superar em termos de desigualdade social.

As classes sociais são estruturas complexas que impõem dificuldades aos pesquisadores em classificar os atores sociais como possuidores de lugares na sociedade. Sarti (1996) argumenta que a pobreza pode ser entendida como uma categoria relativa, pois qualquer tentativa de classificar os pobres a partir de um único critério pode reduzir seu significado social e simbólico. A autora cita Oscar Lewis para argumentar que “la cultura de la pobreza em las naciones modernas no es solo una cuestión de privaciones econômicas, de desorganización o carência de algo” (LEWIS, 1975, p. LV-XLVI apud SARTI, 1996, p. 23). Portanto, segundo a autora, existe uma dimensão simbólica e social que define os pobres, o que faz a categoria ser dissociada da carência material de forma exclusiva.

Discordar da definição das classes sociais através da utilização exclusiva do critério econômico não implica abandoná-lo, portanto, mesmo que concordemos com a dificuldade em classificar as classes sociais a partir de um único critério, temos que o fazer. Por isto seguimos classificação de classe semelhante à utilizada no projeto *Aprendendo a ser mulher de classe com a mídia* (QUADROS, 2001). Tal perspectiva, ao combinar a ocupação e o rendimento dos indivíduos, faz-se ideal para o entendimento da estrutura do contexto brasileiro. Nela, a classe popular é constituída pela baixa classe média assalariada, pelos segmentos operários e demais assalariados populares e pelos segmentos inferiores dos trabalhadores autônomos.

Apresentamos a seguir as ocupações das informantes da pesquisa: Norma é massoterapeuta e depiladora; Rosângela está desempregada; Zulmira e Hilda são aposentadas como empregadas domésticas. Mas é de acordo com os membros melhores situados nas famílias de cada uma que as entrevistadas foram classificadas, portanto, Hilda é o membro melhor situado de sua família, já no caso de Zulmira, o posto é assumido pelo filho, que trabalha como segurança noturno, no de Rosângela é o marido, que trabalha como agricultor na propriedade rural que a família conquistou através de uma trajetória marcada pela luta em assentamentos rurais e, no caso de Norma, o membro melhor situado é o marido, representante comercial aposentado⁵. De acordo com a classificação de Quadros (2008) a partir do membro melhor remunerado da família, Norma, Rosângela, Zulmira e Hilda

⁵ Durante os últimos 30 anos de trabalho formal. o marido de Norma não teve carteira assinada, trabalhando de forma autônoma. Ele se aposentou pela idade.

pertencem à baixa classe média. O fato de a classificação de classe ser realizada de acordo com o membro melhor situado da família faz com que Zulmira seja assim classificada devido à ocupação do filho ser melhor que a sua, mas ele não contribui com o sustento da casa, sendo que Zulmira é responsável por todos os gastos.

O critério ocupacional pressupõe que, ainda que os rendimentos variem em ocupações semelhantes, exista um padrão médio de vida conforme a ocupação (SIFUENTES, 2014, p. 38), portanto, a divisão não se dá somente com relação à renda, mas está atrelada a aspectos econômicos, educacionais e comportamentais (Ibid., p. 39). Além disso, Sorokin (1977) esclarece, ao se referir ao pertencimento de classe, que as “pessoas que tem ocupações, posição econômica e direitos e deveres análogos se tornam semelhantes de várias outras maneiras, tanto no comportamento, quanto física, mental e moralmente” (SOROKIN, 1977, p. 87).

3.4 O TRABALHO E A FAMÍLIA: SIGNIFICADOS PARA AS CLASSES POPULARES

Tratamos primeiramente o trabalho e a família como duas esferas que tomam proporções ampliadas no contexto de vida das mulheres da classe popular pelo fato de que o primeiro se constitui como a base de sobrevivência, delas e da família, e esta consiste em um dos principais motivos que as leva a trabalhar, além do desejo pela independência e de convívio social. Estas esferas são primordiais em suas formações identitárias e de posição social que ocupam. Como afirma Almeida (2013, p. 116)⁶, a partir de diferentes pesquisas realizadas com mulheres de camadas médias e populares,

[...] parece importante destacar como elas [mulheres] revelam os dois grandes valores associados ao feminino: por um lado, a maternidade, por outro o trabalho e independência social [...] Mesmo aquelas [mulheres] de camadas populares, que sempre tiveram que trabalhar e não tinham outra opção, declaravam a importância que sentiam em ter sua parte no dinheiro da família, o que lhes permitia tomar certas decisões.

Entendemos que, de forma geral, mesmo que o Brasil seja um país marcado pela diversidade das mulheres em distintos âmbitos, elas carregam traços em comum, pois são “rostos, corpos e histórias que se distinguem, ao mesmo tempo em que se confundem, no

⁶ Conforme a autora, o texto utilizado aqui remete aos resultados de duas pesquisas: *Telenovela, consumo e gênero: muitas mais coisas* (2003); *Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela* (2007), realizadas com base em sua tese de doutoramento Almeida (2001) e em dados de outras pesquisas empíricas realizadas por ela. Além disso, o texto utilizado mescla dados de uma pesquisa empírica da FPA e alguns dados da pesquisa *Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado*. (ALMEIDA, 2013).

intuito comum de lutar com garra pela sobrevivência e pela dignidade de si mesmas e dos seus” (ABI ABIB; MIRANDA, 2012, p. 13). Integra nosso objetivo apresentar o que realmente importa às classes desfavorecidas, a família e o trabalho, e como estas instâncias ganham relevância e adquirem significado na vida destas classes.

A esfera do trabalho tem recebido constante relevância no decorrer da história do gênero feminino e está intimamente ligada à questão da ascensão social. Apesar da diversidade de representações quanto às ocupações femininas no contexto brasileiro, as mulheres pertencentes à classe popular “foram majoritariamente empregadas domésticas, babás, cozinheiras e tiveram outras funções, como lavar, passar, costurar para fora. O trabalho era muitas vezes uma condição, algo necessário para sustentar a família, e não uma escolha” (ALMEIDA, 2012, p. 111). Mesmo que a autora se refira a um tempo passado⁷, o trabalho como forma de sobrevivência e não como opção está presente na trajetória das mulheres que constituem nossa amostra, e, em todos os casos, foi devido à necessidade de trabalhar que os estudos foram interrompidos, o que se constitui em um ciclo, já que é a baixa escolaridade que faz com que as mulheres tenham ocupações pouco reconhecidas socialmente e/ou mal remuneradas.

O ingresso das mulheres na esfera pública⁸, que tem se dado com o passar do tempo, não distancia nossa percepção de que “ainda que a sociedade tenha vivenciado várias mudanças culturais, o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho se deve, sobretudo, à necessidade de sobrevivência” (TEMER et al., 2012, p. 32). A dimensão da relevância do trabalho na vida das mulheres de classe popular será mais bem compreendida quando apresentarmos este em combinação com os dados empíricos, quando nos referimos às trajetórias de nossas informantes, a partir da saída de casa, quando crianças ou jovens, até as condições por elas vividas nos dias atuais.

Além da concepção do trabalho feminino ser marcado pela divisão entre o privado e o público e como indispensável pelo viés econômico, pois “a quantidade de rendimentos impõe limites, indo determinar não só o que pode ser comido ou vestido, mas também de que maneira a própria cidade pode ser apropriada; ou seja, é a renda que vai ditar, em boa medida, a maneira de viver” (CALDEIRA, 1984, p. 104), este adquire, entre as classes populares, uma dimensão que ultrapassa este fator e apresenta um valor que se sobressai ao dinheiro. Como nos aponta Sarti (1996), o trabalho para os pobres vai além da concepção econômica, mas se

⁷ Almeida (2013) se refere a “inúmeras pesquisas na área de história” (2014, p. 111), nas quais se baseou para escrever sobre os tipos de trabalhos predominantes na vida das mulheres até os anos 70.

⁸ Consideramos as casas em que as mulheres trabalham como espaços públicos, pois diferem da organização de seus próprios lares.

relaciona também ao âmbito da moral dos pobres trabalhadores que compensa as desigualdades socialmente dadas, na medida em que é construído dentro de outro referencial simbólico, diferente daquele que o “desqualifica” socialmente.

Ao lado da negatividade contida na noção de ser pobre, a noção de ser trabalhador dá ao pobre uma dimensão positiva, inscrita no significado moral atribuído ao trabalho, a partir de uma concepção da ordem do mundo social que requalifica as relações de trabalho sob o capital. Se o trabalhador se localiza como pobre no mundo social, não se considera pobre de espírito, porque tem os valores morais que lhe permitem, quando *cair no buraco, se levantar*. (SARTI, 1996, p.67).

Percebemos que o trabalho se relaciona também à formação das identidades das classes populares, já que, nos locais de trabalho, além do contato com a família e a televisão, muitas vezes os indivíduos de classes desfavorecidas têm contato com outras realidades, identidades e comportamentos, podendo então formar ou confirmar suas identidades e concepções frente a outras possibilidades, convivências e aprendizados.

Além do trabalho, a família é uma instituição de relevância para as mulheres de classe popular na medida em que é por ela que as mulheres lutam em busca de melhores condições de vida, principalmente quando se trata do marido e dos filhos, forma como são constituídas as unidades familiares das entrevistadas desta pesquisa. Assim, a esfera familiar, além do significado emocional, serve como o estímulo para o trabalho, tendo influência direta neste. É na esfera familiar que as vontades são compartilhadas e onde se inicia o processo de aprendizado de divisão de decisões, como argumenta Durham (1980, p. 207-208 apud CALDEIRA, 1984, p. 105): “a família aparece como núcleo de atividades coletivas [...] e um grupo dentro do qual as pessoas tomam coletivamente decisões que afetam seu destino comum”, decisões estas que perpassam diretamente sobre as opções trazidas pelo trabalho ao seio familiar, como o consumo.

Diante da carência de outras instituições na vida dos indivíduos de classes populares, a família – formada pelos membros com quem se convive diariamente, mas também ressaltamos a relevância dos “parentes”, a parte da família que está para além da porta da casa, principalmente nos casos das mulheres idosas –, se torna um lugar de referência identitária, o que significa dizer que é nela que estas pessoas se formam como indivíduos sociais, onde têm seu primeiro contato com um grupo. É também para ela que estas pessoas recorrem quando necessitam de qualquer tipo de auxílio, seja de ordem emocional ou econômica. Assim, a instituição familiar é como uma referência simbólica e, quando “pensada como uma ordem moral, constitui o espelho que reflete a imagem com a qual os pobres ordenam e dão sentido ao mundo social” (SARTI, 1966, p. 3-4).

De maneira mais geral, a autora supracitada argumenta que

A família não é apenas o elo afetivo mais forte dos pobres, o núcleo da sua sobrevivência material e espiritual, o instrumento através do qual viabilizam seu modo de vida, mas é o próprio substrato de sua identidade social. Em poucas palavras, a família é uma questão ontológica para os pobres. Sua importância não é funcional, seu valor não é meramente instrumental, mas se refere à sua identidade de ser social e constitui o parâmetro simbólico que estrutura sua explicação do mundo (SARTI, 1996, p. 33).

Souza (2012) entende a socialização familiar como primordial no entendimento das classes sociais, já que é na família que as primeiras relações das pessoas são construídas, além de estar diretamente ligada às heranças possíveis de serem passadas de gerações, estas não somente financeiras, mas também ligadas às transmissões afetivas e de comportamentos, principalmente com relação à classe da qual tratamos aqui.

Pensada como instituição de referência para as classes populares, na medida em que serve como apoio de formação dos indivíduos como seres sociais, na relação com a comunicação, a família se torna indispensável, principalmente quando a pensamos como mediação. Como Lopes, Borelli e Resende (2002, p. 140), entendemos que esta esfera é um espaço social (sistema de relações de parentesco), um espaço cultural (história e dinâmica familiares) e um *espaço de mediação* das mensagens da mídia.

A instituição familiar, neste contexto, é entendida como algo que auxilia a construção dos espaços da experiência dos indivíduos e que se manifesta nos momentos de contato com a esfera midiática além de sua manifestação no contato com outras esferas, como o trabalho e as relações em sociedade de forma geral. Assim, tratamos a família como construtora da formação de opiniões e de representações.

4 MÍDIA E REPRESENTAÇÕES

4.1 TELEVISÃO E TELEJORNALISMO: RELAÇÕES ENTRE A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE E AS APROPRIAÇÕES SOCIAIS

Neste estudo, sentimos a necessidade de, além de apresentar dados que provam a relevância da televisão para os brasileiros, versar sobre a forma como a internet tem sido utilizada no Brasil. Tal necessidade se apresenta, visto que, diferentemente da televisão, que mantém índices de assistência constantes no Brasil, o uso da rede mundial de computadores tem crescido significativamente, o que permeia os usos e percepções sobre os produtos midiáticos em diferentes setores da sociedade. De forma mais específica, essa explanação deve-se à ideia de uma espécie de alocação da pesquisa de recepção tradicional dentro do contexto da internet, o que leva à impressão da perda da televisão frente à ascensão da rede mundial de computadores de forma generalizada.

A intenção não é omitir o crescimento da utilização da internet, pois este é visível a partir dos números da pesquisa do CETIC apresentada a seguir e das nossas vivências como indivíduos pertencentes às classes médias e médias altas. Esta é uma tentativa de demonstrar certo incômodo com a adequação da pesquisa de recepção à modernidade, que pode indicar o esquecimento da classe social. Não diferenciamos a televisão da internet, nem questionamos a relevância desta para as classes populares, pois pensamos que é uma extensão da TV. A questão é pensar onde fica a classe social frente às mudanças ocorridas nos modos de estudar a recepção midiática.

A televisão é o meio de comunicação de acesso predominante em todos os extratos sociais no Brasil e o principal meio de informação para as classes populares. Segundo o levantamento TICs Domicílios, com dados referentes a 2014, feito pelo CETIC.br – Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação, 100% dos domicílios dos indivíduos pertencentes às classes “A” e “B” tem este meio de comunicação; 99% da classe “C” e 94% das classes “D” e “E”. A importância da televisão na sociedade é proporcional ao seu nível de analfabetismo e subdesenvolvimento, assim, a influência da TV na pobreza é maior do que na riqueza, o que faz com que, no Brasil, o poder da televisão, em comparação aos países europeus seja visivelmente maior, assim como sua assistência seja um hábito mais cultivado (BUCCI, 2005, p. 15).

Com relação ao uso da internet, não percebemos o mesmo panorama que se apresenta ao tratarmos da inserção da televisão entre os brasileiros, já que, a partir dos dados da

pesquisa citada anteriormente, é visível o descompasso de acesso à informação entre as classes altas e populares. Entre a classe “A”, são 98% dos domicílios que têm acesso à rede mundial de computadores; na classe “B”, este número chega a 82%; na classe “C”⁹, 48% e, nas classes “D” e “E”, este número cai para 14%. Entre estes números está incluso o uso do celular para o acesso à internet. Além disso, ao fazer o caminho contrário, deparamo-nos com a informação de que 55% das classes “D” e “E” não acessam a internet devido ao custo ser alto, enquanto 47% da classe “C” pensa o mesmo, ou seja, um número significativo de indivíduos das classes populares não acessa a internet por falta de condições econômicas, critério não determinante, mas que integra a composição da noção de classe.

O uso do celular, aparelho que facilita o acesso à internet pelas classes populares pela diferença de valor de aquisição quando comparado ao computador, chega a 100% na classe “A”; 99% na classe “B”; 95% na classe “C” e 78% nas classes “D” e “E”. Tais dados se ligam ao fato de que 50% das classes “D” e “E” e 30% da classe “C” têm acesso somente à internet 3G, forma de conexão que se dá principalmente através do celular. Ao todo, 47% dos brasileiros fazem uso da internet pelo aparelho celular, não de forma exclusiva.

A conjuntura que defendemos aqui, diante dos dados que apontam o crescimento do uso da internet e pela não aceitação da perda de significado da televisão, ao menos para as classes populares, nos leva à temática da convergência midiática como adequada ao momento vivido atualmente. Jenkins (2009) propõe justamente a dissolução de fronteiras entre os usos de novos e velhos meios de comunicação, que agora ocorrem de forma simultânea. Assim, argumentamos que meios, como a televisão, não são substituídos, mas que suas funções e status são transformados a partir da inserção de novas tecnologias (Ibid., p. 29). Como aponta Lopes (2011), diferentemente da retórica da revolução digital, moldada dentro de uma ideia de que as novas mídias substituiriam as velhas, há hoje a convergência e mútua influência entre estas mídias.

A convergência nos interessa aqui como forma de pensar em um processo de transformação que acontece entre os próprios meios de comunicação e, conseqüentemente, entre a audiência, já que esta tem passado por um deslocamento do lugar que ocupa, tanto no

⁹A classificação econômica da pesquisa Cetic.br é baseada no Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB), conforme definido pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (Abep). A classificação é feita com base na posse de itens duráveis de consumo doméstico, mais o grau de instrução do chefe da família declarado. A posse dos itens estabelece um sistema de pontuação em que a soma para cada domicílio resulta na classificação como classes econômicas A1, A2, B1, B2, C, D e E. Entendemos a classe C de acordo com Jessé Souza (2013), segundo o qual este extrato social corresponde à “classe trabalhadora”, que “é identificada por cumprir longas jornadas de trabalho, com ritmos muitas vezes extenuantes, recebendo aquém do mínimo necessário, o que a leva a recorrer a frequentes endividamentos, além de possuir vínculos de trabalho precarizados”. (SOUZA, 2013, p. 75).

que se refere ao fato de a recepção midiática se dar em múltiplas telas, quanto no que diz respeito à passagem de receptores a produtores. Essa condição comunicacional contemporânea é denominada por Orozco (2011) como o *trânsito das audiências*.

Diante do alto índice de domicílios que possuem televisão e frente aos números que apontam o uso da internet de forma desigual entre as distintas classes sociais, entendemos que o acesso à informação tomada como confiável, ou jornalística, ocorre a partir do telejornalismo, gênero televisual que se apresenta como um “elemento mediador do espaço público [...] essencial para se narrar e entender o cotidiano” (TEMER et al., 2012, p. 31). Assim, “o telejornalismo ocupa hoje um espaço central na sociedade brasileira como a primeira, a mais barata e mais cômoda informação que os cidadãos e cidadãs recebem” (VIZEU et al., 2010, p. 83). Nesta ideia se encaixa o nosso objeto de estudo, o Jornal Nacional, que vai ao ar em um canal aberto de televisão.

Concordamos com Bucci quando o autor aponta que, devido ao enraizamento que o telejornal tem como provedor de notícias na sociedade brasileira, este pode ser visto como “a instituição jornalística central no Brasil de hoje” (BUCCI, 2007, p. 11 apud TRAVANCAS, 2007, p. 11). De acordo com a centralidade que adquire o jornalismo hoje como elemento mediador entre a realidade do indivíduo e o social, ele ocupa um lugar, para os brasileiros, semelhante ao da família, dos amigos, da escola, da religião e do consumo (VIZEU, 2010, p. 83). A família é entendida por nós como uma esfera, e aqui mediação, inseparável da construção dos indivíduos, assim como acontece com o telejornal no contexto popular.

O telejornalismo é tomado aqui como um gênero televisual construído e construtor. Construído porque, ao tomarmos este gênero como um construtor simbólico de realidades, não podemos deixar de vê-lo como uma instância formada por jornalistas e instituições com diferentes objetivos e que enfatizam vieses distintos, o que se manifesta através de ideologias e de fatores da ordem da produção, como a seleção e o enquadramento, então, a notícia para nós consiste em “uma construção e não uma representação (fiel) da realidade” (GOMES, 2006, p. 5). É construtor porque este gênero tem a capacidade de, principalmente para os setores da população que não têm acesso a outras mídias como fontes de distintas informações, formar representações sociais e, conseqüentemente, auxiliar ou permear a formação de identidades.

A partir de uma visão antropológica como forma de relacionar cultura e telejornalismo, consideramos as notícias como narrativas que representam a cultura, o que nos permite enxergá-las como modelos simbólicos de valores culturais (BIRD; DARDENNE, 1988, p. 71). Tal percepção surge a partir do momento em que consideramos os jornalistas

como profissionais inseridos em culturas, o que os torna indivíduos sujeitos a chamada “gramática da cultura”. (COLBY, 1975 apud BIRD; DARDENNE, 1988, p. 271).

Em outras palavras, o telejornalismo é visto aqui como construção social, o que significa entender que ele é elaborado em uma “formação econômica, social, cultural, além de cumprir funções fundamentais nessa formação” (GOMES, 2006, p. 4). Concordamos com Hall (1997 apud GOMES, 2006, p. 15) quando o autor afirma que o telejornalismo faz parte do circuito da cultura, já que auxilia na formação e representação das culturas.

Sem aprofundar a análise do telejornal em estudo, supomos que o procedimento de representar grupos sociais mobiliza a identidade do indivíduo ao apresentar outros, que podem servir de base para as percepções daquele. É neste contexto que as representações das mulheres de classes populares no Jornal Nacional fazem com que as receptoras elaborem representações próprias acerca delas mesmas, representações estas que, permeadas pela mídia, – e pela família e pelo trabalho –, podem contribuir para a formação de quem elas são, seja através de identificação ou diferença quanto ao estilo de vida das classes representado no telejornal. Segundo Giddens (1991), o estilo de vida está intimamente ligado à autoidentidade, constitui-se no cotidiano das pessoas, assim, é permeado pelas opções que são oferecidas a cada um no espaço social, o que o faz carregar características pertencentes ao universo em que se inserem cada indivíduo ou grupo social.

4.2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E MIDIÁTICAS

Os meios de comunicação, e em especial o telejornal, têm a capacidade de, a partir da disseminação de narrativas a respeito dos mais variados fatos e grupos sociais, auxiliar na construção das formas como eles são construídos no imaginário da sociedade e, conseqüentemente, na formação identitária dos indivíduos que a compõem. De forma mais ampla, pensamos que “[...] a comunicação social, sob seus aspectos interindividuais, institucionais e midiáticos, aparece como condição de possibilidade e de determinação das representações e dos pensamentos sociais” (JODELET, 2001, p. 30). Desta forma, as maneiras como as fontes das reportagens e notícias são retratadas no Jornal Nacional contribuem para a formação de representações acerca de seus próprios modos de vida, relações sociais e condições em que se inserem no mundo, pelos outros e por elas mesmas.

A formação pluridisciplinar do conceito de representações sociais, que vem sendo estudado na Psicologia, na Antropologia e entre outras ciências, tem feito com que haja uma gama de concepções para o termo, cada qual com ideias concebidas em diferentes contextos

sociais. Assim como no processo de formação dos conceitos, as representações, quando elaboradas pelos diferentes grupos sociais e pela mídia, – pela elaboração, neste caso de profissionais da comunicação –, encontram-se situadas em distintos contextos sociais e culturais, desta forma, essas formações podem retratar os movimentos e as diferenças da sociedade em determinados períodos.

Entre os possíveis caminhos a seguir para definir as representações, pensamos que estas, primeiramente, “podem ser tomadas como sinônimos de signos, imagens, formas ou conteúdos de pensamento, atividade representacional dos indivíduos, conjunto de ideias desenvolvidas por uma sociedade” (FRANÇA, 2004, p. 14). Estes símbolos e imagens são construídos no meio social, assim, as formações acerca das representações se formam antes de nossa existência e se fazem presentes em nossas vivências, sendo as representações construções sociais assimiladas pelos indivíduos (MOSCOVICI, 2003).

Apesar da concepção de sermos impregnados com as ideias já formadas acerca dos fatos e grupos sociais elaboradas ao longo do tempo, não somos de todo passivos neste processo, já que “as representações seriam o resultado da nossa ação sobre as imagens, agindo sobre elas e recortando e eliminando aquelas que não interessam às nossas necessidades” (FRANÇA, 2004, p. 15). Essa concepção diz respeito tanto às elaborações midiáticas com as quais temos contato, quanto às nossas construções particulares sobre objetos ou culturas representadas.

No campo da Psicologia Social, através de Moscovici (2003), deparamo-nos com a noção de que as representações sociais podem ser formadoras do senso comum, processo que a mídia auxilia e, assim, torna-se figura importante. De forma ampla, segundo Jodelet (2001, p. 22), as representações podem ser classificadas como

[...] uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber de senso comum ou ainda saber ingênuo, natural, esta forma de conhecimento é diferenciada, entre outras, do conhecimento científico. Entretanto, é tida como um objeto de estudo tão legítimo quanto este, devido à sua importância na vida social e à elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das interações sociais.

A relação da representação com o conhecimento nos interessa aqui como forma de pensar que as representações midiáticas, importantes ingredientes da formação das representações sociais, são relevantes na medida em que o conhecimento adquirido sobre determinado objeto, este primordial para a elaboração de representações, seja ele coisa ou pessoa, faz com que toda a sociedade, apesar de apresentar distintos modos de apropriação

midiática, forme sua concepção acerca de determinado grupo. Este conhecimento serve como construtor da representação, de si mesma e dos outros, constituída pela audiência televisiva.

Com uma pitada do marxismo e adentrando de forma rasa nas concepções da sociologia clássica, ousamos afirmar que a formação das representações pelos indivíduos está imbricada ainda com o pertencimento de classe social, esta tomada aqui como estruturante da socialidade. Isso se evidencia ao defendermos a ligação da formação das representações com as condições privadas dos indivíduos, estas que vêm carregadas do seu lugar no mundo, além das concepções da sociedade que absorvemos. Portanto, a classe social serve aqui como condicionante das formações e apropriações das representações, assim, de forma geral, mas também relacionada à instância da mídia, pensamos que, apesar de as representações poderem ser elaboradas por ideólogos ou filósofos, elas perpassam as ideias de determinado grupo social,

Por isso, embora essas categorias apareçam como elaboradas teoricamente por algum filósofo, elas são uma mistura de ideias das elites, das grandes massas e também das filosofias correntes, e expressão das contradições vividas no plano das relações sociais de produção. Por isso mesmo, nelas estão presentes elementos tanto da dominação como da resistência, tanto das contradições e conflitos como do conformismo. (MINAYO, 109,p. 1995).

As representações sociais são então concebidas neste trabalho, primeiramente, a partir do estruturante da socialidade, a classe social, pela sociedade e pela mídia, o que pensamos se manifestar em um movimento cíclico. Estas apresentações da realidade pelo outro nos fazem pensar em apropriações, novamente a partir do conhecimento adquirido pelos indivíduos que, a partir delas, formam suas próprias representações, como mencionado no item anterior.

5 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

5.1 AMOSTRA

As entrevistadas foram selecionadas a partir do universo das informantes do projeto guarda-chuva *Aprendendo a ser mulher de classe com a mídia*. O projeto tem como objetivo investigar as apropriações das representações de uma feminilidade de classe na novela das oito, a fim de compreender os modos de classificação dos agentes na estrutura social e sua relação com a reprodução da desigualdade de classe e de gênero, bem como com sua contestação. Para a realização da pesquisa, foram entrevistadas 24 mulheres de classes populares, pertencentes a diferentes gerações, idosas, maduras e jovens. As informantes foram entrevistadas com cinco instrumentos de pesquisa, a partir dos quais foi possível conhecer as trajetórias de cada uma. Os temas de tais instrumentos estão detalhados no item “Entrevista”.

O primeiro contato com as trajetórias das 24 mulheres de classe popular realizou-se a partir da leitura das entrevistas, ainda em 2013, ano em que a aluna ingressou no Grupo de Pesquisa Usos Sociais da Mídia, coordenado pela Professora Dra. Veneza Ronsini, na Universidade Federal de Santa Maria. Após as leituras, iniciamos a seleção da amostra deste trabalho, procura que foi baseada primeiramente na assistência do Jornal Nacional pelas mulheres, já que o projeto guarda-chuva tem como principal objeto de pesquisa a telenovela, diferentemente da pesquisa que aqui se apresenta.

Nossa busca contemplou as mulheres jovens, maduras e idosas, sendo que, nesta primeira geração, não obtivemos êxito pelos motivos que seguem: primeiramente, entre as oito jovens de classe popular entrevistadas no projeto, apenas quatro jovens afirmaram assistir ao Jornal Nacional, Marluce, Daniele, Natiele e Andrea. Duas delas, Andrea e Natiele, marcaram o noticiário como gênero televisual preferido em uma questão de múltipla escolha. A primeira não mencionou assistir a outros telejornais que não fosse o Jornal Nacional e Natiele não comentou sobre os telejornais a que assistia. Após o estabelecimento de nosso primeiro contato pessoal, Andrea concordou em participar da pesquisa, mas não dispunha de tempo para a observação participante. Daniele havia se mudado há pouco para a vila Maringá, em Santa Maria – RS e ainda não contava com o sinal digital na residência, o que impossibilitava a assistência da Rede Globo de televisão. Não conseguimos localizar o endereço de Marluce e, após três tentativas, desistimos da busca.

Com a percepção de que nenhuma das três jovens participaria da pesquisa, tentamos buscar por uma quarta, que, apesar de não mencionar diretamente o Jornal Nacional nas

entrevistas, afirmou assistir a uma sequência de telenovelas da Rede Globo, entre as quais se situa o telejornal. Ao entrar em contato com a jovem, esta afirmou que, após passar na pós-graduação, teria apenas o período da noite para estudar e, assim, não tinha disponibilidade de tempo para ser entrevistada.

Instigadas pelas dificuldades em integrar uma amostra com as três gerações de mulheres, através das entrevistas observamos que o consumo de informação pelas mulheres jovens ocorre principalmente pela internet e não pelo Jornal Nacional ou outro¹⁰. Chamou-nos a atenção o fato de que, na fração média da classe popular, todas as jovens buscam por notícias na internet e, na fração mais baixa, apenas uma jovem busca por este tipo de conteúdo na rede mundial de computadores. Entre as outras jovens, uma não busca por este tipo de material, outra busca por notícias relacionadas a telenovelas e a terceira utiliza o computador raramente. Tais constatações nos fizeram focar o estudo empírico nas gerações das maduras e idosas.

O contato com todas as entrevistadas se realizou no mês de fevereiro de 2015 e contou com desencontros, mudanças de endereços, mas também com recepções agradáveis, que fizeram nos sentirmos em casa desde o primeiro momento. Primeiramente, seguindo os mesmos critérios estabelecidos com as jovens: analisamos, a partir das entrevistas, se as maduras e idosas assistiam ao telejornal em estudo. Entre as maduras, Norma, Rosângela, Eliane e Janaina afirmaram assistir ao Jornal Nacional, sendo que, para a primeira, esse é o programa preferido.

Após o contato com Norma e Rosângela, que foi feito diretamente na casa das entrevistadas, houve a aceitação imediata de participação em todas as fases da pesquisa. Fomos até a casa de Eliane, que, apesar de não termos encontrado em uma primeira visita, na segunda nos recebeu carinhosamente, mas não demonstrou entusiasmo em participar da pesquisa devido ao tempo que dedica às filhas pequenas. Fomos até o endereço de Janaína e não a encontramos, sendo que, posteriormente, pelo telefone, soubemos que esta estava morando a 22 km da Universidade Federal de Santa Maria e, segundo a própria entrevistada, o trajeto seria perigoso por se tratar de uma estrada pouco movimentada.

Entre as idosas, seis afirmaram assistir ao Jornal Nacional nas entrevistas. Obtivemos a aceitação imediata de três delas, Zulmira, Hilda e Jiani, mas optamos por trabalhar com as duas primeiras para o equilíbrio da amostra. Entre as outras três entrevistadas idosas que

¹⁰ Este se refere à possível assistência a um telejornal por Natiele, já que ela marca o gênero televisual como preferido, mas não menciona qual assiste. Apenas afirma que não assiste ao JN.

afirmaram assistir ao telejornal, uma não pôde participar da pesquisa por ter que viajar em 2015 sem data certa de retorno e as outras duas não demonstraram interesse.

O contato com Hilda foi realizado com êxito na primeira visita, sendo que a idosa, animada, aceitou fazer parte do estudo e se disponibilizou para o que fosse necessário, assim como Zulmira, na casa de quem fomos acompanhadas da entrevistadora do projeto guarda-chuva.

Assim, definimos nossa amostra, que ficou composta por duas mulheres maduras, Rosângela e Norma, e duas idosas, Zulmira e Hilda, escolhidas por assistirem ao Jornal Nacional e terem vontade/disponibilidade de participar da pesquisa em todas as suas fases.

Outro critério de seleção da amostra composta por maduras e idosas foi a qualidade das respostas em termos de aprofundamento das temáticas e o número de páginas das entrevistas de cada uma das mulheres. As entrevistadas maduras somaram um total de 386 páginas de entrevistas e as idosas, 342 páginas. Com relação às jovens, notamos um menor desempenho, sendo que esta geração somou 337 páginas de entrevistas.

Optamos pelo método e as técnicas que julgamos pertinentes para o entendimento das questões que nos instigam, já que os resultados da investigação dependem das decisões e opções feitas ao longo do processo de investigação (LOPES, 2010, p. 100). Para a autora, os métodos não são vistos como instrumentos, mas, sim, como cristalizações de enunciados teóricos que permitem ou não a revelação de aspectos fundamentais no objeto estudado (Ibid., p. 103), assim, há a necessidade de alinhar o método à teoria.

5.2 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

5.2.1 Estudo de Caso

Na busca por compreender de forma aprofundada como se estabelece a relação de mulheres de classe popular com suas representações no Jornal Nacional, optamos pelo método do estudo de caso, que, a partir da multiplicidade de técnicas de coletas de dados, apresentou-nos o caminho a ser seguido para obter as informações desejadas.

Nosso objetivo com o estudo de caso é a obtenção de uma quantidade de informações e detalhes suficientes para o entendimento mais completo possível sobre nosso objeto de estudo. O estudo de caso é apresentado por Yin como uma inquirição empírica que busca investigar um fenômeno dentro de certo contexto da vida “no momento em que a

fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas”. (YIN, 2001 apud DUARTE, 2006, p. 216).

Alguns autores pontuam características deste método, como o particularismo, já que se baseia em um fenômeno e contexto particular; descrição, pelo fato de o resultado final ser composto por descrições detalhadas; explicação, a partir do auxílio na compreensão de novas perspectivas e indução, que faz referência ao raciocínio indutivo que se desempenha durante a análise dos dados (DUARTE, 2006, p. 217). Entre as possíveis técnicas de coletas de dados, como documentos em registros de arquivos, entrevistas, observação direta, observação participante e artefatos físicos, optamos pelo auxílio da técnica de entrevistas e observação participante.

5.2.2 Entrevista

O acesso às entrevistas realizadas durante o projeto nos fez conhecer as entrevistadas antes da realização desta pesquisa, assim, a apresentação dessas é relevante, na medida em que consistem em dados prévios das informantes. As entrevistas relativas ao projeto *Aprendendo a ser mulher de classe com a mídia* foram realizadas, em sua maioria, na casa das 48 mulheres participantes da pesquisa e compostas por cinco instrumentos que, somados, totalizam mais de 200 perguntas semi-estruturadas. Foi aplicada uma entrevista socioeconômica, através da qual se realizou um levantamento quantitativo do consumo de mídia, para detectar quais os programas televisivos mais assistidos, uma entrevista de gênero, de classe social, de telenovela e uma composta por questões abertas, de caráter biográfico, que teve como intuito captar as trajetórias pessoais acerca do trabalho, da escola e da família das entrevistadas.

Pelo projeto ter como objeto a telenovela, apesar da existência de uma entrevista destinada ao consumo de mídia, o foco não foi construído em cima no Jornal Nacional, assim como na família e no trabalho das mulheres de classe popular. Com o objetivo de conhecer mais o cotidiano de nossas entrevistadas, suas relações familiares, no trabalho, como acontece o contato com o telejornal estudado, assim como para atualização dos dados, se fez necessária a nova aplicação de entrevistas.

Realizamos entrevistas semi-estruturadas compostas pela combinação de perguntas abertas e fechadas, que compõem um roteiro pré-estabelecido de questões divididas por temáticas. Este tipo de entrevista permite ao pesquisador intervir na fala do entrevistado quando o assunto for desviado do tipo de informação que se deseja obter (BONI;

QUARESMA, 2005, p. 75). As entrevistas da presente pesquisa foram realizadas a partir de um único formulário, composto pela seguinte divisão temática: Dados Socioeconômicos; Acesso e Consumo de mídias; Televisão/Telejornal; Jornal Nacional; Família; Trabalho e Classe/Gênero. As entrevistas se realizaram antes do período das observações participantes.

Entendemos que a entrevista, como técnica, é uma tentativa de abordar o outro para conhecê-lo ou com o objetivo de obter uma informação que ele possui e almejamos conseguir (VILELA, 2006, p. 47). As entrevistas foram realizadas com o objetivo de desenvolver diálogos entre os pesquisadores e informantes na busca de obter informações baseadas nas interpretações próprias dos entrevistados.

5.2.3 Observação participante

Mesmo com a realização das entrevistas, técnicas vistas com excelência na obtenção de dados, a observação participante se fez necessária para o entendimento do contexto do cotidiano das receptoras e suas relações com o Jornal Nacional. Tomada aqui como técnica de pesquisa, a observação participante fez com que tenhamos adentrado no cotidiano das entrevistadas, assim, nos permitiu ir além das informações obtidas nas entrevistas.

Esta técnica consiste na inserção do pesquisador no contexto de ocorrência do que se pretende investigar ao colocar o pesquisador frente à relação do fenômeno e do contexto (PERUZZO, 2006, p. 125). Está diretamente ligada ao propósito do estudo de caso, na medida em que refina as percepções adquiridas nele. Em pesquisas de recepção, a infiltração do pesquisador no cotidiano dos receptores permite observar como se processa a recepção das mensagens dos meios de comunicação de massa, como elas são entendidas, assim como sua decodificação e reelaboração (Ibid., p. 136). A observação participante nos permitiu entrar em contato direto com as entrevistadas em suas próprias casas e perceber como ocorrem as relações do cotidiano das informantes de uma perspectiva interior do grupo, o que combateu, de certa forma, a imposição de nosso retrato, formado por nossas convicções, sobre determinados indivíduos.

Como arquivo da observação participante, o diário de campo facilitou a organização das informações obtidas e auxiliou nas recordações do que ocorreu nos encontros. Os dados obtidos durante as observações participantes são descritos empiricamente no capítulo VI.

5.2.4 Texto em ação

Na intenção de visualizarmos o contato entre as receptoras e o texto midiático, adaptamos uma terceira metodologia empírica chamada texto em ação, apresentada pela professora da *Montfort University*, Helen Wood (2006, 2007). O método busca levar em conta a produtividade do receptor quando em contato com a mídia (MENEZES et al., 2008, p. 13), o que se dá através da gravação do áudio no momento da apresentação das edições gravadas às entrevistadas e a posterior transcrição do áudio das informantes juntamente com o texto midiático, com o intuito de captar as interações das mulheres com o telejornal.

Na pesquisa *Talking With Television: woman, talk shows and self-reflexivity* realizada por Wood (2008), o método consiste na gravação do áudio no momento da apresentação das edições *dotalk-show* às entrevistadas e a posterior transcrição do áudio das informantes juntamente com o texto midiático. Posteriormente, é realizada a transcrição dos textos do programa e das manifestações da audiência, o que resulta na percepção da forma como se estabelece a sociabilidade das entrevistadas com o aparelho de televisão, o que permite perceber a interação dinâmica entre ambos.

A construção de uma tabela com duas colunas, uma com a transcrição do áudio das entrevistadas no momento da assistência e outra com a transcrição do texto do telejornal, nos possibilita realizar a análise das interações da audiência e seus modos de ver no momento exato em que ocorrem tais acontecimentos. No método texto em ação, a amplitude da captura da sociabilidade das entrevistadas com a televisão se obteve aqui com base nas mediações, com o intuito de percebermos de forma concreta como se manifestam as interpretações das mulheres sobre as representações das mulheres no telejornal, assim como melhor perceber seus modos de ver televisão. As tabelas são apresentadas como apêndices nesse trabalho.

A tradição dos Estudos Culturais, por vezes, nos faz estudar e conhecer a relação da audiência com a televisão em momentos separados, como demonstra a técnica da entrevista, o que parece realçar uma distinção entre texto e público (SADLER, 2010, p. 180). O método texto em ação é entendido aqui como algo que completa a pesquisa de recepção por fazer com que, além de realizarmos entrevistas e observação participante, exista a união entre o texto e as percepções das mulheres de forma simultânea. Segundo Wood (2008, p. 17),

Ao invés de separar texto e leitor e materializar o sentido em cada ponta do processo de comunicação, o “texto-em-ação” tenta permitir a visualização da trama intrincada da televisão enquanto ela emociona os telespectadores.

Wood (2008, p. 53) buscou com o método texto em ação explorar a parte emocional e afetiva do *reality show* “enquanto ele segue seu melodrama improvisado como uma “área social/pública estendida”. Segundo a autora, na adaptação da metodologia, foi significativa a “quantidade de informações paralinguísticas – suspiros, onomatopéias de desagravo, sustos – que revelam as dimensões afetivas e emocionais destes programas”, o que ela denomina como “encontros textuais afetivos” (Ibid.).

5.2.4.1 *O Jornal Nacional e os retratos sociais das mulheres de classes populares*

Optamos por não realizar uma análise profunda do telejornal em estudo e nos baseamos na forma como Leal (1986) tratou seu objeto de estudo, a telenovela *Sol de Verão*. Na obra, a autora apresenta a sinopse da telenovela construída pelo próprio autor como forma de situar o leitor sobre o conteúdo do texto midiático ao qual o telespectador esteve exposto para contextualizar suas leituras. Assim como a autora, nosso foco recai, então, sobre o outro polo que não o da produção, mas, sim, o da recepção televisiva.

No ar desde 1º de setembro de 1969, o Jornal Nacional é o carro-chefe da programação da mais importante rede de televisão do Brasil, a Rede Globo. É o telejornal de maior audiência do Brasil e o meio a partir do qual cerca de 40 milhões de brasileiros se informam acerca do que acontece ao seu redor e no mundo, todos os dias, sendo uma das principais referências de informação para diversos setores da sociedade brasileira. O objetivo do Jornal Nacional consiste em apresentar aos telespectadores as principais informações do contexto brasileiro e das suas relações exteriores da forma mais plural e clara possível.

O Jornal Nacional, segundo Temer (2002), é o maior telejornal da Rede Globo em número de matérias veiculadas por edição, sendo que, entre estas, predominam as reportagens. Este formato do telejornal em estudo, composto por um alto número e variedade de matérias, faz com que a equipe, ou o Jornal Nacional, precise sempre estar em todos os lugares para abarcar a maior parte possível dos acontecimentos ocorridos em diferentes locais. De forma geral, no telejornalismo da Rede Globo, é a cidade que ocupa o principal destaque de acontecimentos de ordem econômica, social e política, enquanto no interior e nas periferias “estão os despossuídos, os que nada têm” (Ibid., p. 128).

Ainda segundo a autora citada, a escolha das matérias a serem veiculadas no Jornal Nacional é vinculada à temática de serviços públicos, à saúde e ao bem-estar, além do tema da política, que dá origem a grandes matérias que, assim como ocorre na telenovela, tomam

características de narrativa serializada, já que o desenrolar dos fatos é atualizado constantemente no telejornal (Ibid., p. 126). A partir de nossa assistência do telejornal em um período de dois meses, constatamos também que as matérias sobre esportes estão presentes em todas as edições assistidas.

Podemos classificar as reportagens a partir de Lage (2003), como uma pauta criada a partir de fatos que geram interesse na sociedade, sendo que estes fatos são encarados pela perspectiva editorial da instituição jornalística, ou seja, a reportagem é constituída por investigação e interpretação (LAGE, 2003, p. 39). É justamente este processo de interpretação, para além da reportagem, mas que pensamos ser intrínseco a qualquer elaboração jornalística, que nos faz pensar no jornalismo como construção da realidade. A reportagem não cuida da cobertura de um fato de uma série de fatos, mas sim do levantamento de ângulos sobre determinado assunto, assim ela supõe um tipo de planejamento distinto da notícia (Id., 1999, p. 46-47).

Apesar da difícil definição do conceito de notícia, nós a entendemos também como a veiculação de fatos que interessam à sociedade. A importância da notícia depende da forma como o fato a ser noticiado atende aos critérios que os manuais de redação estabelecem, os quais variam, mas que, na prática, seguem geralmente um mesmo padrão. São eles: ineditismo, improbabilidade, utilidade, apelo, empatia, conflito, proeminência e oportunidade (PINTO, 2009, p. 60). Gomes (2007, p. 10) afirma que muitas das configurações da notícia variam de acordo com o meio em que ela é transmitida, “[...] daí a importância de analisarmos as configurações da notícia como um gênero discursivo em relação às características que ela ganha quando elaborada para transmissão na televisão”.

É devido à relevância das imagens no discurso noticioso que no método texto em ação apresentamos de forma breve a descrição das imagens veiculadas no momento em que as mulheres por nós entrevistadas se manifestam, para assim nos situarmos sobre as representações de forma mais completa nos momentos em ocorrem as interações entre as receptoras e a mídia.

A escolha das matérias utilizadas no método texto em ação foi realizada anterior e simultaneamente ao período das observações participantes e, para isso, assistimos a todas as edições do Jornal Nacional dos meses de maio e junho de 2015. Este período de assistência poderia ter se realizado anteriormente, mas foi na intenção de escolhermos matérias transmitidas em um período próximo ao do contato com as entrevistadas que optamos por estes meses. Após a assistência do Jornal Nacional no período referido, contabilizamos aproximadamente 800 materiais, entre notas cobertas, notas peladas, reportagens, notícias,

vivos e previsões do tempo¹¹, sendo que este não é um número exato na medida em que não fez parte de nosso objetivo somar tais produções, mas consideramos relevante apresentá-lo neste momento.

Nosso primeiro passo após o conhecimento deste vasto material foi iniciar a seleção das matérias a partir do critério de apresentação de mulheres de distintas classes sociais nas matérias, tarefa árdua, na medida em que assistimos a todas as reportagens e notícias novamente para nos lembrarmos daquelas em que elas se faziam presentes. Neste momento, então, excluímos os materiais que não fossem reportagens e notícias. Após esta primeira filtragem, chegamos a 132 materiais. Logo que finalizamos esta etapa, em julho de 2015, classificamos as mulheres que eram apresentadas por classe, popular, média e alta, através das ocupações destas e das formas como eram apresentadas, nos casos das fontes não serem identificadas.

Foi após este passo que estabelecemos o segundo critério, de selecionar as reportagens e notícias em que mais apareciam (em número) mulheres como fontes, seguido disso, elegemos quatro notícias e cinco reportagens escolhidas com base no critério de diversificação de espaços em que estas mulheres apareciam como casa, supermercado, rua ou escritório, locais que variaram de acordo com as profissões e classe social.

As dificuldades envolvidas no período após seleção dos conteúdos do Jornal Nacional a serem utilizados no método se mostraram presentes, já que, inicialmente, íamos até as casas das entrevistadas com os vídeos carregados nas próprias abas do *Google Chrome*, no notebook, e lá rodávamos estas para suas assistências. Na segunda tentativa de realizarmos o método de tal maneira, percebemos que as configurações do site da Rede Globo mudaram e, a partir daquele momento, os vídeos não carregavam mais sem a conexão com rede *wi-fi*. Foi a partir de então que realizamos o download dos conteúdos a partir do acervo do site da Rede Globo/Jornal Nacional. Apesar deste período um pouco conturbado, o método foi realizado com as entrevistadas entre os meses de julho e agosto. Apenas no caso de Zulmira este se deu em setembro, pois a entrevistada teve que viajar para a cidade de Ijuí e cuidar da filha que realizou uma cirurgia.

Apresentamos dados técnicos das reportagens e das notícias, como os tipos de cada uma, as datas em que foram transmitidas e o tempo de duração destas em uma tabela; os elementos da notícia (O quê?; Quem?; Quando?; Onde?; Como? e Porquê?), na medida em que ficam claros nas notícias utilizadas e a estrutura jornalística dos vídeos em questão,

¹¹ Tipos de materiais jornalísticos.

formada por *offs*, sonoras e passagens dos repórteres. Segundo Lage (1999), a narração em *off* tem a função de caracterizar e identificar ambientes e personagens, mas também pode não existir, o que acontece quando os repórteres/editores optam por utilizar o som local do acontecimento retratado ou quando há a necessidade de apresentar legendas sobrepostas às imagens. Este mesmo autor argumenta que a entrevista deve ser incluída em matérias jornalísticas quando realmente importam e colaboram para o entendimento de determinado fato (Ibid., p. 42-43).

Dedicamos este espaço para apresentar as formas como as mulheres foram representadas nas matérias que compõem o *corpus* desta pesquisa. As reportagens são geralmente mais elaboradas que as notícias e vão além do fato propriamente dito. Em duas delas, “Campanha Nacional de Vacinação contra a gripe começa nesta segunda-feira” e “Especialistas alertam sobre casos de violência contra crianças”, fica visível o gancho realizado entre um fato novo, ou seja, noticioso, e a construção de uma reportagem a partir do tema, assim, o assunto abordado vai além do fato propriamente dito.

A forma como as fontes femininas são apresentadas nos materiais escolhidos se manifesta aqui a partir do tempo dedicado ao aparecimento de cada entrevistada, às identificações de nomes e profissões destas, quando apresentadas pelo telejornal, aos locais em que ocorreram as entrevistas e sobre o que falam nos momentos das entrevistas. Mesmo que no texto em ação fique visível que nem sempre as receptoras se manifestam no exato momento em que as fontes femininas são entrevistadas, é importante destacar os assuntos sobre os quais cada fonte trata, o que tece um panorama geral sobre o material com o qual a receptora esteve em contato quando se manifestou. A apresentação das notícias e reportagens segue aqui a ordem em que foram apresentadas as entrevistadas durante a aplicação método.

Tabela 1 – Informações técnicas sobre as matérias

| Título | Tipo | Data da transmissão | Tempo de duração |
|--|-------------|----------------------------|-------------------------|
| Sistema em parceria com população leva água a 435 mil famílias no CE | Notícia | 01/05/2015 | 2 min. 4seg. |
| Cheia do Solimões afeta moradores e comerciantes no Amazonas | Notícia | 01/05/2015 | 2 min. |

| | | | |
|--|------------|------------|----------------|
| Instituto referência em câncer no Rio, Inca tem falta de leitos e equipamentos | Reportagem | 29/06/2015 | 3 min. 33 seg. |
| Campanha Nacional de Vacinação contra a gripe começa nesta segunda-feira | Reportagem | 04/05/2015 | 2 min. 40 seg. |
| Especialistas dizem que uso compulsivo do celular virou vício | Reportagem | 04/06/2015 | 2 min. 40 seg. |
| Pesquisa mostra que os efeitos da poluição afetam muito mais do que o sistema respiratório | Reportagem | 01/06/2015 | 2 min. 32 seg. |
| Congresso aprova a regulamentação da lei dos empregados domésticos | Notícia | 07/05/2015 | 3 min. 15 seg. |
| Especialistas alertam sobre casos de violência contra crianças | Reportagem | 20/05/2015 | 3 min. 12 seg. |
| ONG promove Dia das Mães especial no Instituto do Coração, em São Paulo | Notícia | 09/05/2015 | 2 min. 8 seg. |

A notícia denominada “Sistema em parceria com população leva água a 435 mil famílias no CE” trata, como apresenta o título dado pelo Jornal Nacional, de um sistema construído em parceria com a população que leva água a famílias do Ceará, mesmo em época de secas. O conteúdo conta com diferentes imagens e representações de mulheres de classes populares, sempre em casa, em contato com a água, produto que não tinham até então para fazer uso.

As três fontes mulheres são: 1) Vera Pereira da Silva (popular) – Agricultora, 9 segundos, em casa, enchendo um balde com água e versando sobre a facilidade que o fato de ter água disponível nas torneiras oferece ao serviço doméstico; 2) Miriam Vieira Cruz (popular) – Presidente da Associação Beneficente de Cristais – 8 segundos, na Associação, fala sobre a importância dos encontros para discutir sobre as questões da água na comunidade; 3) Mulher não identificada (popular), 3 segundos, emocionada por ter água.

Composição da estrutura da reportagem: Âncora introduz o assunto – cabeça; *off* com imagens de Vera enchendo um balde no pátio da casa; Sonora Vera; *off* com imagens de outra mulher também enchendo um balde no pátio, homens identificando vazamentos nos canos do sistema; Sonora Narcésio Mendes – Operador; *off* com imagens da estrutura do sistema e de uma reunião da comunidade; Sonora Miriam; *off*; Passagem – câmera inicia com foco em outra mulher não identificada enchendo um balde com água e abre para a repórter; *off* com imagens de rio e outra mulher, não identificada, lavando roupa no tanque; Sonora Hélder

Cortez – Diretor de Saneamento Rural – Cagece; *off* com imagens da cidade de Russas, imagens do sistema; Sonora Erlândio Diógenes – Responsável técnico; *off* com imagens de outra mulher enchendo um balde; Sonora de mulher não identificada.

“Cheia do Solimões afeta moradores e comerciantes no Amazonas” trata sobre o estado de emergência de 19 municípios do estado do Amazonas devido à cheia do rio Solimões. A notícia representa as mulheres de classes populares em situações de necessidades devido à catástrofe natural.

As fontes são: 1) Almerinda Magalhães (popular) – comerciante, 7 segundos, na loja alagada, fala que não consegue vender os produtos; 2) Onofra (popular) – identificada pelo nome pelo repórter, 6 segundos – fala que o abrigo é melhor que a casa alagada.

Composição da estrutura da reportagem: Âncora introduz o assunto - cabeça; *off* com imagens aéreas do local alagado e imagens de criança na água; Sonora Raimundo Malafaia – aposentado; *off* com imagens do município de Tabatinga/AM alagado e imagens de pessoas de barco na água entre as casas; Passagem com repórter em cima de uma ponte de madeira, fala sobre o prejuízo do comércio e entra pela janela de uma loja alagada; Sonora Almerinda; *off* com imagens de mulher com dois filhos em abrigo; Sonora Onofra; *off* com imagens de Anamã/AM alagado, doação de cestas básicas.

“Instituto referência em câncer no Rio, Inca tem falta de leitos e equipamentos” trata sobre o estado de conservação e funcionamento do Instituto Nacional de Câncer (Inca), no Rio de Janeiro, um dos principais hospitais de tratamento da doença. A reportagem investigativa nos apresenta diferentes interações de uma fonte feminina não identificada com a equipe do hospital em busca do exame que necessita realizar para diagnosticar ou não o câncer. Além disso, são apresentadas figuras de mulheres integrantes da equipe do hospital, estas que também não são identificadas. Apenas a especialista no assunto tem o nome e a imagem apresentados.

São as fontes: 1) Mulher não identificada no telefone com funcionária do hospital – 11 segundos de conversa, pergunta sobre tempo de conserto da máquina que necessita para fazer exame; 1.2) Sonora da mesma fonte: 9 segundos, fala sobre sofrimento de ter a doença e não tratar; 2) Sonora mãe de menino doente, não identificada, 6 segundos, fala sobre a falta de equipamentos; 2.1) Sonora da mesma mulher, não identificada, 9 segundos, fala sobre a falta de equipamentos; 3) Sonora funcionária não identificada, 2 segundos, fala sobre o risco de morte dos pacientes sem tratamento; 4/5) Duas sonoras de funcionárias não identificadas – 19 segundos - mostrando estado do hospital; 6) Sonora Solange Oliveira (popular) – Associação

Brasileira de Apoio Paciente com Câncer – 18 segundos, em uma sala decorada, fala sobre as omissões da equipe do hospital com relação à situação.

Composição da estrutura da reportagem: Âncora introduz o assunto - cabeça; Voz de mulher não identificada ao telefone; *off* com imagens da mulher não identificada; Sonora de mulher não identificada; Passagem de repórter em frente ao Inca; *off* com imagens de mulher embalando criança com tumor, no hospital; *off* com imagens da mãe da criança, sem identificação; *off* com imagens de pacientes em estado grave no hospital; Sonora funcionário não identificado; Sonora de funcionária não identificada; *off* com imagens de hospital; duas sonoras de funcionárias não identificadas; *off* com mais do hospital; Sonora Solange; Âncora finaliza a matéria e fala sobre a resposta da direção do Inca sobre situação.

“Campanha Nacional de Vacinação contra a gripe começa nesta segunda-feira”, apesar do título enfatizar um fato, constitui-se, através do gancho da campanha de vacinação, como uma reportagem que trata sobre a forma como o vírus da gripe se perpetua nas casas e sobre a forma como as crianças merecem atenção com relação ao problema devido à facilidade com que transmitem e adquirem o vírus. A reportagem é toda realizada na casa da fonte principal, uma mulher que durante todo o tempo interage com as filhas pequenas, demonstrando preocupação com a gripe. Além disso, a reportagem conta com a presença de uma especialista.

As fontes: 1) Mônica Magalhães (média alta/alta) – nutricionista e mãe – 4 segundos, em casa, fala sobre a preocupação com a saúde das crianças; 2) Lúcia Bricks –(média alta/alta) – pediatra –8 segundos, casa da Mônica, fala sobre os modos adequados de agir ao tossir; 2.1) Lúcia Bricks – 14 segundos – fala sobre o modo de esterilizar os móveis da casa para evitar contaminação; 1.1) Sonora Mônica – 9 segundos - na sala, fala sobre a surpresa da forma como o vírus pode se espalhar pela casa.

Composição da estrutura da reportagem: Âncora introduz o assunto - cabeça, fala sobre o início da campanha de vacinação e o público indicado; *off* com imagens da mãe tentando vestir a filha pequena no quarto; Sonora Mônica; *off* com imagem da mãe e das filhas; Sonora Lúcia; *off* com imagens da mãe e das crianças; Sonora Lúcia; *off* com imagens das crianças correndo pela casa; Passagem do repórter na sala da casa, fala sobre o uso do produto luminoso que aponta onde as crianças encostaram durante a realização da reportagem; *off* com imagens do posto de saúde – justifica a tomada da vacina; Sonora Mônica; *off* com imagens da mãe e das crianças.

“Especialistas dizem que uso compulsivo do celular virou vício” é uma reportagem que trata sobre a utilização do celular e o vício pelo aparelho, que afeta pessoas de todas as idades.

A reportagem é toda realizada em um parque onde as mulheres entrevistadas tratam sobre os usos que fazem do celular. Além disso, o conteúdo conta com a apresentação de uma mulher de classe alta, apresentada como profissional com relação ao assunto.

As fontes: 1) Eliane Coates (classe média alta/alta) – Gerente de negócios internacionais – 6 segundos, no parque, fala que não conseguiu deixar o celular no carro; 2) Sonora mulher não identificada – 3 segundos, no parque, justifica que usou o celular para ligar para o marido; 3) Sonora Flavia Miranda Batista (classe média alta/alta) – professora de meditação transcendental - 17 segundos, fala sobre o benefício do tratamento contra o vício do uso do aparelho.

Composição da estrutura da reportagem: Âncora introduz o assunto – cabeça; *off* com imagens de pessoas no parque utilizando o celular; Sonora Eliane; *off* com imagens de casal no parque; Sonora homem não identificado; *off* com imagens de pessoas paradas no celular, no parque; Sonora mulher não identificada; Sonora criança não identificada; Sonora Sérgio (marido da mulher não identificada e pai do menino); Passagem do repórter em diferentes cenários, utilizando o celular; Sonora Cristiano Nabuco; *off* com imagens de clínica de tratamento do vício de uso de celular; Sonora de Flavia.

“Pesquisa mostra que os efeitos da poluição afetam muito mais do que o sistema respiratório” consiste em uma reportagem que trata sobre os resultados de uma pesquisa realizada na Universidade de São Paulo sobre os danos da poluição à saúde das pessoas. São apresentadas mulheres fumantes não identificadas e uma especialista que trata sobre o assunto.

As fontes são: 1) Sonora de mulher não identificada – 2 segundos, na rua, fala que sai de perto de pessoas que fumam; 2) Sonora Evangelina Vormittag (classe média alta/alta)– Diretora do Instituto Saúde e Sustentabilidade – 20 segundos, sala decorada, fala sobre os cuidados que as pessoas devem ter quanto à poluição.

Composição da estrutura da reportagem: Âncora introduz o assunto – cabeça; *off* com imagens de mulheres fumando na rua; *off* com imagens de fumaça nas ruas, corpo humano digital que demonstra os problemas causados pela poluição; Sonora Abrão; Passagem de repórter na beira da rodovia, fala sobre modos de identificar a poluição; *off* com imagens do trânsito.

“Congresso aprova a regulamentação da lei dos empregados domésticos” trata sobre a aprovação, pelo Congresso, da regulamentação de trabalho dos empregados domésticos que os beneficia com FGTS, multa por demissões sem justa causa, entre outros. A notícia, que ocorre na casa de empregadoras, nos permite analisar a forma como as funções de cada uma

delas são realizadas a partir da apresentação das fontes de classes populares e altas em um mesmo local.

São as fontes: 1) Maria Dilza Xavier (popular) – Empregada doméstica – 7 segundos, na casa da patroa; 2) Delaíde Alvez Miranda Arantes – (classe média alta/alta) – ministra do TSJ – 17 segundos, sentada em sala decorada, fala sobre os benefícios dos novos direitos dos empregados para estes e para empregadores; 3) Sonora Gabriela Leão – (classe média alta/alta) – empresária – 6 segundos, em casa, fala sobre o aceite do contrato; 4) Sonora Rosa Mendes (popular) – empregada doméstica – 9 segundos, fala sobre a valorização dos empregados domésticos.

Composição da estrutura da reportagem: Âncora introduz o assunto – cabeça; *off* que introduz a fonte a ser entrevistada, chama pelo nome, com imagem da mulher mencionada sentada na cadeira, na casa em que trabalha; Sonora Maria; *off* com imagens de empregados de diferentes locais que fala sobre os benefícios; *off* com arte explicativa sobre novos direitos; *off* com imagens das empregadas domésticas limpando casas; *off* que introduz ministra; Sonora Delaíde; Passagem da repórter na casa de uma empregadora, com empregada doméstica e empregadora conversando ao fundo; *off* introdução a empregadora, imagens desta; *off* explicativo sobre maleabilidade dos contratos com imagens da empregada doméstica limpando a cozinha; *off* introduz Rosa; Sonora Rosa.

“Especialistas alertam sobre casos de violência contra crianças” é uma reportagem que utiliza como *case* uma menina de 12 anos de idade, estuprada em uma escola em São Paulo. Esta reportagem, que também trata sobre os casos de estupro que ocorrem no Brasil, apresenta a mãe da vítima de forma não identificada, além de especialistas que tratam de casos gerais, como uma pediatra e uma psicóloga, apresentadas em seus devidos escritórios e identificadas.

São as fontes: 1) Sonora da mãe da menina violentada – não identificada – 10 segundos, na rua, fala sobre o que aconteceu com a filha, que foi estuprada por 50 minutos no banheiro masculino da escola na qual estudava; 2.1) Sonora de mãe de menina violentada – não identificada – 6 segundos, na rua, fala sobre o fato de a menina ter contado o caso para a socorrista da ambulância; 3) Sonora Gabriela Zemruski Nunes (classe média alta/alta) – pediatra do hospital – 14 segundos, consultório no hospital, fala sobre o medo que as crianças violentadas apresentam; 4) Sonora Lucia Cavalcanti Williams (classe média alta/alta) – psicóloga e professora da UFSCar – 28 segundos, sala decorada, fala sobre os modos como responsáveis devem agir quando as crianças violentadas contam os casos.

Composição da estrutura da reportagem: Âncora introduz o assunto - cabeça; Sonora de mãe da menina; *off* que explica o assunto da reportagem com imagens digitais da ação dos

estupradores; *off* com imagens da escola; Sonora da mãe da menina; *off* com imagens do hospital que atendeu a menina; Passagem do repórter no hospital onde a menina fez tratamento, fala sobre a média de casos de meninas estupradas; *off* com imagens do hospital; *off* introdução pediatra; Sonora Gabriela; *off* que introduz psicóloga; Sonora Lucia.

“ONG promove Dia das Mães especial no Instituto do Coração, em São Paulo”, trata sobre a ação embelezadora que aconteceu no Instituto do Coração em São Paulo no dia das mães. Esta notícia conta com quatro mulheres de diferentes níveis sociais, todas reunidas em torno da mesma causa, seja como apoiadoras ou beneficiadas.

As fontes são: 1) Sonora Renata Carvalho da Costa – Criadora da ONG Tempo de Brincar – 10 segundos, fala sobre os benefícios do embelezamento para as mães de internos; 2) Sonora Fernanda Zylberstaun – criadora da ONG Tempo de Brincar – 5 segundos, no hospital, fala sobre a importância da aparência boa da mãe até mesmo para o contato com o filho interno; 3) Sonora menina não identificada – interna – 2 segundos, no hospital, fala que vai enviar fotos as amigas; 4) Sonora Edna da Cruz Santos de Deus – mãe de interno – 11 segundos (com questões do repórter entremeadas), fala que o filho vai ter que ter alta, emocionada.

Composição da estrutura da reportagem: *off* que introduz o assunto da reportagem com imagens internas do hospital e de mães, crianças e profissionais de beleza montando estrutura; Passagem do repórter no corredor do hospital, sobre a dedicação das mães aos filhos internos e o consequente merecimento de um tratamento de beleza do tipo; *off* introdutório das organizadoras, com imagens da movimentação no local da organização; Sonora Renata; Sonora Fernanda; *off* introdutório de mãe; Sonora de criança, fala que a mãe ficou linda; *off*; sonora com criança sobre a mãe mais bonita; *off* introdutório de menina interna que se embelezou; *off* que fala sobre mãe emocionada ao se ver no espelho.

Entre todas as reportagens e notícias, contabilizamos nove fontes femininas de classes populares; 11 fontes femininas de classe alta e oito fontes femininas sem identificação, estas que, de acordo com nossas percepções a partir das situações em que aparecem, relativas à espera em filas de hospitais, demonstram as classes às quais pertencem, todas populares. As mulheres de classe popular, quando identificadas, aparecem durante 1 minuto e 14 segundos; as mulheres de classe alta aparecem por 2 minutos e 40 segundos e as mulheres não identificadas aparecem durante 1 minuto e 20 segundos.

Mesmo se somarmos os tempos de apresentação de mulheres de classes populares identificadas com o tempo em que aparecem as mulheres não identificadas, as quais acreditamos pertencerem a esta mesma classe, totalizamos 2 minutos e 34 segundos, sendo

que temos 17 fontes femininas. A disponibilidade de tempo em relação ao número de entrevistadas é bastante desigual entre as classes populares e a alta, já que 11 fontes femininas pertencentes à classe alta são apresentadas em 2 minutos e 40 segundos, como mencionado acima.

O fato do tempo de representação das mulheres de classe alta ser mais que o dobro do tempo destinado às mulheres das classes populares indica a existência de certa prioridade para as fontes femininas pertencentes à elite nestas reportagens e notícias. As mulheres de classes populares, que incluem neste momento as fontes femininas não identificadas, são apresentadas como pessoas gratificadas com objetos ou ações que seriam naturais a toda a sociedade, como o direito de ter água, de ter acesso a um bom sistema de saúde, de ter direitos trabalhistas considerados como básicos em distintas ocupações e a cuidar do corpo, ou, ainda são representadas como vítimas de catástrofes naturais, desprovidas de recursos básicos e como vítimas de violência sexual.

Já as fontes pertencentes às classes altas são apresentadas como profissionais, portanto, sempre imbuídas de profissões, como psicologia, pediatria, magistério, ou como ocupantes de cargos políticos, como presidentes de associações e ministra. Além disso, mesmo que apresentadas em relação à família, essas de classe alta não apresentam necessidades, apenas preocupações, como com a saúde dos filhos ou com relação ao uso do aparelho celular, diferente do que acontece com as fontes populares femininas. É possível perceber que o Jornal Nacional apresenta as entrevistadas de classe alta de forma distante das mulheres das classes populares – a destacar a dependência da classe popular em relação à classe alta –, como a partir da relação entre patroa e empregada doméstica; vítima e pediatra/psicóloga; ministra do Superior Tribunal de Justiça (STJ) e empregadas domésticas.

6 AS INFORMANTES DA PESQUISA

6.1 MULHERES IDOSAS

6.1.1 Perfis

Zulmira tem 72 anos de idade, é viúva e branca. Aposentada como empregada doméstica, a idosa estudou até a 3^o série do Ensino Fundamental e parou aos oito anos de idade devido à necessidade de trabalhar para auxiliar no sustento da casa: *“eu saí bem cedo de casa e parei de estudar. Parei porque eu tinha que trabalhar, né. Tu sabe como é, né, naquele tempo não era muita precisão, né”*. Zulmira é católica e não frequenta missas, mas costuma frequentar centros espíritas.

Tem um casal de filhos e, apesar de ter nascido no bairro Campestre, mora com o filho em um apartamento próprio, no bairro Centro em Santa Maria, que ela comprou do genro de forma parcelada após o falecimento do marido. Apesar da insatisfação com a deterioração do imóvel e da vontade de reformar o apartamento¹², a idosa afirma preferir ficar ali e não ter que pagar condomínio: *Mas é bom aqui o lugar, daí eu me lembrei de vender aqui, só que aqui eu não pago condomínio, nada, eu vou pra um apartamento. A minha guria quer que eu compre um apartamento, mas tu paga condomínio, é horrível* (Zulmira). A maior vontade da idosa é comprar uma casa, mas a filha não aprova a ideia por achar perigoso ela morar sozinha: *“um dia eu comprava uma casa, botava grade e tudo, né, mas a minha guria não quer, porque é perigoso, é, porque não sei o que. Ah, não sei daí, né. [...] Aqui também é perigoso”*. Ela é a responsável pelo sustento da casa, sendo que o filho *“ajuda com alguma coisa para ele”*.

Quando questionada, Zulmira afirma que pertence à classe média e a pobreza é vista por ela como um estado de miséria¹³ ao qual não pertence, na medida em que não lhe falta o que é essencial, como a alimentação. Além disso, o fato de não precisar trabalhar atualmente remete à melhoria da condição social quando comparada a antes, época em que a idosa se considerava pobre: *“média é mais ou menos, mas baixa [ênfatisa a palavra baixa], baixa eu não sou, né? Que tem uns bem pobre, como é que eu vou dizer, então, alta não é. Agora né, porque na verdade eu moro no centro, né [...]”*.

¹² Composto pelo chão de madeira esburacado devido à ação do tempo e coberto, na medida do possível, com tapetes grandes e limpos, além de paredes manchadas devido à umidade.

¹³ Termo apresentado por Ronsini et al. (2015).

Quando criança, Zulmira não teve problemas na escola, mas menciona a existência do preconceito racial ao relatar que o pai proibiu que ela e os irmãos se relacionassem com uma família de negros, comportamento que não é aprovado pela idosa. Aos oito anos de idade, passou por tentativas de abuso sexual pelo marido da prima, na casa em que trabalhava, mas não contou para a prima. Em outra ocasião, quando mais velha, ao ir a pé para o trabalho, Zulmira foi agarrada por um homem na rua e contou para o marido, que não acreditou. Além destes casos, sentiu-se discriminada, por ser pobre, quando morou no prédio onde o marido trabalhava como zelador, caso que ocorreu quando a madrinha do filho dela não cumprimentou o menino ao passar, olhando apenas para a filha de um médico que estava próxima ao menino. A idosa afirma que as mulheres podem sofrer preconceitos por serem pobres ou negras.

O consumo cultural de Zulmira pode ser resumido à leitura de livros e à assistência de televisão. A idosa tem rádio, computador (este último ela não utiliza), e televisão por assinatura em casa. Há cerca de quatro anos, Zulmira e o filho assinaram a Claro TV, o que se manteve até cerca de quatro meses atrás, quando a idosa percebeu que a operadora não continha em sua grade o canal da Rede Globo. Foi quando ela cancelou a assinatura e contratou a Net. Então, atualmente, o filho de Zulmira assina a Claro TV ¹⁴, mesma assinatura de quatro anos atrás, já que ele não cancelou. O pacote da Net que Zulmira assina conta com 10 canais ¹⁵.

Chegou a assinar jornal impresso, mas cancelou a assinatura devido à repetição do conteúdo noticioso na televisão. Não lê revistas, mas gosta dos livros e os lê diariamente, sendo que os preferidos são os que tratam sobre a temática espírita. Para se dedicar aos livros, se necessário, deixa a televisão de lado. As emissoras de rádio Medianeira e Imembuí são as mais escutadas pela idosa.

As atividades de lazer da idosa giram em torno da assistência da televisão e da leitura. O sonho de Zulmira é ver os filhos estabilizados, pois ela considera que já está estabilizada. A idosa se preocupa com a durabilidade do casamento da filha, já que ela trabalha na firma do marido e acaba por depender dele economicamente.

Hilda tem 68 anos de idade, é viúva e branca. É aposentada como servente, o que define como o trabalho realizado na Sociedade União dos Caixeiros Viajantes (SUCV) como

14A Claro TV é uma operadora de televisão por assinatura via satélite que pertence à mexicana América Móvil lançada em março de 2008. A operadora existe em cerca de 10 países via satélite ou cabo. https://pt.wikipedia.org/wiki/Claro_TV. Acesso em novembro de 2015.

15 São eles: Rede Globo, Rede Record, Band TV, Rede TV, Universal, Multishow, Discovery Kids, Canal Futura, Net cidade e Rede 21.

porteira, e como cozinheira na maçonaria. Tem o Ensino Fundamental incompleto, estudou até a 2^o série porque, aos oito anos de idade, a mãe a colocou para trabalhar em casas de família para que auxiliasse no sustento da casa. A idosa considera-se católica.

Hilda tem três filhos com idades entre 44 e 52 anos, sendo que um é deficiente físico e mora com a mãe da idosa. Ela reside em uma casa espaçosa, mas deteriorada pela ação do tempo e falta de manutenção. Ao lado da casa dela mora um dos filhos com a esposa, para quem ela cede parte da garagem, já que nesta cabem três automóveis e Hilda não tem nenhum. A idosa faz questão de ressaltar que mora na Vila Rossi há “apenas” 16 anos e não gosta por se sentir vigiada pelos vizinhos, que sempre sabem seus horários de saída e chegada. Ela conta que, quando o marido era vivo, não era acostumada a residir em vilas, já que foi só depois que ele morreu que ela se mudou para esse tipo de local. A casa é própria e a responsável pelo sustento da casa é a idosa, que mora sozinha.

Assim como Zulmira, Hilda se considera pertencente à classe média, mas diferentemente daquela, menciona que a classe à qual pertence não é social devido a pouca convivência em sociedade: *“Olha, eu acho que a média né, porque social não, tenho minhas reuniões, vou aqui vou ali, conheço gente importante, advogados, trabalhava no meio de advogados, mas assim, não sou da classe alta também, o nível né”*.

A idosa já se sentiu discriminada por não ter um alto grau de escolaridade, por não saber se expressar de forma correta e por ser pobre, o que a fez se retrair e se recriminar em certos ambientes, que não esclarece quais. Da mesma forma, Hilda pensa que as mulheres podem sofrer preconceito por serem pobres e não saberem se portar de forma correta, o que dificulta o arranjo de emprego. Além disso, a vulgaridade das mulheres também pode ser motivo de preconceitos.

Hilda não é assinante de revistas ou jornais, mas afirma gostar das primeiras e ler quando visualiza alguma reportagem interessante. Gosta de ler livros e afirma que, se pudesse, o faria todos os dias, o que no momento não se faz possível devido à dedicação a um curso de pintura de guardanapos, atividade que ela pretende aprender para posteriormente vender os produtos. Para se manter informada, a idosa costuma ouvir rádio todos os dias pela manhã, sendo Medianeira e Santa-Mariense as rádios preferidas, assim *“já dá um alerta na casa”*. Não tem computador nem internet e não acessa tais meios. Hilda sonha em comprar uma chácara devido aos problemas do filho deficiente – que ela quer que tenha mais contato com a natureza. Além disso, o desejo de se mudar deve-se ao fato de a idosa não gostar de vila e por ter sido criada em *“fundo de campo”*, o que a faz apreciar a vida no interior.

A atividade de lazer preferida de Hilda é a pintura dos guardanapos que está aprendendo em um curso e a ginástica que faz no posto de saúde próximo a sua casa. Tem o desejo de viajar, mas afirma que “*não há condições, né*”.

6.1.2 A inserção da TV e do Jornal Nacional no cotidiano e os modos de ver televisão

A televisão é importante na vida das idosas, seja por servir como companhia nos momentos de solidão ou por estar entre as principais fontes de lazer. Esta relevância é visível nas considerações de Hilda sobre o assunto: “*é no momento é a coisa mais importante que eu tenho. Aonde eu me dedico um pouco mais da minha vida a aquilo ali*”. Sobre o mesmo assunto, Zulmira ressalta:

Deus o livre, sem televisão eu não sou ninguém, pois é minha companheira. Tu sabia que é? Se queima a televisão, saiu a Claro [entrevistada se confunde, pois tem Net] do lugar e eu digo: Ai, meu Deus, e agora? Mas como a gente fica, como a gente é viciada, né? Mas o que eu vou fazer, né? Não vou a baile, a lugar nenhum.

Hilda assiste à televisão porque gosta dos artistas, para aprender o que não sabe com as telenovelas e por se identificar com determinadas fontes de telejornais, como relata ter acontecido ao assistir uma reportagem transmitida pelo Fantástico, que contava o caso de uma idosa acumuladora de objetos. Segundo ela, isto se assemelha ao seu comportamento, de alguém que gosta de guardar objetos, mas, ao mesmo tempo, a idosa realiza doações para as pessoas carentes, para não manter o costume. Zulmira assiste à televisão para se distrair.

Quando questionadas sobre onde preferem obter informações, as idosas citam a televisão, mas ambas comentam sobre o conhecimento das mesmas notícias através do rádio e do jornal impresso, que, para Zulmira, repetem o que a televisão veicula. Apesar de afirmar gostar de todos os gêneros televisivos, Zulmira cita como preferido o *talk-show* e afirma assistir ao programa da Record A Fazenda, e programas de auditório, como o programa A Hora do Faro e Domingão do Faustão. Durante a assistência, a idosa costuma trocar de canal assim que começa a não gostar de algum programa e, apesar de assistir ao SBT e à Rede Record, tem preferência pela Rede Globo: “*Quando tem coisa lá na Globo que não me interessa eu pulo pro outro. Mas geralmente é a Globo, meu filho assinou a Claro pra mim e não tinha Globo, mas pra mim, não tendo Globo pra mim não tem nada*”. Com relação aos gêneros televisivos preferidos, Hilda menciona o noticiário, telenovela e esporte,

respectivamente, mas o primeiro é assistido quando ela tem tempo disponível, já as novelas são prioridades da idosa. O canal preferido é a Rede Globo, e o programa de preferência da idosa durante o período de realização das entrevistas era a telenovela Babilônia, transmitida pelo mesmo canal.

Quando questionadas sobre os telejornais assistidos, Hilda cita o Jornal Nacional e o programa Encontro com Fátima Bernardes, classificado por ela como jornalístico, e Zulmira cita o telejornal Cidade Alerta, transmitido pela Rede Record. Ambas preferem as notícias nacionais pela proximidade e Hilda acrescenta que, ao ser informada sobre sua região ou cidade, evita problemas: *“o nosso aqui, o dia a dia, o que aconteceu na cidade, por exemplo, uma coisa que a gente tem que ficar mais alerta. Hoje mesmo, foi a cidade que deu mais assalto essa noite. Se a gente sai na rua já se lembra: não, vou cuidar a bolsa, cuidar isso!”*, isto torna visível a função do telejornalismo como gênero presente no cotidiano da idosa para além da assistência televisiva.

As idosas, que dedicam mais de quatro horas por dia à TV, costumam assistir sozinhas à televisão, o que acontece sempre na sala, no caso de Hilda, que não tem aparelho televisor no quarto, e que é intercalada entre o quarto uma espécie de quarto/sala por Zulmira. Mesmo que a assistência se realize individualmente pelas duas, é frequentemente interrompida pela família, pois, durante o horário do telejornal, momentos em que estivemos presentes nas casas das idosas, o filho de Zulmira sai para trabalhar e, conseqüentemente, se despede da mãe, ou a filha e as irmãs ligam para saber como ela está. Da mesma forma, é nesses momentos que o filho e a nora de Hilda costumam chegar em casa após o trabalho e seguem até a sala – já que a casa deles é interligada por uma porta – para cumprimentar a idosa. Além disso, são recebidos telefonemas das irmãs e dos outros filhos da idosa seguidamente durante a assistência do Jornal Nacional. Percebemos, então, que a família é a responsável pelas movimentações ocorridas nos momentos do ver televisivo.

No caso de Zulmira, o filho que mora com ela, enquanto está em casa, assiste à televisão no quarto, enquanto a idosa faz o mesmo, mas alterna a assistência entre o que ela chama de quarto, este em que nos recebia durante a pesquisa de campo e o “muquifo”, como ela nomeou o quarto em que prefere dormir e, por vezes, assistir à TV devido ao barulho dos carros que passam na rua. Zulmira não costuma realizar atividades enquanto assiste à televisão e Hilda costuma tomar chimarrão enquanto assiste a programas que não sejam as telenovelas, para as quais dedica total atenção. Mas o costume do mate não impede que se concentre no restante da programação: *“eu fico também desligada assistindo televisão, não adianta falar comigo que eu não ouço. Fico ali, vidrada, foge a minha audição parece”*.

Hilda costuma comentar as notícias que lhe interessam com o filho, e Zulmira realiza mais comentários com outras pessoas que não são da família mesmo que more com o filho, o que pode ser justificado pelo fato de ele trabalhar durante a noite e, conseqüentemente, dormir durante boa parte do dia.

A casa de Zulmira, apesar de ter várias peças, não tem grande quantidade de móveis e chega a ter uma sala grande vazia. Os móveis se concentram na sala, composta por um sofá, uma prateleira baixa onde ficam os porta-retratos dela, das irmãs e dos filhos, na cozinha e na sala/quarto onde costuma assistir à televisão, que se localiza na parte da frente da residência. Esse ambiente é mobiliado por dois roupeiros (um deles ganhado de uma ex-patroa), um *rack* com a televisão, uma cama de casal que fica abaixo da janela da frente, um sofá, sempre coberto por mantas, uma mesinha pequena e baixa sobre a qual se localiza uma santa envolvida por um terço, uma pequena bíblia de plástico e um vaso de flor branco com rosas de plástico vermelhas, que servem de enfeite.

O sofá fica na lateral do quarto, em frente à televisão de plasma de 42 polegadas da marca CCE. Além disso, a peça conta com um *split*, que ela afirma não utilizar devido ao preço da luz, o qual a filha praticamente a obrigou a instalar para que tivesse mais conforto. A televisão fica em cima de um *rack* antigo, carregado de utensílios domésticos, como agulhas e linhas de costura, agenda, calçados em caixas e fora delas e objetos de higiene como cotonetes, que não ficam ali provisoriamente. No *rack*, apesar de os objetos não serem alinhados ou organizados, há três garrafas de *champagne* que se encontram dentro da parte fechada com vidro fumê, em posição de exposição, o que nos remete ao mantimento destes como objetos de prestígio e valor. O lugar é de destaque após aquele ocupado pela televisão.

Zulmira costuma assistir à TV deitada no sofá, encostada em travesseiros, posição em que fica diretamente de frente para a televisão. Chama atenção a alternância constante de volume da televisão devido às falas constantes da idosa e ao barulho dos automóveis que passam a poucos metros de onde fica a televisão, na rua.

Foto 1 – Sala da casa da Zulmira



No caso de Hilda, a assistência de televisão se dá na sala, já que é o local em que fica o único aparelho televisivo da marca Gradiente e de 29 polegadas. A TV fica localizada em cima de um *rack* de cor bordô, sempre empoeirado, o que sinaliza a falta de condições de limpar a casa devido às fortes dores na coluna, das quais reclama constantemente. A decoração do *rack* é composta por três imagens de santas, por porongos, por uma concha grande retirada do mar e papéis espalhados. Hilda assiste à televisão em uma poltrona que fica na diagonal da televisão e costuma realizar diversas atividades enquanto o Jornal Nacional é transmitido, como alimentar o cachorro e conversar com o filho e a nora, o que demonstra que suas atividades vão além do chimarrão, como afirma na entrevista.

Foto 2 – Sala da casa da Hilda



A sala da frente da casa da idosa, por onde se entra ao chegar, é composta à primeira vista por uma mesa com muitos objetos em cima, como papéis e até mesmo roupas. No canto direito há um sofá visivelmente não ocupado, aparelhos de ginástica como bicicleta ergométrica e um simulador de caminhada. Assim como na casa de Zulmira, nessa é visível a falta de manutenção, pois o domicílio apresenta uma rachadura grande no centro da sala. Durante uma observação participante, a idosa afirmou que um dos motivos pelo qual a casa

não tem a devida manutenção é por ser muito grande, já que é composta por cerca de nove peças.

Após a apresentação, podemos perceber que há grande semelhança nos modos de ver televisão das idosas, como o fato da relevância da televisão no cotidiano de cada uma, da assistência da TV se dar sozinha por ambas e da forma como as mediações da família são relevantes em suas assistências televisivas. A relevância da televisão na vida delas pode também ser entendida com base nas mediações da família e do trabalho, já que a assistência é uma forma de aproveitar o tempo de não trabalho e de preencher o tempo em que ficam longe da família.

6.1.3 Mediação da família

Como instituição primordial para as classes populares, a família constitui a principal mediação na relação receptor/mídia. As vivências (relações, aprendizados e contextos) familiares estão relacionadas de forma íntima com as percepções que as mulheres têm sobre as representações em questão, sejam aquelas formadas pela mídia ou por elas – o que pensamos acontecer de forma cíclica –, então, entendemos que, apesar do tempo e dos diferentes relacionamentos e aprendizados ao longo de suas trajetórias, muitos dos princípios e modos de pensar atuais se relacionam à família formada pelos pais e irmãos. Essas vivências familiares são ressaltadas nesta apresentação também devido ao fato de que Zulmira convive diariamente apenas com o filho e Hilda mora sozinha, e por este estudo não ter como amostra unidades familiares, o que possibilitaria uma análise mais aprofundada.

Zulmira é filha de pai ferroviário e Hilda, de viajante transportador de gado. As mães, a de Zulmira já falecida, são/eram donas de casa. Ambas tiveram uma infância comum entre aquelas que encontramos nas trajetórias das mulheres de classes populares, já que precisaram sair de casa com oito anos de idade para trabalhar e auxiliar no sustento das casas. No caso de Zulmira, a necessidade de trabalhar se deu com a morte do pai. Hilda, que saiu de casa porque a mãe era muito pobre, afirma que esta *“botou nós nas casas pra poder estudar e sobreviver”*. Durante a infância, as idosas moravam para fora, sendo que, enquanto os pais sustentavam as residências, as mães faziam pães caseiros ou trabalhavam na lavoura para auxiliar na economia das famílias. As dificuldades do tempo em que moravam para fora e tiveram que sair de casa para trabalhar são mais bem percebidas através da fala de Hilda: *“era bem pra fora e era muito difícil, e a situação também era muito precária. Hoje a gente vê*

como a gente sobreviveu até hoje e como a mãe sofreu pra criar tudo esses filho, pelo menos temo vivo, sinal que ela cuidou, né, tendo pouco”.

A família primordial adquire relevância na vida das idosas na medida em que remete às origens dos aprendizados em termos de valores morais e trajetória da superação econômica realizada pelas idosas após a saída de casa. Quando questionada sobre o que a família representa, Zulmira ressalta qualidades dos pais admiradas por ela: *“Deus o livre, meu pai era uma pessoa muito direita. A família da minha mãe era de família pobre, mas era de família, sabe. Tanto do meu pai, as minhas tias [...] Era tudo de gente que tinha fundamento, né. E da minha mãe também”.* Hilda, quando questionada sobre o assunto, acaba por falar sobre a profissão dos pais.

O maior ensinamento passado pelas famílias das idosas a elas foi a honestidade e ambas praticamente não conversavam com as famílias, nem mesmo com as mães, sobre aspectos da vida feminina. Mesmo com a percepção negativa sobre a falta deste tipo de ensinamentos, quando questionada sobre isto, Zulmira compara o modo como as pessoas vivem hoje com aquele vivido antigamente, principalmente ao lembrar a infância que teve, e sente saudades, além de reproduzir a honestidade, ensinada pela família:

Sabe que às vezes me dá uma saudade, agora as pessoas são tão [pausa para pensar] As pessoas não são mais sinceras. Se tu tá conversando, até com os parentes, né? Parece que tão sempre com o pé atrás¹⁶, sei eu lá. Que coisa, né? Naquele não tempo não tinha maldade né, eu tenho saudade daquele tempo, saudade de ir pra fora, conviver com pessoas, assim. Ai! Coisa bem boa, nós se criamos assim. Nós não temos inveja nem ciúme de ninguém.

Apesar de não acontecer intensamente de forma presencial, a convivência com a família ocorre de forma mais intensa entre as idosas do que entre as mulheres maduras, sendo que as primeiras convivem mais com os filhos e neto, no caso de Hilda, mesmo que não seja com todos. Zulmira mantém contato frequente com as irmãs, seja pelo telefone ou a partir das visitas, realizadas em praticamente todos os finais de semana. A família atual, composta pelos filhos, representa tudo para as idosas da classe popular: *“Tudo, né. É pouca, né, só a minha filha, meu filho e meu genro. Eu queria ter tido uma dúzia de filho, mas não deu.”* (Zulmira)

¹⁶ A expressão “pé atrás” remete à ideia de desconfiança. No caso da fala de Zulmira, significa que, hoje, os parentes aos quais se refere parecem estar sempre desconfiados de algo ao conversarem com ela. Além disso, ela se refere a parentes que ficam hoje com “o pé atrás” ao falarem com ela. Creio que o episódio do marido da prima não tenha sido lembrado aqui, ou talvez ela tenha feito questão de esquecer. Pois o passado, mesmo que o sentido dos parentes seja diferente do que estava antes, remete à ideia de sinceridade, isso no contexto da infância, período em que ela passou pelas tentativas de abuso sexual.

Eu acho que a família, agora os filhos, porque marido eu não tenho, representa tudo, aquela união, aquela coisa que a gente tem que tá unidos pras horas boas e difícil, né e são poucas as famílias que se reúnem assim. Hoje em dia as pessoas que tão bem velha, os filho querem botá num asilo, não querem, né, saber [...] A família é isso aquela união, pra todas as horas.

Os filhos de Hilda são três, dois homens e uma mulher com idades entre 45 e 53 anos, sendo que um dos homens é deficiente físico. Todos já saíram de casa, sendo que o mais novo mora com a mãe da idosa para auxiliar nos cuidados daquela. Zulmira tem um casal de filhos, ela com 36 anos e ele com 34. A filha foi morar com o marido, empresário na cidade de Ijuí/RS, o que deixa Zulmira preocupada pela dependência que a filha tem com relação ao parceiro, pois ela não confia na duração do relacionamento: *“A Ana tá lá, bem, mas e o casamento dura até quando? Eu não me fio muito, ele, Deus o livre, né, mas até quando eles não querem arrumar outra mulher pra eles, né. O dia que ele resolve vira a cabeça, né.”*

Apesar de os problemas das idosas, de acordo com o que os dados indicam, parecerem ser maiores na família formada pelos pais e irmãos¹⁷, durante as entrevistas, elas demonstram o contrário, sendo que a maior parte dos conflitos mencionados dizem respeito à família atual, já que, com relação à primeira, elas expressam um sentimento de saudade maior do que qualquer outro. As reclamações de Zulmira com relação à família atual se concentram no fato de o marido (falecido) beber demasiadamente, o que o levou inclusive a oferecer bebida para o filho deles quando pequeno e a deixou brava, mas, na época, não agiu contra tal atitude. Ela conta que, quando saía de casa, precisava sempre levar os filhos junto devido às ameaças do marido, que certa vez tentou matar a filha do casal. Além disso, atualmente não gosta da nora, que costuma frequentar sua casa aos finais de semana. É por causa dela que Zulmira não reforma a casa, pois tem receio de falecer depois da reforma e deixar para ela a casa pronta. No caso de Hilda, a reclamação se dá porque o marido (também falecido) era muito ciumento e não permitia que ela se arrumasse para sair. Ele “aprontava”, traía a idosa frequentemente. Apesar disso, ela sempre manteve o relacionamento porque gostava dele e pelos filhos.

Com relação à transmissão de valores aos filhos, Hilda ressalta a importância da educação, o que se apresenta a partir da percepção da necessidade de cumprimentar as pessoas de forma alegre. Como esperado, os ensinamentos passados para os filhos condizem com aquele transmitido a elas, tendo ênfase a honestidade, o que nos remete à ideia da família como a instituição principal na formação do caráter e da identidade: *“A honestidade, ser honesto”* (Hilda): *“Ai, de tudo um pouco, né? Honestidade, como é que se diz... não ter*

¹⁷ Devido à necessidade de trabalhar durante a infância, pela tentativa de abuso sexual, perda do pai e falta de suprimento, em certas vezes, de necessidades básicas.

inveja, ciúme, tudo o que eu pude fazer pra explicar pra eles que era feio, que né... principalmente honestidade, né” (Zulmira).

Os ensinamentos passados aos filhos sobre o que é ser mulher destoam entre as duas, já que Hilda tem uma visão mais conservadora ao entender que a filha deve servir aos pedidos do marido, como acompanhá-lo em suas opções de lazer. Já Zulmira remete aos cuidados que ensinou a filha a ter durante a adolescência, época em que a menina podia namorar e sair para festas. Por outro lado, a idosa afirma que sempre aconselhou a filha a não usar drogas, o que a menina nunca fez.

[...] ela ser boa esposa e até hoje eu ainda passo isso pra ela. Teu marido quer ir pra fora? larga tudo, casa, essas coisas a gente faz todos os dias. Se ele quer ir pra algum lugar, acompanha ele, larga tudo, vai lá pra fora. Enquanto tu tem ele, fica com ele. Casaram pra isso, a união, o carinho, a simpatia. Se não dá mais, então se separa. Mas se casou, enquanto durar o amor, de preferência que eles não deixem acabar, o amor tem que ta sempre renovando. O amor na família é muito importante. As mulheres têm que estar sempre atentas, vaidosa, caprichosa, se ele gosta de uma coisa faz, deixa ali prontinho, ou vamo fazer isso, aquilo. Sempre ter aquela sinceridade e aquele acordo com o marido. O companheirismo é fundamental, aquilo ali do dia a dia. É a única coisa pro casamento poder dar certo: a confiança do casal, aonde acabou a confiança, acabou tudo (Hilda).

Quando eu tentava ensinar ela, quando ela era guriuzinha nova assim... Cuidado Alessandra, ó, esses guri só querem passar a mão, só querem aproveitar e ela dizia: Mas e se eu quiser aproveitar também? [risos]. Mas ela era guriuzinha bem nova, né, não, ela aprendeu, ela. Mais é a conduta da gente, que a gente... como é que se diz, o exemplo, né, o que tu dá de exemplo, o que tu passa eles tem que pegar, né. Se tu der mau exemplo, o que vão tirar da gente? Eu toda a vida dei exemplo bom pra eles, e não admitia coisa muito errada: Onde tu vai sair? Te deixo tu sair, passear, tudo, mas não fazer coisa errada, é pra se divertir honestamente [...] namorar pode, pode namorar, pode tudo, né. Mas assim, to dizendo quanta coisa errada tem por aí que fazem, usar droga, isso e aquilo, né? Beber... Mas isso graças a Deus eu tava sempre de olho. Graças a Deus arrumou esse rapaz (Zulmira).

As relações das idosas com a família são mais frequentes do que entre as maduras, já que essas costumam conviver com os parentes como irmãs, irmãos, mãe e cunhados. Todas as vezes que estivemos na casa das duas idosas, ambas atenderam a telefonemas de familiares, da filha e das irmãs, no caso de Zulmira, e do filho e da nora por Hilda. Os assuntos eram os mais variados, como pendências cotidianas relacionadas a contas ou mesmo para saber o que ambos, ela e os familiares, haviam feito no dia e como estavam.

6.1.4 Mediação do trabalho

Zulmira e Hilda pararam de trabalhar formalmente há alguns anos. Zulmira, apesar de ter se aposentado aos 60 anos de idade, trabalhou até os 70 anos para pagar as parcelas do

apartamento onde mora, sendo que parou devido à dor que sentia nas articulações. Hilda, apesar de não ter voltado a trabalhar na ocupação anterior, cuida da mãe diariamente, realizando o serviço doméstico das duas casas, sua e da mãe. Ambas trabalharam como empregadas domésticas durante o período de atividade formal e, em momentos diferentes deste. Hilda trabalhou como babá, cozinheira, porteira e no setor de limpeza no Hospital de Caridade, em Santa Maria. Esta se aposentou como servente¹⁸ quando trabalhava na Maçonaria, do que gostava pelo fato de ter autoridade e por gerenciar a forma como trabalhava, apesar da baixa remuneração:

No Caridade eu ganhava carteira assinada e tudo e eu de burra fui pra lá [Maçonaria], que eu ganhava meio salário. Depois de anos que eu me antenei, mas daí fiquei lá, gostei, entrava saía, pegava as chaves, decidia o que tinha que fazer. Era eu que era meio gerente ali, fazia cafezinho, eles me chamavam pro escritório pra conversar. Todas as terças eu fazia janta, às vezes, tinha 50, 30, 20, 10 pessoas... Não ganhava muito, não ganhei salário lá, sempre ganhei meio salário. Deveria ser um salário, a janta, por exemplo, eles deveriam deixar eu cobrar o meu preço não eles paga o preço deles. Mas eu gostava [...]

A família permeou a trajetória de trabalho de Zulmira, que chegou ao ponto de desistir do emprego em um hotel pela impossibilidade de levar os filhos consigo para o local de trabalho, necessidade que se devia aos problemas com o marido, que bebia e não tinha condições de cuidar dos filhos. Ainda assim, algum tempo depois, conseguiu voltar a trabalhar por mais oito anos no mesmo hotel.

Depois eu saí, o meu marido brigou não queria que eu fosse mais trabalhar, eu tinha que trabalhar, aí eu fui lá e pedi as contas. Porque ele bebia e até ameaçou de matar minha filha. Daí tu vê, né. Tu viu? O que é que eu passava. Aí eu fiquei com medo, né? Bêbado, vai saber. Aí eu pedi as contas e fiquei sem emprego.

O trabalho é tudo para Zulmira, na medida em que consiste em uma necessidade para a família: *“Trabalho é tudo pra mim, né. [...] e eu trabalhei até os 70 anos porque eu não pude mais trabalhar porque me doía os braços, as pernas, me deu uma doença, mas graças a Deus to bem, né”* (Zulmira). Quando questionada sobre isto, Hilda se condena por não ter aprendido mais:

Ai, eu acho que eu poderia ter aprendido mais, ter estudado mais, mas eu não sei, eu era tapada, não tinha alcance de visão, hoje eu tenho. Mas hoje eu não me acho mais

¹⁸ Trecho da entrevista quando ela se refere à forma como se aposentou: **Se aposentada, desde quando e como?** “Servente aposentada”. **Servente seria o que?** “Eu trabalhei na SUCV lá, de porteira, trabalhei 20 anos na loja maçônica. Sempre trabalhei como servente, mas eu cozinheira, trabalho assim com *buffet*, comida, comes e bebes, sabe. Pegava muitos aniversários, festas pra fazer Buffet, não salgado.”

com capacidade de fazer, daqui a dois anos faço 70 anos. Então, eu poderia ter aproveitado, mas não. Pra pelo menos ter uma coisa assim, sabe? Vontade eu tenho ainda, mas eu tenho medo de fracassar (Hilda).

O trabalho significa para as idosas o sustento da família, a independência financeira e uma forma de contato com as pessoas. De acordo com tais percepções, Zulmira pensa que o trabalho é uma necessidade na vida das mulheres das classes populares, enquanto Hilda ressalta a possibilidade da independência e da sociabilidade a partir do trabalho:

Eu acho que quem gosta de trabalhar tem que trabalhar, né, eu acho que se tem filhos tu trabalha de montão, né, tem que ir, a maioria tem que ir, eu acho que tem que ir, compra roupa pros filho, compra isso, compra aquilo, eu acho que representa tudo eu acho. (Zulmira).

Olha, eu acho que é tudo na vida, principal o estudo. Tu tem que trabalhar, ter tua vida, teu mundo, tu vai conhecer, te vestir, porque chega uma hora que teus pais não vão te dar, os filho tem que estudar, trabalhar, agora que ta tendo isso aí, ai não querem trabalhar vão pra casa do pai. Tu tem que ter o teu canto, o teu dinheiro, quer comprar uma coisa vai ficar dependendo de marido. Eles nunca tão disposto a dar um centavo, tão reclamando sempre. Então tu quer comprar coisa tu vai lá compra, sai gasta o que tu quer. [...] **A senhora acha que a importância da mulher trabalhar está mais relacionada à independência?** Ah pra tudo, pra ter uma vida também. Seu tu vai ficar uma vida em casa tu vai ter o que? Não vai ter amizade, convivência, ver a sociedade, participar de uma reunião, né. Não tem como. (Hilda).

As idosas mencionam que as convivências que tiveram no trabalho foram boas e, no caso de Hilda, fizeram com que aprendesse a se comportar e a agir. Apesar de ressaltar que entre as pessoas pertencentes à classe alta há muita “falsidade”, o que faz com que “o pobre” fique espantado, a idosa fez amizades na trajetória do trabalho com “gente grande”, o que demonstra a associação de valor e prestígio com relação à amizade com pessoas de classe alta. Isto faz com que Hilda sinta saudades de trabalhar. Da mesma forma, Zulmira teve relações amigáveis com as “patroas” e também sente saudades do trabalho e das amizades.

6.1.5 As representações constituídas pelas idosas na experiência e a partir do Jornal Nacional

6.1.5.1 Experiência

Buscamos apresentar neste subitem as representações das entrevistadas sobre a pobreza, a mulher e sobre as mulheres pobres. Pensamos que estas representações são em muito elaboradas com o auxílio da mídia, o que é demonstrado aqui a partir da exposição das representações formadas pelas mulheres entrevistadas com relação direta ao Jornal Nacional.

Devido mesmo a esta semelhança nas percepções é que optamos por apresentar tais itens em um único lugar nesta pesquisa. Há de se considerar ainda que os questionamentos relativos à experiência foram realizados depois de uma entrevista na qual versamos sobre as representações femininas no Jornal Nacional, o que pode ter despertado percepções antes não existentes acerca da forma como as mulheres aparecem no telejornal.

Como percebido nos perfis, existe uma distância estabelecida pelas próprias entrevistadas entre elas/suas condições de vida e a pobreza, o que se deve às diferenças de níveis de carência material das posições que ocupam atualmente e daquelas que percebem como pertencentes à pobreza, que já fez parte das condições das entrevistadas.

A ideia da pobreza para Zulmira corresponde a necessidades como passar frio ou fome, além disso, percebemos que o descaso e a ausência do homem como bom pai, situação vivida pela idosa, faz com que ela perceba a obrigação da mulher em trabalhar para suprir as necessidades dos filhos, já que ao pai ou ao seu marido não coube tal posição, tendo ela que tomar a frente de diversas situações¹⁹.

Aí eu acho que coisa mais triste do mundo é ser pobre. Pobreza é coisa mais horrível [...] Tem pobre mesmo, tem gente que passa frio, né, nunca aconteceu de eu passar fome, porque nos tinha, né, a mãe fazia pão e depois a gente foi trabalhar nas casas. Mas eu acho que a pobreza mesmo é triste, né, porque [...] antigamente as mulher não trabalhavam, né [...] Pensa bem: tu vai ganhá o salário mínimo, pra um monte de gente, porque a maioria tem bastante filho, né [...] eu acho a pobreza muito triste sabia, porque agora as mulher trabalham, né, daí dão as coisa pros filho, não deixam os filho passa muita necessidade, né. Trabalham, dão roupa, levam pro colégio. (Zulmira).

Aqui cabe ressaltar a relevância da utilização da multimetodologia em pesquisa qualitativa como forma de confrontar e complementar as afirmações dadas pelas entrevistadas, tendo sido a ordem das entrevistas um dos meios de verificar e aprofundar temas, tanto com relação ao telejornal, quanto à experiência da pobreza e de gênero. Após a realização do texto em ação, Zulmira nos conta que já passou frio, além de afirmar ser pobre. Nesta mesma fala, fica visível a postura tomada por Zulmira contra a meritocracia, quando

¹⁹ Seguidamente Zulmira precisava acordar mais cedo, quando trabalhava no hotel, para limpar o pátio e o prédio em que morava, no qual o marido era o zelador, já que, por vezes, ele não estava disposto a fazer o trabalho e ela se sentia envergonhada se o trabalho não era feito: “[...] eu não parava, quase morria trabalhando. No prédio que a gente morava eu tinha que ajudar meu marido, porque tinha que lavar antes de ir pras faxina. Quando ele resolvia não fazer nada tinha que levantar de madrugada pra fazer, limpa as garagem porque ficava com vergonha, pq morava lá e não pagava nada. Eu levantava às seis horas, antes das seis, pra eles não vê que eu tava fazendo pra varre a calçada e tudo” (Zulmira).

afirma que trabalhar não garante o sucesso das pessoas, ou seja, não as tira da pobreza, como no seu caso.

A pessoa que tem mais dinheiro tem mais conforto, tem tudo mais, né. E a mulher sofre menos, ela pode sair, ela tem uma condução [...] Eu sempre fui pobre, né? Mas assim, comida, pelo menos, nunca faltou tu entende? Agora, roupa faltou, porque nós não tinha, a mãe deixava uma muda pra nós sair, domingo, na missa [...] Eu já tive isso aí, nós era pobre e não tinha nada, nós era pequena e tiritava de frio [...] Aí diz: ai, porque não vai trabalhar?! Eu trabalhei desde os oito anos, e daí? Tem muita gente que trabalha, mas trabalha quase de graça, exploravam a gente. Os ricos exploram os pobres.

Diferentemente de Zulmira, que não acredita na ideia da meritocracia, ao mesmo tempo em que Hilda busca certa distância da condição da pobreza, ela reflete sobre a necessidade de conformação com a pobreza no caso das pessoas que não estudaram como ela, o que demonstra a concordância com o sistema meritocrático. A valorização do estudo como forma de alcançar melhores condições de vida foi percebida nos contatos com a idosa, já que seguidas foram as vezes em que ela nos incentivou a estudar para depois de mais velhas “descansar”. Ainda, durante a entrevista e as observações participantes, faz-se visível o desejo de ter estudado na fala da idosa:

Bah, pobre é brabo, ser pobre, essa palavra é muito triste [risos]. É ruim, né, tu quer as coisas e tu não pode, quer alcançar as coisas e não pode, tem vontade de fazer tanta coisa e como é que tu vai fazer? Não tem! De onde tu vai tirar, tu não tem, não estudou pra ganhar, pra ter o teu alcance. Tu tem o que tem, a não ser que alguém te de alguma coisa, se não, não se tem como, tem que viver com aquilo e se conformar com o que tem. (Hilda).

Na concepção das idosas, é o dinheiro adquirido por meio do trabalho que faz com que a condição de vida melhore, o que realça a mediação dessa esfera para a melhora de vida e ascensão social, sendo esta a opinião das idosas quando questionadas sobre se o dinheiro determina ou não a maneira de viver. Apesar de esta ser a ideia geral, Zulmira menciona mais uma vez a relação entre trabalho e família e afirma que esta é a principal razão pela qual trabalha. Na percepção de Hilda, o dinheiro, além do poder de consumo, possibilita mais visibilidade social aos indivíduos.

Claro, né, sem dinheiro o que tu é?! Não é nada. Tem gente que diz: ai, pra que dinheiro... mas então porque todo mundo trabalha?! Se não é pra compra umas coisa, dá as coisas pros filho, né? Um carro, uma coisa, né.. (Zulmira).

Ah, determina, bah! Esses dias eu tava falando que o dinheiro não traz felicidade, não traz pra doença, mas pro mais o dinheiro traz felicidade e se tu não tem dinheiro, tu é pobre, nem te enxergam, mas se tu tem dinheiro e tem um carro bom, anda bem

vestido, ah, aquela é da alta sociedade, aquela ali tem amizade, né... tem um bom carro, vai em sociedade, em lugares bom (Hilda).

Quando questionadas sobre o que é ser mulher, fica visível o gosto de Hilda pela vaidade, esta que, no caso da idosa, não é velada como ocorre com as mulheres das classes populares, que podem vir a se sentirem fúteis a partir da ideia dos cuidados estéticos e, como afirma Le Breton (2007, p. 82), não prestam atenção ao corpo e fazem uso deste especialmente como instrumento de trabalho. Hilda ressalta ainda a precária valorização feminina e preza pela independência. No caso de Zulmira, a visão do que é ser mulher se revela a partir da maternidade e do trabalho, ou seja, das mediações da família e deste outro, que, além da força para encarar as adversidades da vida, ao lado dos filhos, formam uma concepção de mulher “guerreira”.

Eu acho que a mulher é tudo na vida, porque a mulher é atração. O homem não vive sem a mulher, de jeito nenhum. A mulher é mãe, é a coisa mais linda ser mãe, mas mulher mãe, que cria, tem mãe aí que não vale a pena ser mãe. Mas a gente, assim, a mulher é tudo na vida, a vaidade, a beleza das mulheres, é tudo o que a pessoa deseja ver é uma mulher, tanto faz se é gordinha, se é magra, eu admiro [...] Se o mundo fosse assim, mais... a mulher é pouco valorizada [...] Mas a mulher tem que ter! Faz inseminação, pronto. A mulher transmite tudo, beleza, vaidade, tudo. Nunca existe a mulher feia, pode ser o que for, mas um ou outro vai enxergar, é tudo na vida isso aí. (Hilda).

Acho que a mulher é, são muito guerreiras, né, mais que os homens às vezes. Olha as mulheres trabalham, são honestas e cuidam dos filhos. Sempre que eu vejo uma mulher tá com um filho nos braços e eu penso: porque só a mulher?! Elas trabalham também, né. Agora a maioria tem que trabalhar. (Zulmira).

Hilda acredita que a mulher é uma fonte de beleza e alguém que precisa ser valorizada, e Zulmira, diferentemente disso, pensa na ideia da mulher sempre como alguém voltada à família e ao trabalho. Estas percepções se confirmam quando as idosas se referem às melhores coisas de ser mulher, o que para Hilda é a possibilidade de ser bonita e se cuidar, além do fato que a antipatia é o que há de pior em ser mulher.

A melhor coisa de ser mulher é ser bonita, bem vaidosa, bem extrovertida, simpática que é uma coisa fundamental, né, porque, às vezes, tem umas mulheres bonitas, mas tem uma antipatias que não dá, aí tu diz: Bah, aquela mulher é tão bonita, mas tão estúpida, é arrogante, olha por cima do ombro, né. Não beijinho no ombro²⁰, né? [muitos risos] (Hilda).

As melhores, acho que ser mãe, ser dona de casa, dona de tudo porque as vez a gente não pode nem ficar em casa, tem que trabalhar, né. Eu acho que é bom ser mulher,

²⁰ Expressão utilizada pela funkeira Valesca Popozuda. Significa a autoafirmação de alguém em relação às pessoas invejosas. <http://www.dicionarioinformal.com.br/beijinho+no+ombro/>. Acesso em novembro de 2015.

eu acho. **E as piores coisas?** Não sei, não acho nada ruim de ser mulher. Depende do marido que tu pega também, né. Meu marido era assim: eu ensinava de um jeito os filhos e ele ensinava de outro. Porque ele pensava numa coisa e eu pensava n'otra, eu digo o jeito de ensina, né. Pra começar, pra ele os filhos não podiam trabalhar, isso era um crime pra ele e eu já pensava diferente que tinham que trabalhar. A guria começou a trabalhar nova e ele não queria que ela trabalhasse. Mas ela ta bem agora, ela é inteligente, tem firma tem tudo, apesar de que de marido não dá pra ir muito atrás, né. Home é home, eu não me fio de home. (Zulmira).

Questionamos ainda as entrevistadas acerca de como enxergam o cotidiano da mulher de classe popular e daquelas pertencentes à classe alta. A ideia da mulher pobre, que cuida da família e trabalha desde o momento em que acorda, é unânime entre as idosas. Já a mulher de classe alta é vista a partir da futilidade, como alguém que não sabe ao menos o que tem em casa ou sobre o que a empregada deve comprar no mercado. É interessante ressaltar que ambas falam a partir do lugar de empregadas domésticas, que conviveram durante anos com mulheres de condições econômicas melhores.

61.5.2 Mídia

Ao adentrar na esfera midiática, primeiramente as questionamos acerca de percepções gerais sobre as mulheres na mídia. Com relação ao aparecimento ou não de mulheres em programas televisivos, Zulmira pensa que tais representações se dão de forma semelhante com relação aos homens e às mulheres, de forma equilibrada: Zulmira afirma: “*Ai, em tudo, né, aparece mulher e homem eu acho*”. Já Hilda detalha que é nas telenovelas onde mais aparecem as mulheres, com estilos diferentes e admirados por ela. A entrevistada percebe ainda que estas representações condizem com a realidade dos modos de vida das mulheres pertencentes às classes populares e alta:

Nas novelas, porque o mais é só as gurias do jornal, né, elas ali um pouquinho ali, algumas entrevistadas que é pouco [...] As novela é que as mulheres mais se apresentam, é os estilos, é as roupa, a gente admira tudo, é cabelo, é tudo, né. Se eu pudesse vivia tudo aquilo ali [...] Eu acho que é a vida de hoje, é o que vive as mulheres que tem poder que tem condições, que são da alta sociedade, de um meio mais social, né. Sei porque que eu convivi com elas. Lá aonde eu trabalhava na maçonaria, cada qual queria disputar o luxo maior, né, nas reuniões, nos jantares, nas coisas, é cabelo, sapato, vestido, é tudo, né. Então é o que vive nesse mundo mesmo, só que uns tem mais dinheiro, outros não tem, né. É isso aí. E aquela história de amor, de marido, pega um, pega outro, a vida de hoje é isso aí.

Ao questionarmos Zulmira sobre suas percepções acerca das diferenças ou semelhanças entre o cotidiano real das mulheres e suas representações na televisão, a idosa se

mostrou confusa, mesmo após várias explicações. Apesar disso, por fim ela afirma que não há diferença entre as mulheres de classes populares e de classes altas na mídia e na realidade, mas não desenvolve a resposta.

O Jornal Nacional entrou na vida destas mulheres de forma bastante relacionada às mediações do trabalho e da família, pois Zulmira começou a assistir ao telejornal assim que diminuiu a carga de trabalho e, conseqüentemente, o cansaço de tal jornada, e Hilda foi, inicialmente, incentivada pelo marido a assistir.

De primeiro eu trabalhava muito, né? Agora que eu to aposentada e tal, não preciso trabalhar, daí eu assisti quase sempre [...] Eu sempre gostei, né, mas antes a gente tava cansado, tinha que fazer isso, fazer aquilo, tava cansada do serviço, tinha que fazer um monte de coisa e não tinha muito tempo, mas agora eu tenho, agora eu olho o Jornal Nacional (Zulmira).

Ah eu assisto já há bastante tempo assim. Quando meu marido era vivo eu assistia muito mais, porque ele ligava ali e eu ficava tomando um mate, porque ele não era muito de tomar chimarrão. Aí ele me chamava, eu dizia pra ele, quando der o jornal me chama [...] (Hilda).

Após o conhecimento da forma como as mulheres começaram a assistir ao Jornal Nacional, iniciamos a apresentação de como o telejornal em estudo é interpretado e assistido pelas idosas. É afirmada a ideia da credibilidade do Jornal Nacional por essas mulheres, já que Hilda pensa que este retrata a realidade, maneira esta de apresentação que proporciona cuidados através da informação, tendo o JN a função de alertá-la sobre problemas relacionados à segurança pública, à violência e à falta de estrutura das cidades.

Tá demais assim, eles apresentam, o banditismo que tá, as coisas que acontecem, os acidentes. Eu digo: a segurança antes era avião, e agora não tem mais, eles mostram todo o dia no jornal. Tudo, as ruas ta vou te contar, as faixa não tem, tu escapa dum e cai n'outro. Isso tudo que eles mostram é a realidade da nossa vida aqui, não tem segurança, nem em casa tu não tem, porque se tu pensa que tu vai sair ali e ta bem tu nunca sabe, tu pensa: Deus é que me guie!

Juntamente com a credibilidade associada ao telejornal, existe a ideia de que este apresenta notícias negativas, o que se dá principalmente no caso de Hilda, quando questionada sobre se gosta ou não do telejornal em estudo. Zulmira, quando questionada sobre o gosto pelo telejornal aqui em estudo, cita o programa Atualidades Pampa²¹, transmitido pela Rede Pampa, com o qual se atualiza e se diz “viciada”, além de se referir ao JN e à diversidade de assuntos veiculados, como política e economia. Apesar da percepção do quão negativos são os

²¹ Com o comando de Magda Beatriz, os comunicadores da TV Pampa debatem com muita descontração os fatos que marcaram o dia, trazendo informação e opinião na medida certa (Fonte: <http://redepampa.com.br/tvpampa/atualidades.php>. Acesso em 15 de setembro de 2015).

assuntos retratados pelo telejornal, existe, a partir da ideia de que a mídia retrata a realidade da forma como ela é, a ideia de que a sociedade está mesmo em um momento difícil, ou seja, os fatos e as realidades não são criados pelo telejornal, eles apenas são contados.

Ah, eu gosto de assistir quando tenho tempo, né, porque eles mostram muita coisa. A gente já pega pelo vício assim, tipo a novela: Ai, aquela hora eu tenho que tá ali! [...] Eles mostra muita coisa nas reportagens, as necessidade, assim, as rua, acidente, coisa assim, tem coisa que a gente nem gosta de ver, muita coisa, nossa! [...] E tem o Bonner que fala e eles são uns repórteri muito bom, agora tem uma moreninha que tá dando a temperatura do tempo, né, muito legal ela. E aquela outra também... *A Renata?* É, muito querida também, muito assim, ela expressa bem as coisas. (Hilda).

Não sei, o que eu vou te dizer... Eu ligo pra olhar as notícia, né, ali dá de tudo ali, dá de crime, dá disso, dá dos políticos, corrupção e não sei o que mais, um monte de coisa né, que tu... né. (Zulmira).

O que menos Zulmira gosta no JN são as notícias ruins, que, como explicitado acima, vêm acompanhadas da conformidade dos acontecimentos da realidade, estes que, em sua percepção, devem mesmo ser retratados: *“Das notícias ruins, né? Mas é aquilo que dá [...] Não adianta, o que a gente vai fazer, né? É só... eles têm que dá a notícia, né? A gente liga a televisão pra que? Então não liga, né?”*. Hilda, quando questionada sobre o que mais gosta no telejornal, apesar de saber da existência da predominância de temas negativos, acaba por citar qualidades e benefícios do telejornal como um gênero televisual que auxilia em seu dia a dia de dona de casa:

Olha, assim, o que eu assisto eu acho que é suficiente mesmo. Eles mostram a realidade que é. Eu gosto muito de ver a temperatura do tempo, venho correndo lá da cozinha e, às vezes, chego e já terminou! [risos]. Mas agora tá durando mais! Às vezes tu quer fazer alguma coisa, tu tem que saber da temperatura, tu vai lavar uma roupa tu quer saber como vai tá o dia amanhã, como tu vai sair, botar uma roupa, que jeito, né. Então é muito importante isso aí, a gente assistir a temperatura do tempo, as notícias que eles dão são muito importantes.

De acordo nossas observações participantes, os temas que mais chamam a atenção das entrevistadas no Jornal Nacional estão relacionados a assuntos de maior proximidade ou que podem afetar suas vidas de certa maneira, como a previsão do tempo e matérias sobre dicas de usos de eletrodomésticos ou de economia de gás ou água. A política não desperta o interesse das idosas, que não demonstram grande entendimento acerca do assunto, já que as interações com o telejornal não passam de pequenas reclamações.

O questionamento sobre a lembrança de matérias que nas quais tenham aparecido mulheres de classes populares no JN nos leva ao conhecimento do quanto as idosas assistem ou do potencial deste gênero televisual em fazer com que as receptoras memorizem matérias

marcantes. Zulmira não se lembrou de nenhuma e Hilda cita, de forma geral, que geralmente as mulheres de classes trabalhadoras são apresentadas em notícias referentes a catástrofes naturais:

Só essas reportagens de alagamento que as mulher aparecem, que perderam casa, isso e aquilo, que tem que batalhar por uma vida. Ontem mesmo apareceu uma senhora que perdeu tudo ali, tava ali. Não te, é calamidade, é aqueles bairro bem pobre, vila mesmo. Também eles vão mostrar o que das pessoas pobres? Vão chamar pra mídia? Não, só se tiver alguma coisa importante, agora um roubo, se um rouba um pão ali, vai preso!

De forma geral, os pobres, quando representados no Jornal Nacional, também carregam a negatividade atribuída a eles pelas idosas na experiência, o que nos faz atribuir à mídia a função de elemento que serve como parâmetro de elaborações de representações. Existe a ideia de que o pobre aparece no telejornal somente associado a notícias ruins, como com relação à violência ou quando faz algo negativo, como roubar. Assim, percebemos que, nas entrevistas, quando representada pela mídia, a pobreza é vista negativamente pelas idosas, mas, quando se trata da experiência delas, a pobreza é mais relacionada à carência de materiais do que aos roubos ou à violência. Isto demonstra que, em relação ao Jornal Nacional, as percepções acerca do estado da pobreza são amplificadas e passam a englobar uma visão negativa diferenciada, que inclui os temas da violência e roubo.

Assim como acontece na representação do pobre e da mulher popular a partir da experiência das idosas, no Jornal Nacional, as mulheres pertencentes a esta classe são vistas negativamente, já que são notícias de casos negativos, como crimes: “*olha, quase sempre é só crime né, quase sempre, porque boa, notícia boa é difícil*” (Zulmira).

A maioria é uma notícia que não é boa, a não ser quando é uma formatura, um diploma, até quando é uma morte que aconteceu lá, que a gente nem sabia, não lembrava mais, que morreu fulano. Mas o pobre, aí, qualquer coisa, se é roubo, isso e aquilo já vai pro jornal. (Hilda).

Além da má representação, há a percepção do quão pouco elas aparecem no telejornal:

Eu acho que o jornal até não passa nada quase, que o jornal não vê o pobre, só vê o pobre mesmo, quando acontece um acidente, um roubo. **Com mulher a senhora acha que é assim também?** É. Porque é raro tu ver uma mulher pobre, ou tu tá passando na rua tão entrevistando uma mulher e ai tu vê, mas não assim, que tu vai ver aparecer na televisão por alguma atividade, pra quê? Não vai ter sucesso, ninguém vai dar bola pro pobre. Só querem os impostos dos pobres, mas o resto [risos]. (Hilda).

Apesar disso, quando perguntamos às idosas, de forma direta, se as mulheres da classe popular são representadas negativa ou positivamente, ambas relatam achar a

representação positiva por conter reivindicações, sendo que, nos casos de roubos ou acidentes, são negativas.

A ideia da mulher de classe popular no Jornal Nacional como vítima se divide em duas concepções entre as idosas, a de que é vítima porque necessita de bens materiais e por sofrer agressões físicas ou homicídio – da ordem da violência física e moral: *“imagina, os horrores que fazem com as mulheres, né, matam, fazem horrores, né, somem, né”* (Zulmira). Na percepção das idosas, ao mesmo tempo em que a mulher é vítima, é através do Jornal Nacional que ela tem a possibilidade de expor as carências de sua classe social e de seu gênero. De acordo com estas percepções, mais negativas que positivas, as idosas gostariam que as mulheres aparecessem de outras formas no telejornal, mas esta ideia vem acompanhada daquela que remete à mera retratação da realidade, como se o normal mesmo fossem as notícias negativas: *“do noticiário tu não espera muita coisa, é só coisa ruim. Por que eles têm que dá a notícia e é só coisa que acontece, né, boa mesmo é difícil”*.

As idosas não se sentem representadas no telejornal em estudo, o que, no caso de Zulmira, se manifesta pela percepção de que *“pelo menos eu não fico lá naquelas fila, né?”*, quando se refere às reportagens sobre a área da saúde brasileira, geralmente marcadas por imagens de filas e falta de atendimento nos hospitais, o que, mais uma vez, demonstra o distanciamento que ela elabora entre a sua condição de classe e a pobreza, mas agora é a mídia – juntamente com as mediações, intrínsecas as elaborações de sentidos –, quem oferece as chaves para pensar as situações das mulheres pobres.

Ah, os ricos eu acho difícil aparece, né? São os pobres, né, lógico. O que o pobre vai esperar? Ganha pouco, o hospital é um horror, um caos aquilo, né? O médico é outro, né? É horrível, mas tem que ter saúde, né. Eu graças a Deus não preciso, né, se eu precisar eu vou no médico, tomo remédio, eu tenho meus problema, mas eu equilíbrio tudo, né? Tomo remédio, tudo, não to mal [ênfatisa o mal], assim, entende? Caminho e tudo, né? Mas tem muita gente que tem, precisa muito, que tem câncer, que tem isso, tem aquilo, tem horrores, né? (Zulmira).

Já Hilda, apesar de não se sentir representada, afirma admirar certos temas retratados por acontecerem com os indivíduos e com ela, como a violência, sendo que a diminuição do tema é vista como positiva pela idosa: *“agora que diminuiu bastante, não tá aparecendo com essa lei da Penha, isso é uma maravilha porque agora não aparece tanta mulher apanhando e com problema. Assim mesmo tem por baixo dos panos que a gente não sabe, né”*.

A partir das representações veiculadas, o Jornal Nacional faz com que as idosas reflitam sobre suas condições de vida: *“por enquanto dá pra levar, mas daqui a pouco, se as coisas vão subindo como tão, vai chegar um ponto que, ou tu tem o dinheiro, ou não tem as*

coisas pra comer, né” (Hilda). No caso de Zulmira, realizamos esta questão duas vezes: na primeira, a idosa afirmou que também reflete sobre suas condições de vida, mas não sabe expressar sobre quais temas se dão tais reflexões, já na segunda vez em que foi questionada, Zulmira acabou por afirmar que nunca parou para pensar nesse assunto.

Recortamos o método texto em ação²² com o objetivo de expor os momentos em que as mulheres se referem às fontes femininas ou quando demonstram identificações ou estranhamentos relativos às situações nas quais as mulheres são expostas no JN.

A seguir, realizamos alguns apontamentos sobre as percepções das mulheres idosas acerca das fontes das matérias, de forma a facilitar nosso entendimento sobre a forma como as mediações da família e do trabalho se revelam importantes nas representações constituídas pelas entrevistadas e suas percepções relativas às representações midiáticas das mulheres de classes populares no Jornal Nacional. O texto em ação nos permite, neste momento, cruzar de forma empírica as mediações trabalhadas com tais percepções e construções realizadas pelas mulheres, o que não acreditamos ocorrer de forma total, pois as mediações vão muito além de tais cruzamentos, já que permeiam toda e qualquer menção realizada pelas mulheres, o que seria difícil expor. Assim, na medida do possível, aqui buscamos “materializar” o funcionamento das mediações do trabalho e da família, até o ponto onde conhecemos tais esferas.

Esta apresentação seguirá a ordem em que se apresentam as matérias do texto em ação. Na primeira notícia, “Sistema em parceria com população leva água a 435 mil famílias no CE”, é nos momentos em que aparecem mulheres de classes populares que as idosas se manifestam, mas sempre tendem a se referir à pobreza como uma condição que ultrapassa o gênero, sem focar propriamente na mulher da classe popular. As interações com o texto do JN nesta notícia ocorrem a partir das identificações possíveis pela trajetória da família primordial e, mesmo que as idosas se identifiquem com as mulheres representadas, seja pelo fato de buscar água, no caso de Zulmira e com relação à estrutura das casas, quanto nos referimos a Hilda, ambas percebem tais representações como negativas, sendo situações pelas quais elas já passaram.

As mediações da família e do trabalho estão presentes também nas percepções acerca da notícia “Cheia do Solimões afeta moradores e comerciantes no Amazonas”. O distanciamento de Zulmira com a situação retratada se deve às vivências familiares, de quem nunca passou por enchentes. A preocupação advinda da posição de mãe que costuma fazer

²² Ver apêndices.

comida para o filho fica visível a partir do momento em que se refere à forma como as pessoas farão a comida que recebem nas cestas básicas. Assim como Zulmira, Hilda menciona a dificuldade passada pelas pessoas que perderam tudo que foi adquirido durante a vida, vida como a delas, que trabalharam desde os oito anos de idade para adquirir, juntamente com os maridos, o patrimônio que têm hoje. Na fala de Hilda, percebemos, além da menção da conveniência das doações às pessoas necessitadas, ato de generosidade que costuma realizar, a preocupação com a forma como a idosa atingida pela enchente iria pagar as contas da casa, situação esta de preocupação que a Hilda viveu durante toda a vida. Menciona ainda que a mulher de classe popular tem muitos filhos a partir da experiência que teve com sua mãe, que teve 14 filhos, motivo pelo qual Hilda precisou sair de casa para trabalhar quando criança. Tal percepção da idosa de que a pobreza é sinônimo de grande quantidade de filhos é generalizada, já que, no Brasil, boa parte das famílias de classes populares tem menos de dois filhos.²³

Na terceira reportagem, “Instituto referência em câncer no Rio, Inca²⁴ tem falta de leitos e equipamentos”, Zulmira, ao tratar sobre a forma como os indivíduos de classes populares são atingidos pelas doenças, menciona suas dificuldades em deixar os vícios, o que remete às famílias primordial e atual, nas quais a mãe fumava palheiros, o marido bebia e fumava e a filha teve dificuldade na tentativa de parar de fumar. No caso de Hilda, percebemos as mediações do bairro onde mora e das situações que passou nos postos de saúde que frequenta.

Na reportagem “Campanha de vacinação contra a gripe começa nesta segunda-feira”, Zulmira se mostra preocupada com o fato de a mãe, que é fonte da matéria, ter que passar álcool na casa durante o dia todo, percepção esta que vai de encontro ao capricho de Zulmira, modo como ela cuida da casa, mas que remete também à quantidade de trabalho que esta mãe teria ao realizar a tarefa. Hilda, a partir da experiência como mulher de classe popular, versa sobre a diferença entre os indivíduos pertencentes às classes populares e da classe alta quando se trata da suscetibilidade a doenças. Zulmira, de forma mais específica, diferencia-se da mulher apresentada pelo fato de ter a imunidade forte, o que advém da infância vivida de pés

²³ Segundo dados do IBGE, o tamanho da família brasileira diminuiu em todas as regiões: de 4,3 pessoas por família em 1981, chegou a 3,3 pessoas em 2001. O número médio de filhos por família é de 1,6 filhos. Em 2002, o número médio de pessoas na família se manteve o mesmo em quase todas as regiões e por isso a média para o país se manteve em 3,3 pessoas, segundo a Síntese de Indicadores Sociais 2003. O número médio de filhos apresentou uma diferença mínima em relação do ano anterior: de 1,6 para 1,5 filhos na família em domicílios particulares. <http://teen.ibge.gov.br/biblioteca/274-teen/mao-na-roda/1770-a-familia-brasileira.html>. Acesso em novembro de 2015.

²⁴ Instituto Nacional de Câncer.

descalços e que nos remete à mediação da família. Por outro lado, Zulmira se identifica com a mulher de classe alta pela preocupação que, como mãe, ela teve/tem com os filhos.

A quinta reportagem, chamada “Especialistas dizem que uso do compulsivo do celular virou vício” tem menos interações por parte das idosas. Zulmira faz uma importante consideração quando é representada a fonte, professora de Ioga, Flávia, ao mencionar que percebe a diferença entre mulheres de classe alta e popular, além de se questionar sobre o porquê de existirem as classes sociais. A idosa pensa que estas diferenças se dão devido às condições de estudar oferecida pelos pais, o que, no seu caso, não foi possível de ser realizado. Hilda não se manifesta de forma relacionada às mulheres.

Durante a exibição da sexta reportagem, denominada “Pesquisa mostra que os efeitos da poluição afetam muito mais do que o sistema respiratório”, Zulmira e Hilda demonstram não gostar de cigarro por ocorrências na família e, por conta disso, ocorre um distanciamento com relação à mulher de classe popular que é representada fumando. Como já mencionado, Zulmira não gosta do cigarro devido à recorrência do uso na família, e Hilda afirma, neste momento do texto em ação, que a filha fuma em casa e ela não aprova a ideia.

Na reportagem “Congresso aprova a regulamentação da lei dos empregados domésticos”, que, na verdade, trata especialmente das empregadas domésticas e suas relações com as patroas, pela primeira vez a mediação do trabalho se sobressai à da família. Zulmira afirma que quem tem condições financeiras deve mesmo usufruir dos serviços de uma empregada doméstica, o que ocorre por ela saber do auxílio que uma empregada doméstica presta nas casas. Além disso, ao assistir as imagens de empregadas domésticas trabalhando, Zulmira lembra o quanto este trabalho é desgastante, o que ocorre a partir de sua experiência. O discurso de Hilda, que trabalhou durante toda a vida sem os direitos²⁵ empregatícios que hoje fazem parte da lei, revela a relevância da mediação do trabalho quando afirma a falta de vontade dos patrões em pagarem o que devem às empregadas domésticas conforme as regras. A idosa percebe ainda, a partir do Jornal Nacional, que a mulher que trabalha na ocupação supracitada é mais valorizada com a nova regulamentação.

Na oitava reportagem, intitulada “Especialistas alertam sobre casos de violência contra crianças”, as interações das idosas são distintas. Zulmira concorda com o fato de que as crianças que passam por este tipo de violência têm medo dos agressores devido às ameaças, o que remete à mediação da família e do trabalho, já que a idosa sofreu tentativa de abuso sexual aos oito anos de idade por parte do marido da prima, na casa em que ela trabalhava.

^S Relaciona-se ao fato de ter trabalhado durante toda a vida sem os devidos direitos, como no caso da Maçonaria, que não chegava a receber nem um salário completo e não reclamava por receio de perder o emprego.

Ela não quis contar o ocorrido exatamente por medo de estragar o relacionamento do casal e por receio de que a prima não acreditasse nela. Durante a exibição da reportagem, Hilda se mostra chocada diante da situação na qual a menina violentada é representada.

Na última reportagem apresentada às mulheres idosas, “ONG promove Dia das Mães especial no Instituto do Coração, em São Paulo”, as interpretações acerca das representações são mediadas pela família. Zulmira, que teve apenas dois filhos, percebe negativamente as mulheres de classes populares por terem muitos filhos. Assim, sua percepção é baseada na concepção da família que construiu e das condições necessárias na criação dos filhos, o que sempre é enfatizado em suas falas. A idosa também se refere à preocupação das mães quando os filhos adoecem.

Ao apresentarmos a mesma reportagem à Hilda, as percepções ocorrem de forma distinta, de acordo com a sua experiência de mãe de um deficiente físico. No momento em que o repórter se refere ao descuido que as mães passam a ter com a própria aparência devido aos cuidados dos filhos internos, a idosa começa a chorar. Neste caso, é através das palavras, mas mais ainda a partir da emoção, que o texto em ação nos leva a pensar na relevância das mediações, pois é a tristeza de já ter enfrentado filas de espera por exames e o acompanhamento da trajetória do filho com deficiência física e a impossibilidade de cuidar da aparência advinda disso que faz Hilda se emocionar com as representações das mulheres das classes populares, além de fazer com que ela se identifique com o assunto e com as fontes da reportagem.

Mesmo com a apresentação realizada acima, que demonstrou a relevância das mediações da família e do trabalho sobre as percepções das idosas frente às representações midiáticas, acreditamos ser importante apresentar um panorama geral a respeito das percepções das idosas sobre as representações estudadas. Então, aqui apresentamos as formas positivas e negativas como as mulheres pertencentes a esta geração constituem as representações da pobreza e das mulheres populares na experiência, assim como versamos sobre suas percepções positivas e negativas acerca das representações desses dois temas na mídia.

A pobreza é vista positivamente pelas idosas na experiência quando se trata de valores morais; da união da família popular; da ascensão social, mesmo que não significativa, com relação à situação vivida por elas durante a infância e a juventude; pela possibilidade de ter acesso a recursos básicos (como alimentos); ainda, a positividade é atribuída à pobreza pela possibilidade de trabalhar para ascender socialmente. Por outro lado, a pobreza é compreendida de forma negativa pelas idosas pela invisibilidade social deste estrato; pela

carência material; pela impossibilidade de consumo de bens duráveis e não duráveis; pelo trabalho infantil; pela dependência financeira dos pais e pela exploração realizada pelos empregadores.

A mulher de classe popular é vista positivamente pelas idosas em suas experiências por não precisar trabalhar com idade avançada (hoje ambas têm a aposentadoria como garantia); por ser dona de casa e se dedicar ao cuidado dos filhos, por outro lado, pela possibilidade de sustentar os filhos através do trabalho e por ser “guerreira”, o que significa para elas trabalhar pela família. Os aspectos negativos de ser mulher popular estão relacionados pelas idosas aos preconceitos e discriminações sofridos pela condição econômica, pela raça e por ter baixo nível de escolaridade; pela dependência econômica do marido e pelo sofrimento da trajetória da mulher popular que é mãe durante a criação dos filhos.

Com relação à pobreza nas representações midiáticas, o único aspecto positivo é – como referido anteriormente – a possibilidade de reivindicar melhorias através do Jornal Nacional. A maior parte das percepções que as idosas têm sobre a pobreza na mídia é negativa devido à invisibilidade deste estrato social; à representação da pobreza associada a temas como violência, roubos e acidentes; aos vícios; pela perda de bens devido às catástrofes e, conseqüentemente, à representação dos populares como vítimas dessas catástrofes; à suscetibilidade dos indivíduos a doenças; à falta de atendimento médico e pela carência de bens materiais.

A mulher popular é vista positivamente na mídia, assim como ocorre com a pobreza de forma geral, pela possibilidade de reivindicar necessidades no Jornal Nacional, mas também pela representação da melhoria de condições empregatícias das empregadas domésticas e pela valorização feminina através do incentivo à autoestima. Por outro lado, as idosas consideram negativa a invisibilidade da mulher popular no Jornal Nacional, pela falta de condições para a realização de atividades básicas (como trabalhar, dormir e cozinhar); pela falta de planejamento familiar; pela violência física e verbal que as mulheres populares sofrem; pelas injustiças advindas dessas violências e o vício do cigarro.

6.2 MULHERES MADURAS

6.2.1 Perfis

Norma tem 60 anos de idade, vive em uma união estável com o companheiro e é negra. Trabalha como massoterapeuta e depiladora, cursou o Ensino Fundamental completo e

teve a trajetória escolar interrompida na terceira série para trabalhar e ajudar a mãe, já que esta sustentava a casa sozinha. Outras vezes ela teve que abandonar a escola, seja para se dedicar à renda familiar ou devido a problemas de ordem familiar. Esta experiência foi traumática na vida de Norma:

Ali eu perdi a vontade de estudar, no momento que aconteceu isso da minha mãe precisar que eu saísse da escola, então aí criou tipo um bloqueio na minha cabeça, eu chorei muito no dia que eu tive que parar de estudar, foi horrível e até hoje não esqueci [...] eu tinha que trabalhar o dia inteiro e naquela época empregada tinha que ficar o dia inteiro trabalhando, inclusive, às vezes, tinha que ficar na casa, né, morando, só ia no domingo de tarde em casa, era assim que era.

Apesar das dificuldades, ela voltou às salas de aula por três vezes, mas, por problemas como a depressão que o filho mais velho teve, adiou a ideia novamente. Apesar disso, pensa que “[...] *a vida da gente é feita de idas e vindas, né, então tem que ser perseverante, né.*” Estas idas e vindas de Norma na escola demonstram o desejo de estudar da entrevistada.

Norma é católica e costuma sair de casa para ir ao centro, visitar o filho e cuidar do neto quando a nora necessita, fora isto, sai geralmente para trabalhar nas casas das clientes. Os três filhos já saíram de casa para trabalhar, casar ou morar com o noivo, como a filha mais nova, sendo assim, Norma e o companheiro moram atualmente na casa própria, que construíram ao longo dos anos para morarem com todos os filhos, no bairro Perpétuo Socorro, em Santa Maria. O responsável pelo sustento da casa é o “companheiro”, como assim ela denomina Luís.

A entrevistada, que se considera de classe “remediada”, sentiu-se discriminada quando criança por ser negra, quando foi posta para fora da casa de uma amiga pelo pai da menina, caso semelhante ao que ocorreu em uma festa de 15 anos, durante a adolescência. As discriminações eram recorrentes na escola por questões raciais e de classe, já que, por vezes, ela era isolada, chamada de “negra suja” e desdenhada quando levava seus irmãos para as festas para também aproveitarem os lanches.

Vista por nós como exceção, ela é a única integrante da amostra que faz uso da internet, sendo que tem *wi-fi* em casa. Gosta de usar a internet por diminuir a conta do telefone devido à facilidade de comunicação. Têm em casa dois computadores de mesa e um *tablet* que ganhou da filha, o qual ela usa diariamente em diferentes locais da casa, mas também utiliza o computador para pesquisar assuntos do cotidiano, como receitas e informações sobre o trabalho:

Ah, computador eu uso bastante, é eu uso pra fazer pesquisas ou pra uma receita que eu quero fazer, ou eu quero saber sobre alguma doença eu vou lá e pesquiso, né? Até

mesmo pro meu tipo de trabalho, que eu faço massagens, se eu to com uma cliente que tem algum problema, eu busco alguma consulta pela internet pra saber como que eu vou agir.

O maior acesso de Norma se dá através do Google, onde se mantém atualizada sobre os assuntos anteriormente citados e assiste a filmes. Entrou no site do Jornal Nacional apenas uma vez para pesquisar sobre o caso do “menino Boldrini”, para saber mais a respeito do fato. Quanto às redes sociais, o acesso se limita ao Facebook, mas se realiza todos os dias, através do qual ela se comunica com os filhos e trabalha, pois frequentemente marca horários com as clientes e trata sobre sua disponibilidade de tempo com elas.

Não assina jornais nem revistas, assim como não tem o hábito de lê-los, mas lê livros sempre que pode. Atualmente lê O Pequeno príncipe “*porque amplia os horizontes*” e um livro da Clarice Lispector do qual não lembra o título. Como o comum entre nossas informantes, o rádio é ligado diariamente pela manhã para se informar sobre os acontecimentos do dia.

As atividades que mais lhe dão prazer são estar com a família, passear e trabalhar. O sonho de Norma é ver as duas filhas casadas, já que ambas moram com os parceiros, mas ainda não casaram. A mais jovem causa certa preocupação por ter ido morar na Bahia com o noivo, que é fazendeiro, e Norma não aprova a relação de dependência que se estabelece entre eles, já que a filha vendeu a loja de bijuterias que tinha em Santa Maria para morar com o rapaz. Quanto ao filho, não há preocupações, já que é casado e tem seu próprio emprego. Apesar de tais desconfortos, Norma afirma: “*hoje tenho muito pouco a pedir e muito a agradecer. Hoje eu mais agradeço do que peço*”.

Rosângela tem 59 anos de idade, é casada pela segunda vez e branca. É separada do primeiro marido, com quem não tinha liberdade de escolha, sendo que ele chegou a rasgar a carteira de trabalho para que ela não pudesse arrumar um emprego, além disso, enquanto casada com ele, Rosângela não podia votar, o que pode explicar o engajamento político dela hoje. Atualmente não trabalha porque está com problema nos dois joelhos, o que impossibilita que caminhe em certos dias devido à dor, mas a família conta com o auxílio do Bolsa-Família. Antes desse problema de saúde se agravar, ela trabalhava com as outras mulheres na horta do coletivo do assentamento onde mora. A trajetória escolar foi interrompida na 5º série do Ensino Fundamental pela necessidade de trabalhar para auxiliar no sustento da casa. O desejo de retomar a trajetória escolar existe, mas é interrompido pela falta de estrutura do local onde

mora: “*eu queria voltar, queria um EJA, ali no CIEP²⁶ tem, mas só à noite, como vou voltar à noite sozinha? Não tem transporte. Não dá. Um dia vou comprar uma moto [...] Queria voltar a estudar, tu não sabe como*”.

Rosângela é católica e costuma sair pouco pelo problema nos joelhos, sendo que o filho e o marido vão seguidamente ao centro para resolver questões. Apesar disso, costuma viajar para a casa da filha em Canoas e para a praia no verão, período em que, pela segunda vez, trabalhou como garçone. Ela, o marido e o filho residem em casa própria – ainda sem o termo de posse –, em um assentamento rural no qual não chegam cartas nem correspondências de água ou luz. A busca destes documentos é realizada pelo marido na agência do Correios. Além do filho que mora com ela, Rosângela tem mais três filhos, com idades entre 31 e 38 anos. O responsável pelo sustento da casa é o marido, que trabalha na lavoura da propriedade e cria aves.

Rosângela, que se considera pertencente à classe baixa “pela questão do salário”, foi discriminada pelos homens no assentamento onde mora após a criação, em conjunto com outra moradora, de um grupo para as mulheres discutirem questões de gênero. Na percepção dos homens, elas não deveriam se reunir, o que a fez se sentir humilhada. A entrevistada também foi traída pelo primeiro marido dentro da própria casa. No ambiente escolar, não foi discriminada, mas percebia que os colegas tinham materiais melhores que os dela, como pastas e calçados, enquanto ia de chinelo para as aulas, percepções diretamente relacionadas à condição de classe da entrevistada.

O consumo cultural de Rosângela gira em torno da televisão, rádio e internet. Ela tem internet em casa e a usa pelo celular. Não tem computador, já o rádio é o companheiro dela e do marido todas as manhãs. Lê revistas quando ganha, mas não assina, assim como acontece com jornal impresso. Em contraposição, os livros evangélicos e de receitas culinárias são lidos mais de uma vez por semana.

O lazer de Rosângela é centrado em torno de estar com a família, visitar as filhas e ficar com o neto. O sonho de Rosângela é trabalhar de forma autônoma²⁷: “*Eu quero fazer minhas coisas que eu gosto de fazer, meus pão, a feira que eu vou fazer²⁸. Hoje não trabalho muito na horta, mas eu posso fazer outras coisas. O meu sonho é esse. E vai ter que ser*

²⁶Centros Integrados de Educação Pública.

²⁷ O desejo de Rosângela em trabalhar de forma autônoma pode advir do desconforto em não ter tido os direitos trabalhistas recebidos quando trabalhou como garçone em um restaurante da cidade de Capão da Canoa, em janeiro e fevereiro de 2015.

²⁸ A entrevistada gostaria de vender os produtos coloniais que produzia antes de ter problema nos joelhos em uma feira de produtores realizada no centro da cidade de Santa Maria.

aqui.” O sonho também está relacionado a conquistas relacionadas à estrutura do local onde mora, como a iluminação na rua que dá acesso à casa, a água encanada e o transporte público.

6.2.2 A inserção da TV e do Jornal Nacional no cotidiano e os modos de ver televisão

Apesar de nossa percepção acerca da relevância do aparelho televisivo na vida das mulheres das classes populares, as entrevistadas maduras negam tal importância. Rosângela acredita que apenas as telenovelas são boas: *“olha, não é [...] porque programa não tem nenhum que é bom, né, não tem mesmo. E agora as novela a gente assiste, a das oito que ta boa, a outra que começou”*. Norma afirma: *“Não, não é que seja importante, mas é uma maneira de a gente ficar atualizada, né. Não é assim tão importante, se não tiver a televisão, tudo bem, mas no final das contas, hoje em dia quem não tem, né? Todo mundo tem”*. A televisão serve, então, para estas mulheres, como forma de se manterem informadas, mas não tem a função de companhia, como acontece com as idosas, o que pensamos dever-se à presença da família e do trabalho em suas vidas.

Com relação ao telejornalismo, as entrevistadas assistem ao Jornal Nacional, Bom dia Rio Grande, no caso de Norma, e Rosângela assiste ao Jornal do Almoço, Jornal Hoje e Jornal Nacional, todos veiculados pela Rede Globo em horários distintos do dia. Norma tem preferência pelas notícias nacionais, mas ressalta que as internacionais são relevantes pelas informações dos países vizinhos, assim como Rosângela, que aprecia ambas as abrangências das notícias. Então, a julgar pela assiduidade com que elas assistem a telejornais, sendo que Norma assiste a dois e Rosângela a três diariamente, a informação é importante para as entrevistadas maduras.

Como visto, ambas assistem à televisão para se manterem informadas e, no caso de Norma, fica clara tanto a relevância da televisão para este fim, quanto a do computador, meio pelo qual ela também costuma se informar e que pode servir como motivo pelo qual a televisão não tenha o mesmo significado que tem para as idosas. No caso de Rosângela, a assistência se dá pelos mesmos motivos: *“pra ver as coisas que tão acontecendo no mundo, às notícias mesmo.”*

Em geral eu gosto de assistir para ficar informada, né? Informada do que tá acontecendo, eu gosto de ver as notícias, o noticiário de política, gosto de saber o que tá acontecendo no geral, né. Para ficar bem informada, já que não leio jornal, pelo menos, né. Porque eu acho assim, ó, não tem necessidade de compra jornal, se eu tenho condições de acessar o jornal pelo computador eu acesso, né? (Norma).

Os gêneros televisivos preferidos por Rosângela são telenovela, noticiário e filme e, quando questionada sobre seus programas preferidos, demonstra, mais uma vez, certa tentativa de distanciamento da televisão:

[...] não sou fanática, assim, por televisão, não gosto de ficar tempo sentada assistindo. Mas como a gente fica aqui, tem uma forma de sentá e assisti pelo menos o Jornal, as novelas, não é todas também que eu assisto. E depois vem a notícia, né, que é tão bom.

Rosângela, apesar de afirmar não ter programas preferidos de televisão, cita a Hora da Saúde, Bem Estar e Encontro com Fátima Bernardes, e seu o canal preferido é a Rede Globo: “*eu passo de um canal pro outro eu acho uma diferença da notícia da Rede Globo, eu caio sempre na Rede Globo*”, assim como no caso de Norma, já que seu canal televisivo favorito é a Globo “*porque é mais completo e a imagem é melhor*”, mas essa cita também a TV Cultura, que assiste devido ao incentivo do filho. Norma prefere os gêneros seriado, documentário e humorístico em ordem de preferência, mas em nenhum momento das entrevistas ou observações participantes cita qualquer programa de tais gêneros. Diferentemente disso, de acordo com as entrevistas, torna-se visível que a telenovela também perfaz as preferências da entrevistada, seja pelo gosto de assistir ou por ser a melhor opção. Ela gosta de assistir aos programas Como Será, Globo Rural.

Rosângela geralmente assiste à televisão sozinha porque o filho tem “gostos diferentes” do dela, sendo que ela reveza a assistência entre a sala e o quarto, já que opta por programas policiais na madrugada e o filho, por programas esportivos. Em todas as vezes que fomos até a casa de Rosângela, o marido não parou para assistir à televisão na sala, sendo que, ou estava no “centro”, ou descansando no quarto. Norma conta com a companhia do marido, e o local da assistência varia entre cozinha e o quarto e, por vezes, as televisões das duas peças são ligadas para que ela acompanhe a programação enquanto realiza os serviços domésticos.

Durante a assistência do Jornal Nacional, as únicas interferências sofridas por Rosângela são da ordem dos serviços domésticos, já que é no horário do telejornal que ela costuma organizar a janta ou o café. No caso de Norma, o mesmo acontece, então, percebemos que elas, apesar de trabalharem ativamente e morarem com filho ou maridos, concentram-se mais que as idosas durante a assistência, diferente dessas, que costumam atender a telefonemas, receber visitar e realizar tarefas como alimentar animais de estimação e cozinhar. Ainda se faz importante ressaltar que as mulheres maduras afirmam gostar mais da televisão como fonte de informação, diferentemente das idosas, que têm o aparelho televisivo como companhia ou a assistência como atividade de lazer, então, as primeiras prezam pela

atenção nos momentos em que o Jornal Nacional é transmitido, momentos nos quais estivemos presentes para observar.

A televisão é o meio pelo qual as duas entrevistadas preferem obter informações. Ambas dedicam entre duas e três horas do dia para a assistência televisiva, esta que, no caso de Norma, se realiza principalmente durante o turno da manhã e tem sua possibilidade de realização mediada pelo trabalho: *“isso quando eu não to trabalhando, porque às vezes, mesmo trabalhando, eu atendo nas casas né? Daí mesmo trabalhando, igual tem TV, então, entre uma massagem e outra eu to olhando alguma coisa”*. Isto não deixa de acontecer com Rosângela por ela não trabalhar fora de casa, já que o trabalho que realiza em casa e no pátio serve também como mediador da assistência televisiva, assim como acontece com as outras mulheres estudadas nesta pesquisa.

A sala onde Rosângela assiste à televisão tem as paredes amarelas, mas visivelmente não pintadas recentemente, o piso é de azulejos que imitam madeira de cor avermelhada e há apenas um retrato na parede com várias fotos de uma criança. Há uma estante cor marfim que suporta a televisão de tubo 21 polegadas da marca Philco, e ainda na estante se encontram porta-retratos que não parecem estarem ali para serem mostrados, já que são escorados nas divisórias da estante e virados para o interior do móvel. Além disso, há cerca de três mini estatuetas na estante, assim como três flores amarelas de madeira na prateleira que fica acima da TV. Ao lado da estante, há uma mesa de meio metro de altura com um aparelho de som três em um, com duas caixas.

Foto 3 – Sala da casa da Rosângela



Os sofás da sala, um de dois lugares posicionado de frente para a televisão e outro de três em frente a este, mas ao comprido, tem aparência de bastante velhos e com buracos nos assentos, que moldam o formato do corpo. O tecido é uma espécie de couro falso bordô/avermelhado, cor semelhante à do piso. Rosângela assiste à televisão sentada no sofá de três lugares, o que pensamos se dever às dores na coluna, sendo que o assento que ela ocupa é o melhor e ainda conta com o reforço de uma almofada grande. Ela fica de lado para a televisão, mas, para evitar o incômodo corporal, costuma se virar e ficar na ponta do assento para que fique posicionada de frente para o aparelho.

A sala conta ainda com uma mesa de jantar de madeira branca, com quatro cadeiras ao redor. O móvel é decorado com dois vasos de flores, um transparente com plantas naturais e outro branco, grande, com flores de plástico vermelhas. Além disso, nesta mesa ficam os aparelhos celulares, o do filho, ganhado da irmã que comprou um melhor, e o do marido de Rosângela, esse que ele mesmo comprou.

Norma costuma alternar a assistência da televisão entre a cozinha e o quarto e, durante todo o tempo em que assiste ao Jornal Nacional, mantém-se conectada na internet através do *tablet*, que ganhou de presente da filha. Durante a assistência, comenta sobre notícias que circulam na rede social Facebook, como a notícia que tratou sobre o cão que foi queimado vivo em Santa Maria ou sobre o vídeo de uma mãe agredindo o filho bebê na rua, e sobre estes acontecimentos Norma demonstrou repúdio. Isso remete mais uma vez à relevância da informação para Norma.

A cozinha de Norma, um dos locais onde assiste à televisão, é composta por vários armários brancos, sendo esta a cor predominante na peça. A televisão da marca Philips de 21 polegadas fica em cima de uma espécie de armário branco pequeno, de cerca de um metro de altura. Na cozinha tem ainda uma mesa grande, com seis lugares e tampa de pedra de mármore cinza. Há sempre várias caixas de leite em cima do armário, organizadas como se fossem enfeites do móvel. Neste local, ela costuma assistir à televisão sentada na mesa, de frente para o aparelho televisivo.

Foto 4 – Cozinha da casa da Norma



No quarto, outra peça em que ela costuma assistir à televisão, a assistência se realiza deitada na cama de casal, onde costuma dormir sozinha devido a se mexer frequentemente à noite, o que incomoda o companheiro. Neste local há uma televisão de 42 polegadas da marca LG situada em cima de um armário de cor marrom, semelhante àquele da cozinha. No quarto, há um *banner* da filha com o namorado na parede, de cerca de dois metros de comprimento por um de largura, além de uma mesa com computador antigo e um aparelho simulador de caminhada. Apesar de se manterem assistindo à televisão de forma praticamente ininterrupta enquanto realizamos as observações participantes, as duas informantes afirmam que realizam atividades enquanto assistem à televisão, mas Rosângela tem o costume de se dedicar integralmente à assistência televisiva durante o turno da noite.

Foto 5 – Quarto da Norma



6.2.3 Mediação da família

A mãe de Rosângela era dona de casa e chegou a fazer “bicos” como lavadeira de roupas para fora, e o pai era encanador hidráulico “*muito do profissional*”. Norma é filha de

mãe empregada doméstica e não conheceu o pai, mas teve um padrasto durante sete anos. Os pais de Rosângela e a mãe de Norma já faleceram. Apesar da honestidade e bondade dos pais, ressaltadas pelas duas entrevistadas, os conflitos na infância de Rosângela foram frequentes devido ao fato de o pai beber seguidamente e brigar com a sua mãe. No caso de Norma, o problema foi com o padrasto, com quem conviveu por sete anos e por quem foi violentada sexualmente durante todo este período, sem contar para a mãe devido ao receio de acontecimentos nos âmbitos econômico e moral, já que a mãe não teria condições de sustentar a casa sozinha e, na época, mulheres separadas não eram bem vistas na sociedade. Foi apenas ao completar 20 anos de idade que Norma contou para a mãe, que em seguida se separou do companheiro. Este fato não é relatado por Norma durante as entrevistas, sendo que foi apenas durante a realização do método texto em ação que, ao assistir à reportagem sobre uma menina estuprada, ela relatou o acontecido.

A saída de casa de Rosângela se deveu ao fato de ter 11 irmãos, o que fez com que os gastos dos pais se tornassem muito altos na medida em que os filhos iam crescendo. Ela saiu de casa com mais duas irmãs de Bagé, onde moravam, para Porto Alegre, em busca de trabalho, para assim ajudar no sustento dos pais e sobreviver.

A trajetória nossa era assim, era pra trabalhar não era pra fazer festa, nem baile, nem nada. Se não, minha irmã botava nós de volta, minha irmã botou essa questão em nós: se tu não vim pra trabalhar e se aprontar, tu vai voltar. Nós não queria voltar. Eu não voltei lá até hoje.

Mesmo que tenha começado a trabalhar aos nove anos de idade como empregada doméstica, o caso de Norma foi diferente, já que ela foi embora de casa aos 24 anos de idade, contra a vontade da mãe, para casar com um homem de sua idade, relação esta que a mãe não aprovava: *“Ela disse pra mim: se tu for embora tu vai e não volta mais, esquece que tu tem casa, porque esse rapaz não presta, etc. Aí eu saí chorando de casa pra casar [...] Daí casei, tive o meu primeiro filho e aí depois de dois anos de casada separei”*. Apesar da desavença com a mãe, esta era considerada figura central na vida de Norma, sendo que é apenas a ela que Norma se refere quando questionada sobre o significado da família:

Ela era muito importante na minha vida, tudo que eu faço assim, eu lembro dela, né, toda minha trajetória de vida foi sempre espalhada no que ela me passou. Eu sempre me conduzi pelos ensinamentos dela, né. Por isso mesmo que eu não me perdi no meio do caminho, né? Por isso que a mãe é muito importante na vida da gente, principalmente na vida da mulher, né? Toda as dificuldades que ela passou, isso me deu força pra reagir, quando eu me sentia perdida eu pensava nela: bah, ela jovem, me teve com 15 anos de idade e ela conseguiu chegar onde chegou, por que eu não ia conseguir. Então ela era minha força.

A família primordial também é de grande valor para Rosângela: “*Ah, representam ainda embora eu não tenha eles. Foram muito importantes na minha vida, acho falta deles*²⁹.” Com relação aos ensinamentos transmitidos pela família primordial, Norma e Rosângela citam a honestidade, assim como as idosas, mas esta última ressalta ainda a educação e o incentivo passado pelos pais para que os filhos trabalhassem.

Os ensinamentos sobre como uma mulher deve se comportar, passados pela mãe, só existiram na família de Norma, o que pode ter se dado pelo menor número de irmãos e a conseqüente relação mais próxima com a mãe, mas Norma teve uma educação conservadora com relação aos comportamentos que deveria seguir. Rosângela teve mais liberdade para tratar sobre estes assuntos com a irmã mais velha.

Tinha que se cuidar para não se vulgarizar, para não ser uma moça falada, ter vergonha, não andar namorando um e outros, essas coisas, assim [...] Hoje ninguém namora mais, já vai direto pro quarto, né, e na minha época não tinha isso. Até pra ir no clube tinha que ir acompanhada de um responsável pra sair de noite, era rígida a coisa. Pra namorar, tinha que tá um irmão junto pra nem se beijar, era bem assim (Norma).

A minha mãe não falava sobre isso, não tinha disso, hoje em dia tem mais liberdade. *Vocês nem sabiam muito, era mais entre irmãs de repente?* Sempre a questão era a mais velha, eu acho muita falta dela, era que nem uma mãe ela que ajudou a mãe a criar todos os filhos (Rosângela).

Assim como as idosas, quando jovens, as maduras não tinham televisão para assistir. Norma assistia quando possível na casa de um vizinho e Rosângela, além de não assistir ao aparelho, conta que outros utensílios domésticos também eram faltantes: “*Não tinha TV, não tinha geladeira, fogão a gás, e banheiro tinha porque meu pai trabalhava com água, com obra essas coisas.*”

As mulheres maduras carregam traços de trajetórias de sofrimento, seja com relação ao âmbito pessoal ou profissional. Após casar pela primeira vez e ter o primeiro filho com o marido que a mãe não aprovava, Norma passou a ser agredida física e verbalmente diariamente pelo marido, processo que, apesar de doloroso, é contado de forma relativamente tranquila pela entrevistada, que enfrentou problemas acompanhada do filho pequeno e hoje perdoou o ex-marido.

²⁹ De acordo com as informações de Rosângela sobre o modo como ela e a família primordial viviam em Bagé, uma experiência baseada em diversos tipos de carências, a afirmação da relevância da família remete a uma espécie de desejo da entrevistada em ter estes laços com os familiares, já que, ela e os irmãos nem sequer voltaram à cidade de Bagé para rever os familiares que ainda residem lá.

[...] esse casamento foi bem doloroso, porque eu apanhava, né, o meu primeiro marido me surrava como se eu fosse um brinquedo, né, me arrastava pelo pátio, fazia horrores. Aí eu trabalhava de doméstica, levava meu filho junto comigo, criei ele até os três anos de idade, até encontrar esse companheiro eu criei ele trabalhando de doméstica, trabalhando comigo, dia de sol dia de chuva, tava sempre junto.

Rosângela, desde que conheceu Pedro, vive imersa em lutas de constante engajamento político, já que, quando se conheceram, após ficarem morando na cidade de Canoas/RS, foi através de amigos do marido que eles foram morar em um acampamento em Charqueadas/RS. Posteriormente, foram sorteados para morar no assentamento onde moram até hoje em Santa Maria. Esta trajetória exigiu que o casal se mantivesse atualizado com relação à política regional e nacional.

Atualmente Norma vive com um companheiro, Luís, há cerca de 30 anos, com quem teve mais duas filhas com idades entre 27 e 30 anos. Ele ajudou a criar o filho do seu primeiro casamento, que hoje tem 36 anos. Rosângela, também separada do primeiro marido com quem teve uma filha, hoje com 40 anos, e se relacionou por 15 anos, atualmente é casada com Pedro, com quem tem três filhos com idades entre 22 e 35 anos de idade. Todos os filhos das entrevistadas foram embora de casa, apenas o filho mais novo de Rosângela ainda mora com ela.

Os contatos familiares, quando em relação com as convivências das idosas, são estreitos entre as mulheres maduras, já que elas costumam se relacionar com os filhos, que moram longe, por telefone, exceto no caso da relação de Rosângela com o filho mais jovem. Nas vezes em que estivemos com Norma e Rosângela, não houve comentários por parte delas sobre outros membros da família, como tios, tias, primos ou irmãos, sendo que elas só citam tais membros quando questionadas sobre a família primordial.

Os ensinamentos passados às filhas a respeito de como uma mulher deve ser são reproduções do que aprenderam na família primordial, na fala de Rosângela, que seguiu à risca os ensinamentos da mãe para com as filhas. Norma também reproduziu os ensinamentos da mãe na educação das filhas, o que revela, mais uma vez, a relevância da família como transmissora de valores que vêm a constituir identidades:

A minha mãe criou nós pra nos casar, ter uma casa, ser caprichosa, ser uma boa dona de casa, ser uma boa esposa, educar os filhos. O meu neto mais velho fez 17 anos, já, ele fez o Projovem e tá trabalhando na prefeitura lá em Caxias, primeiro emprego dele. E eu tô agradecendo, né, que, apesar de todas as dificuldades que eu me separei com elas pequenas. Pra mim, tá ótimo assim. (Rosângela).

[...] se respeitar, que independente de qualquer coisa, que elas honrassem o nome que elas têm, falei pra elas assim, que a maior riqueza que elas têm que ter é respeitar a si mesma, não deixar que ninguém pisasse nelas e assim, ó, quando elas

chegassem em algum lugar que elas pudessem entrar de cabeça erguida. Tipo, não ficar se expondo a ridículos de bebidas, essas coisas de cigarro, drogas, que elas se preservassem e que tentassem não se expor ao ridículo, que não fizessem coisas erradas, manter a dignidade [...] (Norma).

Norma assiste à televisão acompanhada do marido, e Rosângela, do filho. As maduras costumam conversar com outras pessoas sobre as notícias do Jornal Nacional, sendo que Norma também trata deste tipo de assunto com as clientes, com quem conversa atualmente sobre *“essas políticas, sobre os professores também, né, essas barbaridades que tão fazendo com os professores”*. Rosângela comenta sobre as notícias do Jornal Nacional com o filho, Leandro, que seguidamente a “xinga” por assistir as “coisas ruins” que são veiculadas pelo Jornal Nacional, o que não muda a frequência de assistência ao telejornalismo.

6.2.4 Mediação do trabalho

Rosângela não trabalha há seis meses devido a um problema que tem nos dois joelhos, sendo que o último serviço que realizou foi nas férias do início do ano de 2015, como garçoneiro em um restaurante em Capão da Canoa/RS. Ela foi para a praia acompanhada do filho para trabalhar durante este período, já que os dois estavam desempregados e queriam auxiliar no rendimento da casa. Norma trabalha há 19 anos como massoterapeuta e depiladora. As trajetórias no âmbito do trabalho foram marcadas pela troca de ocupações, já que Rosângela trabalhou como costureira de calçados, empregada doméstica, babá, pequena agricultora, auxiliar de educação em creche e garçoneiro. Norma trabalhou como empregada doméstica, fez e vendeu pastéis e trabalhou como massoterapeuta e depiladora. O trabalho se apresenta como necessidade de sobrevivência econômica na vida destas mulheres de classes populares e não somente como acesso ao consumo de bens. Para demonstrar a forma como o trabalho permeia a vida das mulheres maduras, faz-se relevante a apresentação da trajetória destas com relação a esta esfera.

Rosângela começou a trabalhar aos oito anos de idade, quando ainda morava com a mãe, para auxiliar no sustento de casa. Seu primeiro emprego foi em uma fábrica de calçados na cidade de Bagé. Depois desse, o trabalho se dava em casas de famílias como empregada doméstica, ocupação que teve até ir morar no assentamento onde reside atualmente. Neste local, Rosângela começou a trabalhar juntamente com um coletivo de mulheres na horta: *“Todo o dia eu saía da minha casa, fechava, que nem eu fosse trabalhar fora e ia lá pra minha horta, 11h30min a gente vinha pra fazer almoço. Até 14h, depende do serviço que tinha,*

a gente ia de novo”. Ainda quando era criança, aprendeu a costurar calçados³⁰, o que a faz afirmar que tem uma profissão. A trajetória do trabalho foi interrompida devido ao problema atual de saúde e, antes disso, somente quando se aproximavam os momentos de nascimento dos filhos.

O trabalho doméstico é comum entre as entrevistadas, apesar de ter algumas variações durante as trajetórias, como é o caso de Norma. Aos nove anos de idade, começou a trabalhar em casas de família, sendo que isto aconteceu em apenas duas residências, diferente do caso de Rosângela que, apesar de ter oscilado como auxiliar de creche e trabalhadora da horta, trabalhou como empregada doméstica durante mais tempo. Após sair de uma das casas, Norma passou a trabalhar como faxineira em uma grande empresa de Santa Maria/RS. Foi depois de conhecer o marido, que, por ter boas condições, pediu que ela parasse de trabalhar, que Norma aceitou ficar em casa. Apesar de descansar, ela cansou de ficar desocupada de um trabalho formal e passou a fazer frios para vender, e, mesmo que seu marido desacreditasse na ideia, ela sentia necessidade de trabalhar. A ideia do curso de massoterapia, posteriormente pago pelo filho, ocorreu quando a entrevistada cansou de trabalhar com os frios.

A partir do momento que eu conheci esse meu marido, eu parei de trabalhar como doméstica, porque daí, na época, ele tinha condições e não quis que eu trabalhasse mais assim, daí fiquei um bom tempo sem trabalhar, fiquei dando uma de dondoca [risos] [...]Aí depois eu vi a necessidade de mudar isso porque o que acontecia: como eu não trabalhava, ficava muito submissa, fazendo só o que ele queria, dependente, sentadinha ali, né, eu digo não, não dá, tenho que dar um jeito. Mas daí eu pensei: vou estudar, fazer um curso.

A satisfação de Norma é visível ao exercer o trabalho que escolheu, onde tem relações com mulheres de classes sociais mais altas que, para ela, vão além do âmbito profissional. Estas relações são avaliadas como positivas por ela, apesar de já ter passado, no início do exercício da profissão, por situações de discriminação racial, como na situação em que chegou à casa de uma nova cliente para realizar massagens e foi confundida com uma empregada doméstica.

Tu entra na intimidade da pessoa, né, é uma relação de amizade e eu sempre digo pra elas que eu não tenho dinheiro pra emprestar se elas precisarem, mas eu vou tá lá sempre com elas [...] Porque tu acaba fazendo parte daquela família, né, todas as pessoas que estão comigo e estou sempre atenta, se tá acontecendo alguma coisa, eu ajudo. É uma relação de amizade, né? (Norma).

³⁰ Rosângela aprendeu a costurar calçados em uma fábrica de calçados chamada Charrua, que ficava em Bagé. Este foi o primeiro emprego da entrevistada.

Há indícios de certo grau de intimidade de Norma com suas clientes, já que conversa com elas sobre problemas relativos ao casamento, à educação dos filhos ou outras intimidades. A amizade é relativizada porque estas conversas só ocorrem quando Norma vai à casa das clientes fazer massagens, já que apenas uma vez foi convidada a participar do aniversário do filho de uma delas. Esta constatação nos leva a perceber que a convivência com as mulheres ocorre somente em função do trabalho e não em outros momentos.

É importante ressaltar que esta abertura que as clientes dão a Norma com relação aos assuntos íntimos tratados pode estar relacionada à forma como a entrevistada se adapta e reproduz os comportamentos das mulheres de classes altas. No início das entrevistas, percebemos que a entrevistada falava corretamente, utilizando plurais e mantinha um tom de voz baixo, que demonstrava certa educação, mas, ao mesmo tempo, demonstrava a falta de naturalidade em seu comportamento. Ao final do período de contato, Norma não demonstrou o mesmo comportamento: não falava de forma tão correta, fazendo uso do plural, e o tom de voz era diferente daquele apresentado inicialmente.³¹

Rosângela, assim como Norma, também trabalhou com mulheres de diferentes níveis econômicos “*em três nível, vamos dizer assim: a dona, a chefe e aquela mais simplesinha, que ia lá pra limpar*”. Este último, no caso do serviço que realizou na praia. Neste caso, as relações também foram agradáveis e com menos preconceito envolvido, já que Rosângela passou por problemas de ordem trabalhista apenas no último local onde trabalhou.

O trabalho é a única forma, além da família e de poucos amigos, que as mulheres maduras têm contato com outras pessoas. Ao serem questionadas sobre a importância do trabalho em suas vivências, este surge como fonte de liberdade e independência no caso de Norma, o que se relaciona diretamente ao comportamento retratado acima, de quem não conseguiu ficar por muito tempo desempregada e dependendo do marido. Diferente disso, na fala de Rosângela, percebemos a falta que faz o trabalho, impossibilitado de se realizar no momento devido ao excesso de horas trabalhadas.

O trabalho é tudo, né, representa a minha liberdade, a liberdade de ter meu dinheiro pra fazer o que eu quero, comprar o que preciso, se eu quiser viajar, eu vou e a independência da gente, né. Sem precisar depender de ninguém, né? **Tu acha que essa é a maior importância do trabalho para as mulheres?** Eu acho que deve ser, tranquilo, que não tem, que precisa ficar pedindo pro companheiro tem que tá

³¹ Associamos este comportamento de Norma à chamada “hiper-correção”, apresentada por Louis Jean-Calvet (2002) e por Pierre Bourdieu (1982). Devido à maior facilidade de acesso à obra, detemo-nos no livro de Calvet (2002), para o qual “a hiper-correção é testemunha da insegurança linguística. É por considerar o próprio modo de falar como pouco prestigioso que a pessoa tenta imitar, de modo exagerado, as formas prestigiosas” (2002, p. 79). Segundo Bourdieu, este comportamento “se define na relação subjetiva e objetiva com a ‘vulgaridade’ popular e a ‘distinção’ burguesa”. (BOURDIEU, 1982 apud CALVET, 2002, p. 79).

sempre dando explicação: mas pra que tu quer dinheiro? Quer dar um presente pra alguém, vai lá pedir pro companheiro, não tem como. Antigamente, a mulher tinha que, era orientada a casar e ter um marido, hoje as coisas mudaram, então, a menina tem que ser educada pra ter a sua independência financeira. Antes de pensar em casar, é formar e trabalhar, depois o tal do casamento e depois ainda o filho. Mas, às vezes, acontece ao contrário, né, às vezes, a pessoa dá um nó na cabeça e faz tudo ao contrário, faz o caminho inverso. Mas pra tudo tem remédio, tu tem que ter força, né e pegar e não soltar as rédeas da tua vida, né. Em momento algum. (Norma).

Eu acho uma falta das coisas que eu não posso fazer muito. Eu gosto de trabalhar, eu não tô fazendo meus pão hoje porque eu não tenho um transporte pra levar. Sai muito caro eu transportar minhas coisas daqui pra eu pagar. Tem uma loja ali na Saturnino de agricultura familiar. Eu pretendo botar uma banca pra mim, ai o que eu vender é meu, porque ali a gente espera muito pra receber, é por mês. Eu acho muita falta do meu trabalho, se eu tiver que operar o joelho, mas o médico me disse, tu não pensa que vai sair andando! (Rosângela).

As respostas são equivalentes quando expressam a relevância do trabalho para as mulheres em geral. Para Norma, o trabalho é sinônimo de independência em relação ao marido, enquanto para Rosângela, é encarado como uma necessidade, como liberdade em relação à esfera privada. Para a entrevistada, trabalhar é um símbolo da mulher moderna.

Ah, eu acho que é uma necessidade hoje, né. O mundo tá tão moderno que a pessoa precisa acompanhar, né. Nem sempre dá pra acompanhar tudo, né [...] Hoje em dia parece que as mulheres se reinventaram, que nem a minha mãe, tinha um monte de filho não saiam, né, agora elas deixam filho, vão pra creche, fazem um horror de coisas. Antes era só o marido trabalhando, a minha mãe ficava em casa, mas lavava roupa³²,aquelas roupa bem lavada e bem passada. (Rosângela)

Mesmo que o trabalho na vida das mulheres seja visto pelas entrevistadas de formas distintas, ele sempre se relaciona à necessidade, seja relativa à independência financeira ou como forma de suprir a carência material. Apesar da ênfase na independência e na associação do trabalho com a mulher moderna, a necessidade relativa à ordem material, de sustento de si e da família, se sobrepõe à da independência.

6.2.5 As representações constituídas pelas maduras na experiência e a partir do Jornal Nacional

6.2.5.1 Experiência

Em comparação às idosas, que ao exporem suas percepções sobre a pobreza, – no caso de Zulmira, sobre a fome, o frio e a necessidade de trabalho feminino para suprir as demandas

³²Por vezes, a mãe de Rosângela lavava roupas para auxiliar no sustento da casa, fazia “uns bicos”.

da casa, com as quais o marido nem sempre ajudava e, no caso de Hilda, sobre a necessidade de conformação das pessoas que não estudaram com a situação da pobreza –, as mulheres maduras são sucintas nas respostas que dão ao serem questionadas sobre o que é ser pobre, mas estas respostas são cheias de sentidos. Rosângela atribui à pobreza uma forma de defeito: *“eu me considero pobre. Mas não que seja menos que as outras pessoas. Porque defeito todo mundo tem, ninguém é perfeito, então, é nessa linha aí”*. Norma, ao relevar um modo de pensar meritocrático, associa a pobreza à carência de espírito, no sentido de que “vence quem faz por onde”, e de que, para isso, é necessário ter força, o que o pobre não tem. Além disso, para essa entrevistada, a valorização dos filhos é fundamental, mesmo no contexto da pobreza.

Ser pobre é não ter força, né, não ter força para lutar, porque qualquer pessoa pode sair desse estado de pobreza para uma vida melhor, né, tu querer [...] Não adianta o governo dar Bolsa- Família. Dá Bolsa-Família, tem uns que aproveitam, né, tem uns tipo aí de gente que não tem onde morar e tal, comprar aí sua casinha e tal. Agora, tem aqueles que recebem, bebem tudo, fumam tudo, não dão escola pros filhos, deixam os filhos lá atirados. A pessoa não procurando, pobre de espírito, né. É mais a força de vontade da pessoa que tira a pessoa da pobreza, né. Se a pessoa quer ela dá um jeito e sai do marasmo (Norma).

Norma confirma a ideia de que a pobreza está mais ligada à força de espírito do que às condições materiais ao afirmar que o dinheiro é apenas a consequência do sucesso. Já Rosângela, que ainda não se realizou profissionalmente, valoriza o material como determinante no modo de vida: *“a gente podia viver muito melhor, mas a questão é que ainda não chegamos lá”*. Estas afirmações se casam com as mediações na medida em que Norma já conquistou o sucesso material que desejava, assim como demonstra satisfação com o trabalho e a família, mas, principalmente, com o primeiro.

O dinheiro é uma consequência que tu almeja, daquilo que tu fez pra conseguir. Porque dinheiro, eu posso assaltar um banco ali e pronto, depende da maneira como tu vai arrumar esse dinheiro, né. Se conseguir dinheiro de maneira fácil, daí não vai ser salutar, né. Não adianta tu ter dinheiro e não ter dignidade, né, não ter orgulho daquilo que tu faz. (Norma).

Para as mulheres maduras, ser mulher está ligado diretamente ao trabalho e à família. A figura da mulher é vista como o esteio da casa por Norma, mas, diferentemente disso, Rosângela afirma que a mulher sofre justamente devido a estas duas esferas, percepção advinda de uma mulher que foi podada de exercer seu direito político mais de uma vez, pelo ex-marido, quando este a proibiu de votar e trabalhar. Esta entrevistada também foi rechaçada pelos moradores do assentamento frente a sua ideia de formar um coletivo feminino, assim, a valorização feminina é requisitada por ela.

A mulher ela é aquela que [pausa] procura um jeito para fazer as coisas assim, tipo, ela é o esteio da família, né, a mulher ela, além de colocar os filhos no mundo, né, ser mãe, ensina os filhos a andar, ensina a como se posicionar, ela é o centro de tudo dentro de uma casa, né. (Norma).

Acho que a mulher tinha que ser bem valorizada, porque a mulher sofre muito na questão dela, familiar, por tudo, no trabalho. Toda a frente sempre tem uma mulher, não é só uma, né? A mulher vai, quando ela quer ir a luta, ela vai mesmo, vai com vontade, vai com garra. (Rosângela).

As melhores coisas de ser mulher giram em torno da maternidade e da educação, esta no sentido da delicadeza, maior que a dos homens. As piores, para Rosângela, são a humilhação, a insegurança ou a falta de habilidade para agir frente a atentados, e, no caso de Norma, não há nada de pior em ser mulher. O dia a dia da mulher pobre é visto negativamente por Rosângela, que vê a luta diária como forma de sofrimento feminino. Já Norma avalia com positividade o dia a dia da mulher pobre, o que reflete o momento que vive atualmente, época em que não tem conflitos significativos na família e tem um bom trabalho. A rotina das mulheres populares é posta em contraste com o dia a dia das mulheres de classes altas pelas entrevistadas.

A mulher pobre sofre muito, não vou dizer que é um sofrimento, mas ela passa trabalho, né? Aquela que quer lutar, trabalhar sofre muito. Ela depende de tudo, duma pessoa pra cuidar os filhos ou de uma creche e duma escola e ela corre e vai atrás. Deixa os filhos sozinhos... pra ter uma coisa melhor dentro de casa. Hoje em dia, a mulher adquire as coisas também [...]Acho que não precisa, desde que ela tenha uma empregada, uma funcionária, uma diarista. Eu já trabalhei com gente bem rica, mas não que elas sejam diferentes no modo de tratar, elas eram muito bacanas comigo (Rosângela).

Então, eu acho que o pobre e a classe média são mais unidos do que a classe alta. Eles são mais junto, se visitam mais, ficam mais junto, almoçam junto. Tem aquele tempo pra ficar com a família. Tem mais união, aonde tem muito dinheiro, tem muita discórdia, rolam outros interesses que não é aquele afeto mesmo [...] Geralmente a mulher de classe alta, ela tem mais estudo, e daí, o que que é: o estudo te leva a trabalhar menos também, né, trabalha menos e ganha mais. Isso aí não é só na classe alta que acontece, a mulher de classe média, ela também pode chegar nesse nível, né, é só estudar, se tem estudo, não interessa se ela é da classe média ou da classe alta. (Norma).

6.2.5.2 *Mídia*

Quando questionadas sobre programas que mais apresentam mulheres, as duas citam o *Bem Estar*, apresentado pela forma de “programa da Fátima” e Norma cita ainda o *Altas Horas*, quando se refere à representação da sexóloga Laura Muller, o *Amor e Sexo* e o programa *Mais Você*, mencionado através da apresentadora “Ana Maria Braga”. Tal percepção nos leva a pensar que as representações das mulheres são entendidas por elas como

somente ligadas às apresentadoras e âncoras dos programas, além do que, a não menção do Jornal Nacional remete à percepção de ausência das mulheres neste gênero televisual.

Quando questionada sobre o realismo da representação das mulheres na mídia, Rosângela pensa que esta representação não é realista em todos os programas televisivos, não somente no Jornal Nacional. Norma pensa que a televisão retrata a realidade de forma integral, sendo que aquilo que não é apresentado neste veículo chega aos receptores através da internet, assim, a ideia da verossimilhança³³ da televisão é visível na fala da entrevistada:

Eu acho que assim, olha, em todos os aspectos, a televisão ela tá mostrando a realidade, não tem mais de esconder, mesmo porque agora, que veio a internet e que isto está assim, global, ninguém consegue esconder, nem mesmo os políticos conseguem esconder as barbaridades que fazem. (Norma).

Faz-se pertinente afirmar que, assim como acontece entre as idosas, as mediações da família e do trabalho estão de forma intensa relacionadas à televisão e ao Jornal Nacional, sendo que a própria assistência do Jornal Nacional se deu a partir do momento em que práticas nesta esfera mudou. Norma começou a “prestar atenção”, assistir ao telejornal, há cerca de 20 anos, quando a jornada complexa de trabalho permitiu que o fizesse:

Isto, porque, quando tu tem assim, oh, dificuldade na tua vida, tu procura o que? Trabalha, trabalha, trabalha, trabalha, pra conseguir chegar a algum lugar, né? Aí, como eu sou de uma origem meio humilde, né, aí então eu tive que batalha muito pra chega onde eu cheguei, então daí quando eu me senti mais segura que eu tive tempo [ressalta o tempo] pra esse tipo de coisa, ficar na frente de uma televisão sentada [...]tu tem que dá tudo o que tem pra consegui, né, filho estudar, manter tudo direitinho, não deixar nada sair fora dos trilhos. Então até tu chegar e poder dizer: ah, eu consegui tem tempo né, tem chão.

Rosângela assistiu ao Jornal Nacional pela primeira vez por volta dos 20 anos de idade e não comenta sobre a mediação do trabalho na assistência. Esta, quando solicitada a discorrer sobre o que acha do Jornal Nacional, pensa que o telejornal é mal visto por algumas pessoas ou instituições: “*Olha, o JN tem muita, não sei, tem pesquisas aí que não gostam, não sei se é em si do canal da Globo ou é dos jornalismo, né, não sei*”. Já para Norma este é a fonte primordial de comunicação, como já ressaltado neste trabalho: “[...] *a gente tem que saber todas as coisas que tão acontecendo e nada melhor do que o jornal, né.*”

³³ Para Umberto Eco (2003 apud LEAL, 2008), a verossimilhança corresponde à maneira como a televisão constrói discursos acerca dos eventos que são carregados de nexos constituídos de acordo com as experiências dos telespectadores, para que estes reconheçam do que trata a narrativa, mas também para que reconheçam a própria narrativa e sua legitimidade.

O apreço pelo telejornal como instituição de credibilidade é visível por ser a opção mais acessível de se manter informada, mas aparece em contraste com a percepção de que boa parte das reportagens trata sobre assuntos negativos, da mesma forma como ocorre entre as idosas. Estes assuntos negativos são representados pela política, no caso de Rosângela, deste mesmo assunto e pelos roubos na visão de Norma. A reprovação da negatividade associada aos temas das pautas diárias do Jornal Nacional não elimina a percepção sobre a noção da retratação da realidade para estas mulheres, já que existe a percepção de que o telejornal apenas apresenta o que acontece na sociedade, assim como acontece em outros canais e programas. Quando questionadas sobre pontos negativos no telejornal, Norma afirma não tê-los para apontar e Rosângela critica, na Rede Globo, a amplitude de horários de transmissão de futebol.

Os temas de reportagens do Jornal Nacional que mais chamam a atenção de Rosângela, percebido por nós a partir das observações participantes, são aqueles relacionados à política, principalmente quando se trata de assuntos mais próximos ao seu contexto de vida ou que envolvem a presidente Dilma Rousseff. Norma, apesar de se mostrar alguém informada sobre a temática da política, presta mais atenção em notícias de caráter social, de utilidade para a comunidade, como no caso de uma reportagem que tratava sobre um projeto de criação de creches, o que ela aprovou e pode estar relacionado à falta de uma creche para deixar o filho quando este ainda era uma criança. Além disso, o interesse comum das duas entrevistadas é visível por aquelas reportagens que tratam sobre fatos quentes³⁴ dos mais variados temas.

O pobre é visto pelas mulheres maduras, a partir do Jornal Nacional, através das figuras que reivindicam, sejam estruturas, como casas, ou o reencontro de familiares perdidos, bem como acontece com as idosas. Rosângela, em um cruzamento marcante entre as mediações do trabalho e da família com as representações elaboradas a partir do JN, quando questionada sobre o modo como os pobres aparecem no JN, afirma que os políticos (a presidente Dilma e sua forma de governo) são bastante criticados pela Rede Globo, o que nos remete à ideia de lucidez entrevistada frente à mídia e seus recortes ideológicos.

Quando questionadas sobre reportagens à que tenham assistido com mulheres de classes populares, Rosângela afirma não lembrar, mas Norma, ao trazer uma percepção positiva atrelada à família, conta-nos sobre o caso de uma menina que ajudava idosas a ler em suas próprias casas, o que remete à ajuda que ela oferecia à mãe de Luís, seu companheiro,

³⁴Expressão utilizada para denominar fatos que aconteceram próximo ao momento de divulgação pela imprensa.

antes mesmo de eles terem um relacionamento sério, quando ela ainda era casada com o ex-marido. Ela conta que era muito feliz ajudando a idosa. Além disso, lembra de uma reportagem na qual foi entrevistada uma idosa que confeccionava vestidos para a comunidade da África. Percebemos, então, que Norma se recorda de reportagens com temáticas positivas que remete a boas ações.

O questionamento realizado na entrevista acerca das formas como as mulheres aparecem no Jornal Nacional leva-as a elaborarem representações que estão de acordo com suas histórias de vida, ou seja, que envolvem a mediação da família. Rosângela ressalta a quantidade de filhos das entrevistadas pobres, o que atribui ao “passar trabalho”, o que viveu quando jovem. Já Norma pensa que as mulheres aparecem mais no JN em pautas que envolvem a temática das agressões, o que se liga à sua trajetória familiar: *“Ai assim, parece que quanto mais pobre são tem muito filho, pra passar trabalho. Nós éramos muitos filhos, nós passava trabalho e eu penso que hoje não poderia ser igual, que as pessoas tinham que pensar mais um pouco, né”* (Rosângela); *“Por agressão, [risos preocupados] por agressão. Mulher agredida, mulher morta, mulher assaltada, é o que mais aparece. Não, não era nem namorado, era vizinho, uma coisa assim. Isso ai deu na televisão um monte de tempo, aí”* (Norma).

Da mesma forma, com a permeação direta das mediações da família e do trabalho, acontece quando questionadas sobre as representações das mulheres serem negativas ou positivas. As representações, para Rosângela, se dão de forma negativa principalmente quando a mulher resolve lutar por seus direitos, além disso, ressalta que a mulher pobre não é bem vista e valorizada. Assim, Rosângela gostaria que a mulher fosse retratada de forma mais autônoma, o que está diretamente ligado à sua trajetória de lutas políticas.

Eu acho que coisas boas não aparecem muito, né? Por exemplo, assim, eu fiz muita caminhada com o MST e não aparece as verdades que nem deveria ser, né? Principalmente nessa parte que a mulher luta pelos seus filhos [...] Eu acho que a mulher pobre, principalmente não é muito bem vista assim, né, principalmente quando vai numa luta, na questão de lutar por seu direito, ela não é bem vista, na TV não. Parece que não valorizam a mulher, né. Eu acho que a TV em si, mostra aquela mulher bonita, charmosa e eu acho que a mulher deveria aparecer bem como ela é mesmo, não, é a bonita que vai enfeitar a tela.

Diferentemente disso, Norma afirma que, no momento em que se mostra o que acontece com as mulheres, as representações se tornam positivas, na medida em que é por elas que as causas são colocadas diante da sociedade e podem, assim, fazer com que algo mude com relação à violência contra a mulher. Então, ao mesmo tempo em que, para Norma, as

mulheres são vistas negativamente pelos casos de agressão, o Jornal Nacional cumpre uma função social de mostrar e, através disso, ajudar nesta situação, a qual ela já viveu e conhece.

Olha, em muitas vezes é bem positiva, porque no momento que eles tão mostrando o que eles tão fazendo com as mulheres, isso ajuda a fazer com que elas lutem pelos direitos delas, né? Então incentiva a não deixar acontecer. A não aceitar de cabeça baixa que os homens agridam ela.

Enquanto Rosângela não se sente representada no Jornal Nacional devido a este transmitir a ideia da mulher pobre e trabalhadora como alguém discriminada, é justamente nas características da mulher trabalhadora que Norma se apega para afirmar que se sente representada no JN. Este sentimento de autorrepresentação advém da sua situação como mulher que já foi violentada, maneira como acredita que as mulheres aparecem neste gênero televisual *“quando eles mostram, porque eles já mostraram, a mulher que trabalha fora, que cuida da casa, que da conta de tudo, que dorme pouco e zela pela família. Então, eu consigo me enxergar dentro desse grupo de mulheres”*.

E a gente vê tanta notícia, que a prima do funcionário conseguiu, sabe, né, a questão que tá no NPS agora, né. E quando a gente vai lá e ouve umas resposta assim dá vontade de falar, daí vai virar notícia, né, tu fizer uma bagunça bem grande ou xingar alguém, eles não tem culpa também os funcionários, se tu vai xingar alguma coisa aí tu vai pro jornal. (Rosângela).

Esta concordância e aceite de Norma frente às representações do Jornal Nacional estão de acordo com o seu pensamento de que esta é a instituição principal de notícias e informações. A entrevistada, ao contrário de Rosângela, pensa que a Rede Globo é uma emissora que apenas traz a realidade aos indivíduos: *“eu acho assim, que o Jornal Nacional ta sempre passando coisas boas, mesmo quando eles dão uma notícia ruim eles tão sempre alertando, né? Nem sempre a notícia que o Jornal dá é boa, né? Mas mesmo assim é bom pra gente saber*. A visão crítica de Rosângela surge mais afluída quando questionamos se o JN a faz refletir sobre as próprias condições de vida, o que acontece.

Faz, muito. Ai, sobre o desemprego, a dificuldade que a gente tem aqui de transporte que não tem. Mas a TV não tem culpa né, mas a TV dá tanta notícia boa, né, podia dá uma notícia... Tu vai reclamar aonde se tu não tem um transporte?! Acho que a TV é até uma ilusão, tu ta assistindo, né? Porque a realidade não passa na TV. Mostram muito pouco, ou quando tu quer fazer um sensacionalismo, ai aconteceu... Tem que ir além ainda o jornal, mostrar muito mais do que tá mostrando pra eu refletir sobre a minha vida. **Qual tu acha que é o foco no JN?** Ai, eu acho que tem muita mídia, né, parece que a TV é tudo de bom, mas não é, né, eu acho que falta muita coisa. (Rosângela).

Diferente disso, o telejornal é uma escola para Norma, concepção que confirma nossa ideia de que a mídia serve como fonte de conhecimento para as mulheres de classes populares devido ao acesso precário em outros meios de comunicação, apesar de Norma ter computador, meio a partir do qual também se informa:

“a gente aprende, né. É uma escola, né, não deixa de ser uma escola, te impulsiona, né. Não só o jornal, mas muitos programas que eles colocam, assim, que vai abrindo as ideias da gente, né” [...] Cada vez eles têm sido assim, mais verdadeiros, mais transparentes [...]

Da mesma forma como analisamos o texto em ação ³⁵ ao tratarmos das mulheres idosas, aqui apresentamos as formas como as mediações da família e do trabalho são relevantes nas percepções das entrevistadas acerca das representações das mulheres de classes populares no telejornal. Assim como ocorre entre as idosas, as mulheres maduras não mencionam, durante o texto em ação, a positividade das representações femininas no Jornal Nacional como forma de possibilidade de reivindicação das causas femininas, mas, ao contrário, se mostram chocadas diante das situações em que as mulheres fontes das matérias são representadas.

Na primeira notícia, “Sistema em parceria com população leva água a 435 mil famílias no CE”, Rosângela demonstra se identificar com a situação das mulheres de classes populares e das demais fontes, o que se dá pela intersecção das mediações aqui estudadas, já que ambas estão envolvidas no fato de que, quando pequena, ela e os irmãos tinham que buscar água em baldes para consumir. Norma torna-se um caso particular por conseguir se prender na análise da figura da mulher de classe popular no Jornal Nacional. Sua percepção acerca da economia realizada pela mulher de classe popular remete, assim como no caso de Rosângela, a certa identificação com a representação feminina, o que é atravessado pelas mediações da família e do trabalho, já que ela teve que economizar os ganhos do trabalho para o auxílio do sustento da casa. Além do que, durante as observações participantes, Norma comenta sobre os ensinamentos que a mãe lhe passou sobre a importância de economizar.

Na segunda notícia, intitulada “Cheia do Solimões afeta moradores e comerciantes no Amazonas”, Rosângela percebe a mulher de classe popular como alguém vulnerável a doenças, além de mencionar os problemas que as famílias, quando grandes, têm com relação à falta de moradia e de alimentos. Tais percepções nos remetem à mediação da família, já que, quando criança, a entrevistada passou por necessidades semelhantes, além disso, levamos em consideração que a maternidade a faz se preocupar com as doenças a que estão sujeitas a

³⁵ Ver apêndices.

fonte, que é mãe, e os dois filhos representados na reportagem. Nesta notícia, mais uma vez, as percepções de Norma são permeadas pelas mediações, seja quando se refere à economia dos produtos, que ela acredita ser necessária às mulheres, independente de nível social, ou quando percebe a imagem da idosa sozinha na loja. Mescla as mediações principalmente quando se questiona sobre a forma como uma mulher com a casa alugada vai trabalhar para sustentar os filhos, o que envolve a família e o trabalho, preocupações que permeiam toda sua vivência.

A terceira reportagem, “Instituto referência em câncer no Rio, Inca tem falta de leitos e equipamentos”, não teve comentários que se dirigissem especificamente às mulheres de classes populares no Jornal Nacional por parte de Rosângela, mas ela se refere, mesmo sem imagens ou representações das pessoas pobres no momento de sua fala, à situação dos pobres em geral, que, assim como ela, por vezes não dispõem de medicamentos ou atendimento médico. Então, é no momento desta identificação que a experiência aparece em relação à leitura que faz da mídia. Nesta reportagem, Norma vê a figura das mulheres de classes populares como vulneráveis a doenças devido à falta de atendimento médico, além disso, a mediação da família fica explícita em sua fala quando se refere ao “papel de mãe” que as funcionárias do hospital realizam, assim como a preocupação dessas mulheres que, além de serem mães, cuidam dos pacientes. Essa situação a leva a pensar, a partir da mídia, na mulher como alguém que sofre, assim como ela sofreu por se preocupar com os filhos durante a vida.

Na reportagem “Campanha de vacinação contra a gripe começa nesta segunda-feira”, mais uma vez, as percepções de Rosângela não são diretamente relacionadas à imagem das mulheres. Ela apresenta em seu discurso a mediação da família quando se refere ao fato de não perceber a forma como o vírus da gripe se espalha nos móveis, preocupação que, para uma mulher com um número relativamente alto de filhos e com outros tipos de preocupação, pode passar despercebida. Norma, diferentemente de Rosângela, mas também a partir dessa mesma mediação, se refere à importância da mãe estar atenta à forma como o vírus da gripe se propaga, o que demonstra que as mediações permeiam seus modos de pensar de acordo com a experiência. Além disso, é explicitamente através desta mediação que reflete sobre a importância da união das mulheres da família na passagem de conhecimentos geracionais para o cuidado das crianças das diferentes gerações.

Na quinta reportagem, intitulada “Especialistas dizem que uso compulsivo do celular virou vício”, Rosângela, mais uma vez, não interage de forma a demonstrar a percepção sobre as mulheres representadas, mas a mediação da família se faz presente no seu discurso ao se referir ao filho que utiliza o celular com frequência. Com relação à Norma, a maior percepção

e, conseqüentemente, constituição da representação da mulher nesta reportagem se manifesta a partir da mediação da família em dois pontos que giram em torno da atenção que se deve dar aos filhos. Primeiramente, a ideia de que as mães não devem utilizar o celular com frequência vem pela ideia de que, na casa do filho, ele e a esposa não deixam as crianças fazerem uso do celular. Em segundo lugar, essa preocupação com a falta de atenção aos filhos se manifesta devido a Norma sempre fazer o possível para estar junto com os filhos e com a família, o que comenta seguidamente durante as observações participantes. Nesse sentido, as mulheres representadas são vistas como mães que deixam a desejar.

Na reportagem “Pesquisa mostra que os efeitos da poluição afetam muito mais do que o sistema respiratório”, Rosângela apresenta em seu discurso a relevância da mediação da família ao tratar sobre a mãe, que era fumante. Diferentemente disso, Norma percebe as mulheres negativamente a partir da forma desleal como aparecem ao fumar na rua, o que ela deixou de fazer há anos. Além disso, percebe que as mulheres retratadas nas imagens não estão em boas condições de saúde – o que também ocorre devido à reportagem tratar sobre os malefícios da poluição –, sendo que ela passou por situação semelhante, ou seja, pelo reconhecimento de si mesma no Jornal Nacional.

A notícia “Congresso aprova a regulamentação da lei dos empregados domésticos”, faz com que ambas as mulheres maduras percebam a figura da mulher de classe popular como a de alguém em conquista de direitos e melhora de posição social, o que se verifica em ambos os casos, pelas lembranças do tempo em que trabalhavam como empregadas domésticas, além das particularidades carregadas por cada uma no trabalho. No caso de Rosângela, é a partir da mediação do trabalho, mais especificamente sobre as lembranças das condições trabalhistas, que se dão as percepções acerca das mulheres. Norma também percebe as melhores condições das empregadas domésticas a partir dessa mediação, quando compara a forma como trabalhava e como hoje os direitos mudaram. A ênfase na imagem da mulher como alguém que tem que economizar mescla as duas mediações estudadas aqui, pela percepção de Norma de que a empregada, para ser boa, deve economizar e, assim, ajudar os patrões, o que vem da ideia predominante de economia na própria família. Além disso, a entrevistada demonstra que deve existir harmonia entre as classes sociais (neste caso entre patroa e empregada) a partir da ideia da consciência ecológica que as empregadas domésticas precisam ter, seja pelo meio ambiente ou pela necessidade de colaboração com a diminuição dos gastos dos “patrões”. Norma também percebe as mulheres como figuras unidas, independentemente de classe social, ao lutarem por um objetivo comum.

As percepções acerca da figura da mulher na reportagem “Especialistas alertam sobre casos de violência contra crianças” é marcada nitidamente pelas especificidades da mediação da família entre as entrevistadas. Apesar de predominar a imagem negativa das mulheres pobres pelo fato de uma menina ter sido violentada sexualmente, Rosângela faz comentários mais superficiais. É no momento da apresentação dessa reportagem que Norma se sente à vontade para contar sobre o ocorrido em sua infância e adolescência, época em que sofreu abuso sexual pelo padrasto. A mediação da família faz com que ela compreenda melhor a situação da menina violentada sexualmente e que fale sobre o quão difícil é para a mulher contar sobre esses casos, linha principal de assunto da reportagem. É a partir da identificação que Norma, apesar de ver a figura da mulher negativamente a partir dessa reportagem, percebe a situação feminina como negativa neste momento.

Na notícia “ONG promove Dia das Mães especial no Instituto do Coração, em São Paulo”, Rosângela não deixa transparecer as mediações da família e do trabalho. Já Norma mescla as duas mediações, sendo que a da família aparece quando se refere ao papel dos cuidados que as mães exercem ao terem que se dividir para ficar em casa e no hospital, sempre cuidando da família. Mas, ao tratar sobre a importância dos procedimentos estéticos, assim como sobre a relevância deste tipo de trabalho, revela a mediação do trabalho. Além disso, as mediações são reveladas nos momentos em que discorre sobre o procedimento realizado para clarear os cabelos, pois já fez isso para pagar uma promessa feita pelo filho, assim como quando se refere aos termos profissionais utilizados para tratar da coloração do cabelo, já que ela e as filhas já participaram de cursos de cabeleireiro.

Apresentamos aqui as formas positivas e negativas como as entrevistadas maduras constituem as representações da pobreza e das mulheres populares na experiência e na mídia. Nessa apresentação, realizada a partir dos dados das entrevistas e do texto em ação, existem algumas percepções destoantes, pois, apesar de essa exposição se dar pelas gerações, na busca de manter a relevância das experiências individuais, optamos por manter as distinções.

Da mesma forma que as idosas, as entrevistadas maduras avaliam positivamente a pobreza na experiência pelos seguintes tópicos: união familiar dos indivíduos de classes populares; valores morais e trabalho. A pobreza é interpretada negativamente primeiro pela associação que elas fazem dessa com carência de espírito e com uma forma de defeito, além dos aspectos que seguem: trabalho infantil; impossibilidade de estudar (devido à necessidade de trabalhar ou pela falta de estrutura para acessar a escola) e carência de bens materiais.

A situação da mulher pertencente à classe popular na experiência é avaliada positivamente pelos pontos a seguir: maternidade; valores morais das mulheres que são mães

populares (aprendizados e ensinamentos); centralidade da figura materna na família e possibilidade de trabalhar (para ser independente e para ascender socialmente). Por outro lado, a mulher popular na experiência é vista negativamente pelo seguinte: desvalorização diária; sofrimento na trajetória das mães populares na criação dos filhos; sofrimento devido ao excesso de trabalho; dependência financeira (do marido/companheiro e dos pais); submissão devido à dependência econômica; violência física, sexual e verbal sofrida pelas mulheres populares; baixo poder de autodefesa (relativa à discriminação e ao preconceito); impossibilidade de trabalhar por falta de saúde e vícios (cigarro e drogas).

Para as mulheres maduras, não há nada de positivo nas representações midiáticas da pobreza. Predomina a visão negativa acerca desse tema pelos seguintes aspectos: percepção da falta de realismo na representação midiática; constante reivindicação de estruturas pelos indivíduos de classe popular; falta de recursos básicos à sobrevivência (como alimento e atendimento médico); suscetibilidade a doenças e falta de condições para realização de atividades (como trabalhar).

Diferentemente da pobreza, a forma como a mulher popular é representada na mídia tem aspectos positivos: a representação de mulheres trabalhadoras; economia realizada; importância da figura materna no cuidado com a família; melhora nas condições empregatícias das empregadas domésticas; suscetibilidade a doenças e valorização da autoestima. Em contrapartida, a mulher popular é vista negativamente na mídia pelo seguinte: desvalorização; invisibilidade; discriminação; falta de planejamento familiar; sobreposição de jornadas de trabalho; violência física e sexual; sofrimento da trajetória das mulheres e mães populares na criação dos filhos; vício do cigarro; vestimenta inadequada e falta de consciência ecológica.

7 CONCLUSÃO

Neste trabalho, buscamos estudar as formas como quatro mulheres de classes populares maduras e idosas constituem as representações sociais de mulheres de classes populares com base nas mediações da família e do trabalho. Para isto, nos propomos a três objetivos específicos: a) descrever o significado da família e do trabalho na vida das mulheres de classes populares e como se manifestam as relações com essas esferas; b) examinar os modos de ver o telejornal pelas mulheres de classes populares no ambiente familiar; c) analisar de que forma as mulheres de classes populares interpretam as representações das mulheres construídas pelo telejornal.

Faz-se importante ressaltar a relevância das categorias da ritualidade e da socialidade para o exame dos usos do telejornal pelas mulheres das classes populares. Nesse contexto, a partir da realização do estudo de caso composto por entrevistas e observações participantes e, a partir do texto em ação, pudemos perceber a forma como a família e o trabalho adquirem relevância na vida das mulheres das classes populares. A família é “tudo” para elas, pois, independentemente da geração à qual pertencem, essa está entre as principais motivações que as levam a trabalhar e constitui orgulho das mulheres devido aos valores morais que elas conseguem passar aos filhos – e que estes reproduzem. As entrevistadas também sentem orgulho de suas famílias devido às conquistas dos familiares, como bons empregos.

Esses valores morais reproduzidos pelos filhos são percebidos principalmente nas falas das mulheres idosas que mencionam, durante as observações participantes, qualidades dos filhos como o fato de não roubarem, não usarem drogas ou não serem mal educados. As mulheres maduras se referem mais às conquistas dos filhos, seja por terem bons empregos – apesar da preocupação em torno da dependência da filha com relação ao marido – , por terem constituído família e lhe propiciarem a convivência com os netos ou pela própria trajetória de ascensão social de alguns deles, sempre imbricada dos valores morais. De forma geral, entre as duas gerações, destaca-se a menção aos aprendizados (passados pelos pais) e ensinamentos (repassado aos filhos) de valores morais e éticos.

Por outro lado, a percepção da família ruma à negatividade quando se trata das experiências relativas ao casamento, pois, nos casos de todas as mulheres, os falecidos ou ex-maridos foram responsáveis por situações que as fizeram tristes e impotentes, o que foi sentido diante da impossibilidade de exercer direitos políticos, da vivência de agressões físicas e verbais constantes, das traições e do alcoolismo do parceiro. Mas estas experiências negativas foram compensadas pelo fato de os ex-maridos terem proporcionado os filhos, a

quem as entrevistadas mais amam. Ou seja, a parte da família que é “tudo” para as mulheres das quais tratamos aqui se refere especificamente aos filhos, além da família formada pelos pais e irmãos, que sempre é lembrada com carinho.

O trabalho, além de ser a fonte de sobrevivência das entrevistadas e de suas respectivas famílias, consiste – juntamente com o fato de terem constituído família –, na esfera que proporciona reconhecimento às mulheres, na medida em que é a partir dele que elas têm contato com a sociedade, têm o reconhecimento por parte da família como contribuintes na renda das casas e se sentem úteis nos locais onde trabalham. Mas o mais importante é o reconhecimento que elas têm de si mesmas como mulheres que trabalharam durante a vida inteira, sendo que foi a partir disso que conquistaram o que têm hoje e tudo o que puderam dar aos filhos. É como se trabalhassem pela gratificação proporcionada por poderem oferecer à família, filhos e pais – como é o caso de Hilda, que ajuda a mãe da forma como consegue –, aquilo que não tiveram, o que fazem conforme podem. Por outro lado, a mediação do trabalho se revela crucial em função de que a própria assistência ao Jornal Nacional só é possibilitada quando as jornadas de trabalho das mulheres são reduzidas no decorrer de suas trajetórias ocupacionais. A família também assume tal função por incentivar a assistência do telejornal.

Foi também a partir de uma metodologia variada, mas principalmente relacionada às observações participantes, que pudemos adentrar no cotidiano das mulheres em estudo para observar seus modos de ver a televisão e o Jornal Nacional. Como pretendido inicialmente, a análise dos modos de ver proporcionou o entendimento da forma como a televisão se insere nas vivências destas mulheres e, conseqüentemente, acerca da relevância que a mídia adquire em suas vidas. Por mais que haja diferenças nos discursos das mulheres sobre a importância da televisão de acordo com as gerações, já que, em um primeiro momento, é negada pelas mulheres maduras, ao longo da pesquisa, percebemos que a televisão é central na vida das entrevistadas das duas gerações por ser a principal fonte de informação e por a assistência estar entre as principais atividades de lazer das entrevistadas. Diferentemente das mulheres maduras, entre as idosas percebemos a admissão da relevância da televisão, sendo esta tratada como companheira ou como “tudo” que elas têm, o que se relaciona à própria importância da família que é retratada da mesma forma por elas.

A partir do conhecimento dos modos de ver televisão, percebemos também a relevância das mediações da família e do trabalho durante a assistência televisiva das mulheres, o que se dá de formas distintas entre as duas gerações. As idosas, que têm mais contato com a família, recebem mais visitas em casa e realizam tarefas domésticas, portanto não dedicam total atenção à assistência televisiva. Já as entrevistadas maduras dedicam mais

atenção à televisão, mesmo que convivam com maridos e filho. A assistência pode se realizar de formas distintas pela importância que as entrevistadas atribuem ao fato de estarem bem informadas, sendo que as maduras prezam por isso.

Com relação ao terceiro objetivo específico, possível de ser compreendido através da realização dos dois primeiros, percebemos que as interpretações que as entrevistadas realizam sobre as representações das mulheres populares e sobre a pobreza no Jornal Nacional, sejam positivas ou negativas, são diretamente ligadas às mediações do trabalho e da família, ou seja, ocorrem de acordo com suas experiências individuais. Da mesma forma ocorre com as constituições das representações acerca da pobreza e da mulher de classe popular na mídia. Então, conforme as semelhanças existentes entre as experiências das entrevistadas, há percepções em comum sobre os dois temas na experiência e na mídia, assim como existem divergências entre seus modos de pensar estes assuntos.

De forma geral, percebemos que as entrevistadas de ambas as gerações têm percepções positivas e negativas acerca das representações das mulheres de classes populares no Jornal Nacional e na mídia. Elas avaliam como positivas as representações das mulheres trabalhadoras que economizam, representações que evidenciam a importância da figura materna no cuidado com a família, das melhoras nas condições de empregabilidade das mulheres e as representações de incentivo a autoestima feminina. Por outro lado, de acordo com suas experiências, elas percebem negativamente a invisibilidade e a desvalorização feminina no telejornal, a discriminação, a representação do sofrimento da trajetória das mulheres e mães populares, a falta de condições para a realização de atividades básicas, a associação das mulheres populares ao tema da violência e às representações de mulheres fumantes/vícios.

É interessante ressaltar que, ao mesmo tempo em que as entrevistadas – através das suas percepções negativas sobre os temas e as representações femininas – criticam direta ou indiretamente o telejornal e a mídia, quando versam sobre suas experiências ou sobre as vivências das mulheres de classes populares, mostram-se cientes de que certas representações e temas negativos associados às mulheres populares no telejornal são recorrentes na realidade. O que, por um lado, reforça a ideia de que para elas, mesmo que o Jornal Nacional reporte temas negativos, eles fazem parte da realidade.

Ainda, as mediações do trabalho e da família possibilitam a identificação ou o estranhamento das informantes com as representações femininas no telejornal, sendo que elas se identificam com as mulheres mães e trabalhadoras que são fontes nas matérias veiculadas e reprovam representações que fogem ao padrão de respeitabilidade tido como adequado à

condição feminina e de classe, como comportamentos de mães que não dão atenção aos filhos ou que têm vícios como o cigarro. É a partir das experiências vividas pelas entrevistadas no trabalho e na família que elas interagem e percebem as mulheres fontes das matérias.

Juntamente com os resultados desta pesquisa, percebemos a relevância do percurso multimetodológico. As diferenças constituídas na experiência das entrevistadas fazem com que elas percebam as mulheres populares na mídia a partir da violência física, como nos casos de Hilda e Norma e das lutas diárias e políticas, no caso de Rosângela. Ainda com relação à Hilda, a mediação da família fica visível durante o texto em ação através da emoção, quando a entrevistada chora ao ver mães cuidando dos filhos nos hospitais, situação pela qual já passou. Mas, durante o texto em ação, as interpretações das representações se ampliam e carregam traços comuns e incomuns.

Durante a realização do texto em ação, Norma consegue perceber as mulheres através de uma ótica que não prioriza, mas enfatiza a questão de gênero, a estética das fontes femininas representadas. Já Rosângela, Hilda e Zulmira se detêm mais em aspectos relacionados à classe social, às necessidades que a situação da pobreza condiciona as mulheres a viverem. Entendemos que as distintas percepções ocorrem possivelmente pelo fato de Norma ter maior convivência com mulheres pertencentes à classe média, por trabalhar diretamente com o aspecto da estética e por ter uma condição econômica – como mencionado durante o trabalho –, que lhe permite ir além das percepções focadas na economia. Já as demais entrevistadas, Rosângela, Hilda e Zulmira, têm suas percepções mais voltadas à questão econômica por este âmbito fazer parte constantemente de suas preocupações, diferentemente de Norma, que hoje se diz realizada.

De acordo com a apresentação das formas como as entrevistadas percebem as mulheres de classes populares na experiência, realizada nos capítulos empíricos, percebemos que a mídia auxilia e reforça a constituição dessas representações, o que se realiza primeiramente a partir das mediações da família e do trabalho. Então a mídia serve, nesse caso, como parâmetro na elaboração de suas representações.

O percurso multimetodológico nos permite perceber que, durante as entrevistas, as informantes da pesquisa têm percepções que se complementam no momento da realização do texto em ação. Nas entrevistas existem, entre outras, claras percepções positivas das fontes femininas pelas informantes, já no texto em ação, momento prático entre receptora e texto midiático, os atributos positivos não são mencionados de forma tão elucidada. Além disso, nas entrevistas, o Jornal Nacional é considerado um espaço através do qual as mulheres de classes populares podem reivindicar demandas de caráter público ou privado, mas, com o

avanço da pesquisa, percebemos que essa percepção ocorre apenas nesse momento, diferentemente do que ocorre durante a exposição da maior parte das matérias no texto em ação, quando as entrevistadas manifestam muitas reações emocionais.

Essa percepção nos conduz a pensar na relevância das mediações, pois é no cruzamento com elas que as mulheres entrevistadas vão perceber que as representações das fontes femininas das matérias podem ser formas de reivindicar melhorias à condição de classe e de gênero. Essa constatação nos leva a perceber a teoria da recepção de forma empírica, a qual estabelece que o processo de constituição dos sentidos atribuídos à mídia pelos receptores não se dá somente no contato dos receptores com o texto midiático, mas, sim, antes, durante e depois desse momento.

REFERÊNCIAS

- ABI-ABIB, Maron Emile; MIRANDA, Danilo Santos de. Em busca da plena inserção das mulheres na sociedade brasileira. In: VENTURI, Gustavo; GODINHO, Tatau. (Orgs.). **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública.** São Paulo: Perseu Abramo, SESC, 2013. p. 13-14.
- ALMEIDA, Heloisa Buarque de. As mulheres e as imagens da televisão. In: VENTURI, Gustavo; GODINHO, Tatau. (Orgs.). **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública.** São Paulo: Perseu Abramo, SESC, 2013. p. 107-119.
- BIRD, Elizabeth; DARDENNE, Robert. Mito, registro e “estórias”: explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, Nelson. (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”.** Lisboa: Vega, 1993. p. 263-277.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>>. Acesso em: 12 jun. 2015.
- BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV.** São Paulo: Boitempo, 2005.
- _____. O telespectador como protagonista. In: TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **Juventude e Televisão: um estudo de recepção do Jornal Nacional entre jovens universitários cariocas.** Rio de Janeiro: FGV, 2007. p. 9-20.
- CALDEIRA, Teresa P. do R. **A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos.** São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CAMILETTI, Giovana G. Modernidade e Tradição em Anthony Giddens: um Olhar sobre os Estilos de Vida nas Paneleiras de Goiabeiras. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social (RIGS)**, v.1, n. 2, p. 165-188, 2012. Disponível em: <http://www.rigs.ufba.br/pdfs/RIGS_v1_n2_art7.pdf>. Acesso em: 18 set. 2015.
- CALVET, Louis Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CEHELLA, Tissiana N. P. **Da Felicidade a Alegria: os usos e apropriações do telejornal Jornal Nacional por famílias de classe popular.** 2015. 195 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social)–Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.
- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2006. p. 98-109.
- DUARTE, Márcia Y.; DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- ECO, Umberto. **Obra aberta.** 9.ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Datos para una radiografía de los estudios brasileños de recepción. **Comunicación y Sociedad**, Zapopan, México, n. 3, jan.-jun., 2005. p. 149-163. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/346/34600307.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

_____. Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, vol. 4, n. 11, nov. 2007. p. 1-15.

_____.; JACKS, Nilda. Práticas de recepção midiática: impasses e desafios da pesquisa brasileira. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 12., 2004, São Bernardo do Campo/SP. **Anais...** São Bernardo do Campo/SP: Compós, 2004. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_619.pdf> Acesso em: 02 ago. 2015.

_____. **Cartografias dos estudos culturais**: Uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____.; JACKS, Nilda. Recepção: uma discussão conceitual. In: CAPARELLI, Sergio; SODRÉ, Muniz; SQUIRRA, Sebastião. (Orgs.). **A comunicação revisitada**. Porto Alegre: Sulina, 2005, p. 67-84.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Representações, mediações e práticas comunicativas. In: PEREIRA, M.; GOMES, R.C.; FIGUEIREDO, V.F. (Orgs.). **Comunicação, representação e práticas sociais**. Rio de Janeiro; Aparecida: PUC-Rio; Editora Idéias& Letras, 2004, v. 1, p. 13-26.

_____. **Narrativas televisivas**: programas populares na TV. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FRANKENBERG, Lorena; JACKS, Nilda; LOZANO, José Carlos. Audiências televisivas latino-americanas: 15 anos de pesquisa empírica. **Matrizes**, v. 3, n. 1, p. 167-196, 2009. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/115>>. Acesso em: 15 out. 2015.

FÍGARO, Roseli. Estudo de recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação. **Novos Olhares**, São Paulo, ano 3, n. 6, p. 28-51, 2000. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/51344/55411>>. Acesso em: 10 set. 2015.

GOMES, Itania Maria Mota. Efeito e Recepção: a interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media. In: GOMES, Itania; SOUZA, M. Carmen (Orgs.). **Media e Cultura**. Salvador: EDUFBA, 2002, p. 29-53.

_____. Telejornalismo de qualidade: Pressupostos teórico-metodológicos para análise. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 15., 2006, Bauru/SP, **Anais...** Bauru/SP: Unesp, 2006. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_517.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2015.

_____. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. **Revista E-Compós**, Brasília/DF, v. 8, p. 1-31, 2007. Disponível em:

<http://telejornalismo.org/wp-content/uploads/2010/05/Itania_Quest%C3%B5es-de-m%C3%A9todo__ecompos.pdf>. Acesso em: 11 set. 2015.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. La condición comunicacional contemporánea. Desafíos latinoamericanos de la investigación de las interacciones en la sociedad red. In: FERRANTE, Natália; MARROQUIN, Amparo; VILARROEL, Mónica (Orgs.). **Análisis de recepción en América Latina: un recuento histórico con perspectivas al futuro**. Quito, Ecuador: Ciespal, 2011. p.377-411.

HALL, Stuart. Pensando a Diáspora (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). In: SOVIK, Liv. (Org.). **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Ed. da UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003. p. 221-336.

JACKS, Nilda. Repensando os estudos de recepção: dois mapas para orientar o debate. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis/SC, vol. 10, n. 2, p. 17-35, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2008v10n2p17>>. Acesso em: 12 jun. 2015.

_____.; JOHN, Valquíria. Estudos de recepção: parte da história recente. In: LIMA, João Cláudio G. R.; MELO, José Marques de. (Orgs.). **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil**. Brasília: Ipea, 2013. p. 113-124.

_____.; MARROQUIN, A; VILARROEL, L. M; FERRANTE, N. (Orgs.). **Análisis de recepción en América Latina: un recuento histórico con perspectivas al futuro**. Quito: Quipus, CIESPAL, 2011. 1 v.

_____.; MENEZES, Daiane. Públicos, Audiências e Receptores: análise das pesquisas da década de 1990. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 16., 2007, Curitiba/PR. **Anais...** Curitiba/PR, 2007. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_164.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2015.

_____.(Coord.); MENEZES, Daiane; PIEDRAS, Elisa. **Meios e audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

_____.; PIEDRAS, Elisa; VILELA, Rosario S. **O que sabemos sobre as audiências? estudos latino-americanos**. Porto Alegre, RS: Armazém Digital, 2006.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de Comunicação**. Tradução de Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JODELET, Denise. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2001.

JOHN, Valquíria Michela. Recepção dos conteúdos jornalísticos: gêneses e lacunas. In: JACKS, Nilda. (Org.). **Meios e Audiências II: a consolidação dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 139-170.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LEAL, Bruno. A experiência do telejornal: âncora naturalista. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 36, p. 54-60, ago. 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/4415/3315>>. Acesso em: 3 nov. 2015.

LEAL, Ondina Fachel. **A leitura social da novela das oito**. Petrópolis: Vozes, 1986.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2. ed. Tradução de Sônia Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. Pesquisas de recepção e educação para os meios: Tendências da pesquisa de recepção na América Latina representam contribuição efetiva para a formulação de propostas de estudos vinculados à Educação para os Meios. **Comunicação & Educação**, São Paulo, p. 41-46, 1996. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/download/36242/38962>>. Acesso em: 10 set. 2015.

_____. Uma agenda metodológica presente para a pesquisa de recepção na América Latina. In: FERRANTE, Natália; MARROQUIN, Amparo; VILARROEL, Mónica (Orgs.). **Análisis de recepción en América Latina**: um recuento histórico con perspectivas al futuro. Quito, Ecuador: Ciespal, 2011. p. 409-428.

_____.; BORELLI, Silva Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a telenovela**: mediações, recepção e teleficcionalidade. São Paulo: Summus, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de Cartógrafo**: Travesías latinoamericanas de la comunicación em la cultura. Santiago, México: Fondo de Cultura Económica, 2002.

_____. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2003.

_____. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.p.89-111.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: Investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Pesquisa em jornalismo no Brasil: o confronto entre os paradigmas midiocêntrico e sociocêntrico. **Revista de Economía Política de las Tecnologías de información y Comunicación**, v. 7, n.1, p. 1-23, ene./abr. 2005. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12273/1/ARTIGO_PesquisaJornalismoBrasil.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2015.

MURDOCK, Graham. Comunicação contemporânea e questões de classe. **Matrizes**. São Paulo, n. 2, ano 2, p. 31-56, 2009. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/99>>. Acesso em: 8 mar. 2015.

PERUZZO, Cecília Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009. p. 125-144.

PESQUISA BRASILEIRA DE MÍDIA. **Hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. fev. 2014. Disponível em: <<http://de.slideshare.net/BlogDoPlanalto/pesquisa-brasileira-de-mdia-2014>>. Acesso em: 10 mar. 2014.

PINTO, Ana Estela de Sousa. **Jornalismo Diário: Reflexões, Recomendações, Dicas e Exercícios**. São Paulo: Publifolha, 2009.

POCHMANN, Marcio. Estrutura social no Brasil: mudanças recentes. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 104, out./dez., 2010. p. 637-649. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ssoc/n104/04.pdf> Acesso em out. 2015.

QUADROS, Waldir. A evolução da estrutura social brasileira: notas metodológicas. Texto para discussão. **Texto para Discussão**, Campinas/SP, n.147, p. 2-30, nov. 2008. Disponível em: <<http://www.eco.unicamp.br/docprod/downarq.php?id=1777&tp=a>>. Acesso em: 11 dez. 2014.

_____.; ANTUNES, Davi José Nardy. Classes sociais e distribuição de renda no Brasil dos anos noventa. **Cadernos do CESIT**. Campinas, n. 30, 2001. Disponível em: <<http://www.cesit.net.br/cesit/images/stories/30CadernosdoCESIT.pdf>>. Acesso em: 11. dez. 2014.

RABELO, Desirée Cipriano. Da linguagem às mediações. In: MARQUES DE MELO, José, DIAS, Paulo da Rocha. (Orgs.). **Comunicação, Cultura, Mediações: o percurso intelectual de Jesús Martín-Barbero**. São Bernardo do Campo: Umesp, 1999. p. 75-78.

RONSINI, Veneza Mayora. **Entre a Capela e a Caixa de Abelhas: identidade cultural de gringos e gaúchos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. **Mercadores de sentido: consumo de mídia e identidades juvenis**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. Trajetória com os estudos culturais latino-americanos de recepção. In: DUARTE, Elizabeth B.; CASTRO, Maria L. D. de. (Orgs.). **Mídias, práticas e ambiências**. Porto Alegre: Sulina, 2008, p. 271-287.

_____. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). In: GOMES, Itania M. M.; JUNIOR, Jader J. (Orgs.). **Comunicação e estudos culturais**. Salvador: EDUFBA, 2011. p.75-98.

_____. Apontamentos sobre classe social em um estudo de recepção. In: FILHO, João F.; BORGES, Gabriela. (Org.). **Estudos de televisão: diálogos Brasil-Portugal**. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 373-403.

_____. **A crença no mérito e a desigualdade: a recepção da telenovela do horário nobre**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

_____.;DEPEXE, Sandra; DHEIN, Gustavo; CHAGAS, Otávio; BARBIERO, Hellen. Os sentidos das telenovelas nas trajetórias sociais de mulheres das classes populares. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro/ RJ, **Anais...**Rio de Janeiro/ RJ, 2015. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/indiceautor.htm>>. Acesso em: 15 out. 2015.

_____.;SANTOS, Filipe; FOLETTO, Laura; CASSOL, Maria Cândida. Introduzindo a questão das relações entre telenovelas, classe e gênero. In: RONSINI, V. M.; COGO, Denise; REPELL, Jerónimo (Orgs.). **Estudos de Recepção Latino-Americanos: métodos e práticas**. Belaterra: Institut de la Comunicació – Universitat Autònoma de Barcelona, 2014.p. 142-157.

_____.; SILVA, R.; WOTTRICH, L. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero no Estudo de Recepção de Telenovela. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba – PR, 2009. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO (NACIONAL) – COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA NA ERA DIGITAL, 32.,2009, Curitiba/PR. **Anais...** Curitiba/PR, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1712-1.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2014.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho:um estudo sobre a moral dos pobres**. Campinas: Autores Associados, 1996.

SIFUENTES, Lírian. **Todo mundo fala mal, mas todo mundo vê: estudo comparativo do consumo de telenovela por mulheres de diferentes classes**. 2014. 299 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social)–Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Porto Alegre, 2014.

SILVA, Rodrigo. **Criminalidade na televisão baiana**. O telejornal policial Se Liga Bocão e os relatos dos sujeitos privados de liberdade. 2012. 281f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas)–Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

SOROKIN, Pitirim Alexandrovich. O que é uma classe social? In: BERTELLI, Antônio Roberto; PALMEIRA, Moacir Soares.; VELHO, Otávio Guilherme (Orgs.). **Estrutura de classes e estratificação social**.7.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. p.84-93.

SOUSA, Mauro Wilton de. Recepção e comunicação: a busca do sujeito. In: SOUSA, Mauro Wilton de. (Org.). **Sujeito: o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 2002. p. 13-38.p.13-38.

_____.A recepção sendo reinterpretada. **Novos Olhares**, São Paulo, SP, ano 1, v. 1,p. 39-46, 1998. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/51308/55375>>. Acesso em: 14 jul. 2015.

_____.A Recepção Midiática e a Perspectiva da “Dupla Mediação”: Olhares em Debate”. **Novos Olhares**, São Paulo, SP, v. 1, n. 1, p. 36-46, 2012. Disponível em:<<http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/51446/55513>>. Acesso em: 3 ago. 2015.

SOUZA, Jessé. **Ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2009.

_____. **A construção social da subcidadania:** Para uma sociologia política da modernidade periférica. 2.ed. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2012.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. Notícias e serviços: um estudo sobre o conteúdo dos telejornais da Rede Globo. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, SP, ano 23, n. 37, p. 125-144, 2002. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/cs_umesp/article/viewFile/135/3385>. Acesso em: 20 set 2015.

_____.; TONDATO, Márcia Perecin; TUZZO, Simone Antoniaci. **Mulheres do sol e da lua:** a televisão e a mulher no trabalho. Goiânia: PUC Goiás, 2012.

TRAVANCAS, Isabel. **Juventude e televisão:** um estudo de recepção do Jornal Nacional entre jovens universitários cariocas. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

VILELA, Rosário Sánchez. Técnica método e teoria. A entrevista em profundidade na investigação da recepção. In: JACKS, Nilda; PIEDRAS, Elisa R.; VILELA, Rosário S. (Orgs.). **O que sabemos sobre as audiências?** Estudos latino-americanos. Porto Alegre: Armazém Digital, 2006.p.44-59.

VIZEU, Alfredo (Org.). **A sociedade do telejornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2008.

_____.; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (Orgs.). **60 anos de telejornalismo no Brasil:** história, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010.

WOOD, Helen. Texting the Subject: Women, Television, and Modern Self-Reflexivity. **The Communication Review**, v.8, p. 115-135, 2006. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10714420590947692?journalCode=gcrv20>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

_____. 'The Mediated Conversational Floor: An Interactive Approach to Reception Analysis'. **Media, Culture and Society**, v. 29, p. 75-103, 2007. Disponível em: <<http://mcs.sagepub.com/content/29/1/75.full.pdf+html>. Acesso em: 23 jul. 2015.

_____. **Talking with television:** women, talk-shows and modern self-reflexivity. Illinois: University of Illinois Press, 2008.

_____. O texto em ação. [Entrevista disponibilizada no 1º semestre de 2008]. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/07/Communicare-vol.-8.1.pdf>>. Entrevista concedida a José Eugênio de Oliveira Menezes, Liráucio Girardi Jr., Luís Mauro Sá Martino. Acesso em: 20 jul. 2015.

_____. Talking with Television: Women, Talk Shows and Modern Self-Reflexivity. University of Illinois, 2009. Resenha de SADLER, Barbara. **Participations:** Journal of Audience & Reception Studies, v. 7, p. 180-182, 2010.

APÊNDICE A – TEXTO EM AÇÃO ZULMIRA

| TEXTOS DAS REPORTAGENS | FALAS DE ZULMIRA |
|--|--|
| <p>(Sistema em parceria com população leva água a 435 mil famílias no CE)</p> <p>“Hoje no Ceara 435 mil famílias em 135 municípios são atendidas por esse sistema” (Imagem de mulher no tanque)</p> | <p>“Ah, nós vivemos também, até era pior que isso aí, nós tinha que busca água, lavava lá na sanga, lá em baixo, era longe. A senhora também não tinha água? Não, naquele tempo, lá fora não, quando eu era pequena não. Lavava roupa nas nossas terras, mas era sanga, né? Bah, nós carregava água de longe. E tinha aquelas coisas, assim, como é o nome daquilo... [roldana]. Tinha que buscar lenha no mato, cortar lenha, nem existia gás naquele tempo, não! Mas todo mundo vivia, né? Ninguém morria.”</p> |
| <p>(Cheia do Solimões afeta moradores e comerciantes no Amazonas)</p> <p>“No município a cheia atinge nove mil pessoas, bairros inteiros estão alagados, ainda assim, muitos moradores preferem ficar” (Imagens aéreas da área alagada e de menino na água)</p> <p>“Dentro da loja alagada de dona Almerinda os produtos estão enalhadados” (Imagens de idosa proprietária da loja sentada em cima de madeiras, sobre a água)</p> <p>“Em Anamã, a 160 km de Manaus, quase toda a cidade está debaixo d’água, a defesa civil distribuiu até agora 370 toneladas de cestas básicas” (Imagens de pessoas distribuindo/recebendo as mercadorias e imagem de casa alagada)</p> | <p>“Mas, olha só, que coisa horrível, né? Bom, isso aí nós nunca passemos, né”.</p> <p>“Olha só. E tu viu que perdem tudo as coisa, perderam tudo agora de novo, das enchentes.</p> <p>“Bah, olha só ali, que barbaridade. Mas como é que vão fazer comida?”</p> |

| | |
|--|---|
| <p>(Instituto referência em câncer no Rio, Inca tem falta de leitos e equipamentos)</p> <p>“A rotina desta mulher é de angústia, ela está com suspeita de câncer de mama e há um mês tenta fazer o exame de biopsia no Instituto Nacional de Câncer no Rio” (Imagens da silhueta da mulher não identificada)</p> <p>“A mãe conta que o filho já foi internado duas vezes e se indignou com o que viu na pediatria” (Imagens da silhueta da mãe do menino, não identificada)</p> <p>“Funcionários narrando à situação negativa da CTI” (Imagens feitas pelos funcionários do hospital)</p> | <p>“Coisa mais horrível isso, né? Quanto mais fica pior é, né.”</p> <p>“E tu acha assim, que não tem? Quando eu fiz a cirurgia do seio, o que tinha de gente com câncer de seio lá. Bãe! A gente acha que não existe. Têm muitos que não tem cura, né, mas têm outros que tem.”</p> <p>“É, as pessoas que tem mais condições pagam, né. Mas e o que não tem? Graças a Deus que a gente tem tudo... A maioria tem doença. E tem gente que ainda procura doença, né. Quanto mais pobre mais tem vício, né, mas não adianta fala, né?”</p> |
| <p>(Campanha Nacional de Vacinação contra a gripe começa nesta segunda-feira)</p> <p>“Qualquer espirrinho já é motivo pra avaliar e ver como é que tá, né.” (Imagem de Mônica – nutricionista e mãe, na sala de casa com as filhas pequenas)</p> <p>“Aí é o seguinte a mãe passou a mão na mesma maçaneta, pronto, já tá gripada” (Imagens da mãe tocando nos objetos mencionados)</p> <p>“[...] é por isso que tem que tomar a vacina que começa na sexta feira”</p> | <p>“Essa aí já é gente que pode, né?”</p> <p>“Viu? Mas vai passar álcool o dia inteiro na casa?”</p> <p>“Hum! Ah, por isso que tem que tomar as vacinas. Mas eu graças a Deus sempre fui sadia. É difícil me gripar. E no verão não posso usar calçado nos pés, eu sou uma calorenta, coisa mais triste, e sempre atirando água nos pés e toda a vida, desde pequena na água, no rio, barro. Nos se criamos dentro do barro lá em casa, no verão, porque no inverno ficava frio, né. Buscando mandioca, buscando lenha no pátio, cortando lenha. Nós tinha que buscar</p> |

| | |
|---|---|
| <p>(Especialistas dizem que uso compulsivo do celular virou vício)</p> <p>“A meditação ela vai na raiz, vai limpar a ansiedade e aí sim, você vai ter uma percepção, uma visão melhor do que esse aparelho vai tá influenciando na sua vida” (Imagem da entrevistada – Flavia – professora de Ioga)</p> <p>(Pesquisa mostra que os efeitos da poluição afetam muito mais do que o sistema respiratório)</p> <p>(Imagens de mulheres fumando na rua)</p> <p>“Segundo a OMS a poluição do ar mata oito milhões de pessoas no mundo todos os anos” (Imagem de trânsito)</p> <p>“Pacientes cardíacos ou que já tem pressão alta podem ter complicações sérias. Os problemas cardiovasculares são responsáveis por 80% das mortes relacionadas à poluição do ar” (Imagens digitais de corpo humano)</p> <p>(Congresso aprova a regulamentação da lei dos empregados domésticos)</p> <p>Antes de a reportagem iniciar.</p> <p>“No total, o patrão pagará 20% do salário do empregado em benefícios [...]” (Explicações digitais na tela)</p> | <p>água longe, mas se vivia muito bem, com bastante fartura, comida bem boa, a minha mãe fazia pão de forno, pra fora assim, aqueles forno de barro. Fazia cuca, pão de várias variedade.”</p> <p>“Essa ai é mais alta, e tu vê a diferença, né. Porque será que têm as pessoas pobres e as pessoas ricas, né. Engraçado, né. Depende do estudo, né, se tu estudou, aí tu vai ganhar melhor, né, tudo isso é o estudo. E os pais também, às vezes...”</p> <p>“Hum, meu Deus! E fumam, né?”</p> <p>“E não adianta falar pra não fumar.”</p> <p>“Eu tenho pavor de cigarro. Quando eu trabalhava lá no hotel a primeira coisa que eu fazia botava de molho os cinzeiros. O meu sobrinho tá preocupado porque é aniversário da mãe dele e vão fumar dentro de casa, tem menos de 10 anos [risos]. A vó fuma, a mãe dele fumava e não quer fumar mais agora.</p> <p>“Agora pra ter empregada doméstica tem que ter dinheiro, né. A minha sobrinha mesmo tr (continua) ela e o marido são doutores e eles pagam até sexta pra ela e sábado é separado.”</p> <p>“A pessoa que trabalha e que pode pagar tem mais é que ter uma empregada mesmo dentro de casa, né.”</p> |
|---|---|

| | |
|--|---|
| <p>“<i>Off</i> sobre as formas de pagamento” (Imagens de empregadas domésticas limpando casas)</p> <p>“O empregador vai evitar depois reclamações trabalhistas, fiscalização do ministério do trabalho” (Ministra do STJ em uma sala decorada)</p> <p>(Especialistas alertam sobre casos de violência contra crianças)</p> <p>“Mulher contando sobre o caso da filha estuprada em escola em São Paulo. O relato é de uma mãe de uma menina de apenas 12 anos de idade - repórter” (Imagens da silhueta da mãe da menina)</p> <p>“Segundo a mãe, um dos agressores agarrou a menina pelo pescoço e a levou para o banheiro masculino, aonde mais dois adolescentes já esperavam” (Simulação digital da ação dos estupradores)</p> <p>“A mãe contou também que a garota desmaiou depois de ser estuprada” (Imagem de silhueta da mãe)</p> <p>“Por precaução, a menina tomou um coquetel anti AIDS e, aos 12 anos, está traumatizada” (Imagens externas do hospital)</p> <p>“Essa pediatra diz que muitas crianças violentadas sequer completaram quatro anos de idade e que todas elas ficaram traumatizadas” (Imagem da pediatra na sala do hospital)</p> <p>“Se a criança se abrir com a família, a primeira coisa que a família deve demonstrar é uma sensação de alívio: ai, que bom que você contou [...]” (Imagem de psicóloga em uma sala com livros ao fundo)</p> | <p>“E tem serviço dentro de uma casa, né.”</p> <p>“Essa aí é a patroa, né? Acho que é advogada.”</p> <p>“Será que <i>estrupe</i> ela? Sim. Que horror, né?”</p> <p>“Acho que nunca mais sara, né? fica pro resto da vida.”</p> <p>“Que horror.”</p> <p>“Uma criança, né? O que é 12 anos? Olha, a justiça tá muito lenta, Deus que me perdoe, acho que eu não poderia ser da polícia, brigadiana, pensa bem, isso são uns monstro.”</p> <p>“Sim, se <i>estrupam</i> até criança pequenininha, né. Até dentro de casa, não da pra deixar mais pra ninguém. Tem que ver com quem tu deixa.”</p> <p>“Não conta de medo, né e, às vezes, eles ameaçam, se tu contar eu faço isso, faço aquilo, e criança tu sabe como é, né.”</p> |
|--|---|

| | |
|---|--|
| <p>(ONG promove Dia das Mães especial no Instituto do Coração, em São Paulo)</p> <p>“[...] e a população do andar da pediatria foi chegando, para as crianças balões e brincadeiras e para as mães que compartilham a internação uma bela surpresa” (Imagens de crianças e mulheres alegres no hospital)</p> <p>“perguntei pra Cauana, qual a mãe mais bonita e ela fez suspense: Fonte – filha- “a minha!”” (Menina próxima a mãe – no hospital)</p> <p>Depois que a reportagem acaba – logo que termina a imagem de uma mãe emocionada ao se ver no espelho depois da ação de embelezamento.</p> | <p>“Olha as crianças doentes, né, pobrezinhos. E tem um monte de filho e tudo, né?”</p> <p>“E tem um monte de filho também, e às vezes criam bem criadinho, né”</p> <p>“Com os filhos doentes não tem descanso, né.”</p> |
|---|--|

APÊNDICE B – TEXTO EM AÇÃO HILDA

| TEXTOS DAS REPORTAGENS | FALAS DE HILDA |
|--|---|
| <p>(Sistema em parceria com população leva água a 435 mil famílias no CE)</p> <p>“No sertão do Ceará, dona Vera tem água potável em casa 24 horas por dia [...]” (Dona de casa enchendo balde de água)</p> <p>“Ter água na torneira mesmo depois de mais de três anos de estiagem é difícil, principalmente na zona rural” (Mulher enchendo o um balde com água nas proximidades da casa)</p> | <p>“Ai, isso aí é um problema né, pra lá, a gente aqui não tanto, mas eles lá. É uma dificuldade, tem que carregar água em balde Isso aí é uma calamidade uma coisa assim que, ai, acho que o governo tinha que se empenhar mais <i>nessas vila</i> muito pobre, esses vila, assim, as pessoas não tem, a doença vem dali, né.”</p> <p>“Ai é calamidade mesmo isso aí. Quando a gente morava pra fora era bem assim, a casa da mãe era uma casa bem assim, uhum!”</p> |
| <p>(Cheia do Solimões afeta moradores e comerciantes no Amazonas)</p> <p>“No município bairros inteiros estão alagados, a cheia afeta nove mil pessoas. Cidades inteiras estão alagadas [...]” (Homem e uma criança dentro da água, próximo a casa)</p> | <p>“Coisa horrível as pessoas perderem tudo, né?! Ai, tudo, tudo, não ter nada, batalhou uma vida inteira pra ter, né. Depois começar do zero, não tem. A gente tem que ajudar, levar né, pra comunidade. Até ontem levaram um sapato, deram um sapato ai, de gente grande, gente fina, deram o sapato bem novo, bem novinho, aí eles não quiseram porque o sapato era usado, um sapato zero. O pessoal não aceitou, aceitou só o <i>sacolão</i>, mas o sapato não. Então, tudo novo, queriam novo, né, roupas novas. Mas acontece que às vezes as pessoas não tem condições, compram”.</p> |
| <p>“Como a cheia do rio Solimões afetou principalmente essa área aqui do centro comercial da cidade, o prejuízo aqui no comércio é calculado em pelo menos 50%, quer dizer, eles estão vendendo a metade daquilo que poderia vender [...] a dificuldade de acesso afasta a clientela</p> | <p>“Isso é triste! Olha ali, ó, como é que a gente vai dormir uma noite assim?! É uma loja isso aí. Pois é, deixa aberta, mantém pra poder ganhar o pão do dia, se não como é que vai viver, e as conta?! A calamidade acontece, mas ninguém vem pagar a conta, trazer o dinheiro, no final do</p> |

| | |
|---|--|
| <p>[...] Dentro da loja alagada de dona Almerinda os produtos estão encalhados. Fonte – Almerinda – não vende, nada, nada, nada”</p> <p>(Repórter em cima de uma ponte improvisada entrando na loja de uma comerciante/comerciante sentada na loja alagada)</p> <p>“Onofra e os dois filhos foram para um abrigo, porque a casa onde moram alagou. Fonte – Onofra: Aqui tá melhor do que ficar no alagado”</p> <p>(Mãe com as duas crianças pequenas sentada em uma cama)</p> <p>(Instituto referência em câncer no Rio, Inca tem falta de leitos e equipamentos)</p> <p>“Fonte – não identificada - Você pode, por favor, me informar se a máquina que faz a biópsia já ficou pronta? Fonte - Informante do hospital: “Não, meu amor, ainda não te prazo, ta? [...]””</p> <p>(Fonte não identificada no telefone com informante do hospital)</p> <p>“Faltou gase, faltou esparadrapo, soro biológico, não tinha lençol [...]”</p> <p>(Fonte não identificada)</p> | <p>mês tu vai ter que pagar, de onde vai tirar não sei. Mas tem que pagar. Olha ali, uma senhora de idade”.</p> <p>“Óun! Que judiaria”.</p> <p>“Também, pobre parece que só sabe fazer filho também [risos]. Hoje eu ainda tava dizendo pro meu rapaz, credo, pobre só sabe botá filho na barriga, primeira coisa, novinho, é bota um filho na barriga. Primeiro vai fazer a vida, pelo amor de Deus. Ou se juntarem”</p> <p>“Ainda bem que essa aí tem um pouquinho de sensibilidade, pra tratar com carinho a pessoa, né. Às vezes, tu chega ali... Ontem eu vi uma reportagem ou vi no jornal, ta no jornal eu tava olhando [pausa prestando atenção na matéria]. E aqui em Santa Maria isso, ela acabou falecendo por falta de cuidado, falta de atenção, mas nós temos um médico na cidade, não tem”.</p> <p>“É, isso aí é um absurdo, né. Um país, o nosso país aqui é rico, porque tem tudo, né, mas aonde gera o dinheiro mesmo acho que é dos impostos essas coisas aí, né. Ali, por exemplo, tu gastou duzentos, duzentos e pouco tu paga 50 e poucos de impostos. Eu tava vendo esses dias. Então, é muito dinheiro que entra pra fazerem essas coisas. Acontece que tem os desvios, né, sinto muito falar, mas é a verdade e eles tão aí, pedindo voto, prometem e, eu disse, esses dias teve um vereador aqui na rua e eu disse: olha, de promessa eu to cheia, porque isso aqui faz mais de 40 anos essa rua. Não, mas vai arrumar, será?”</p> |
|---|--|

| | |
|---|---|
| <p>(Campanha Nacional de Vacinação contra a gripe começa nestasegunda-feira (4))</p> <p>“Vitória, não, não é nome da criança não, vitória é a mãe dela conseguir deixar a Bia cinco minutos quieta pra trocar a roupa dela” (Mãe tentando trocar a roupa da filha pequena)</p> <p>“Fonte – mãe – nutricionista - Qualquer espirrinho já é motivo pra ir lá e avaliar e ver como que tá, né [...]” (Mãe dando entrevista em casa)</p> <p>“Funciona assim, se Bia estiver um pouco gripada, cada passada de mão vai espalhando o vírusque vai parar no móvel, na maçaneta do quarto e no brinquedo [...]” (Imagens da menina correndo pela casa)</p> <p>[sem reportagem passando]</p> <p>(Especialistas dizem que uso compulsivo do celular virou vício)</p> <p>(Pesquisa mostra que os efeitos da poluição afetam muito mais do que o sistema respiratório)</p> | <p>“Ai, que amor! É!”</p> <p>“Ah, é preocupação mesmo.”</p> <p>“É! Ah, sim, tudo! Porque é muito fácil tu pegar uma doença ou um vírus, é fácil, porque tu entra no ônibus tu tem que te agarrar, quantos passaram por ali. Então, é, não tem.</p> <p>“Viu o modo como essa mulher apareceu? Sim, não tem. A pessoa que tem assim, já é mais, outros cuidados, outras, assim, o pobre se cria à vontade, se curou, se é gripe... Por isso que quando vai pra um médico, uma coisa, já tá com uma pontada, quase morrendo, se não ataca já... e o rico não, o rico mal... além de tarem ali com todos os cuidados eles também correm o risco de, né, não ter... Pode ser quarto fechado, bem esterilizado, bem limpinho, mas não adianta, pega mesmo, no ar pega, não adianta. “</p> <p>(Nenhum comentário significativo)</p> |
|---|---|

| | |
|--|---|
| <p>“Que a fumaça do cigarro faz mal pra saúde ninguém ignora. Fonte não identificada – “Eu saio de perto, vou pra outro lugar [...]”” (Imagens de mulheres fumando na rua)</p> <p>“Segundo a OMS, a poluição do ar mata oito milhões de pessoas no mundo todos os anos” (Imagens da cidade - ar)</p> <p>“Este tipo de poluição provoca inflamações em todo o sistema respiratório, desde o nariz até os pulmões, mas o maior perigo é quando as partículas chegam na corrente sanguínea, elas provocam inflamações dentro das veias e artérias, dificultam a passagem do sangue”</p> <p>“Fonte – Evangelina – diretora do Instituto de Saúde e Sustentabilidade – escritório – “É preciso que a população entenda a gravidade do problema e ajude para que o governo possa dar essa resposta e cumprir com seu papel em defesa da saúde dos indivíduos contra a contaminação do ar””</p> | <p>“Ih, lá vem à perdição. Ai, não posso com isso, não posso com cigarro, odeio.”</p> <p>“É verdade. E, às vezes, tu pode tá ali fora e tu sente aquele cheiro. No parágrafo ali é um absurdo, aquelas pessoas fumam em cima da gente, uma falta de respeito e aí tu sai dali, tapa o nariz e parece que tá respirando aquele fumo, cigarro.”</p> <p>“Ó! Eu tenho minha filha mais velha, ela fuma. Eles fumam lá fora, mas não adianta, fica ali dentro da casa, no ar que respiram, né.”</p> <p>“É, mas eu acho muito difícil conseguirem, assim. É que é a tal coisa uns vão morrendo e vai vindo sempre a mesma coisa. É muito impossível.”</p> |
| <p>(Congresso aprova a regulamentação da lei dos empregados domésticos)</p> <p>“É uma questão de justiça para ambas as partes, o empregador vai evitar, depois, causas trabalhistas, fiscalização do Ministério do Trabalho e o empregado vai se sentir mais seguro. É uma segurança para ambas as partes” (Fonte: Delaíde Arantes – ministra do STF - escritório)</p> <p>“Rosa comemora e não esconde a satisfação. Fonte – Rosa – doméstica – “Antes a gente não se sentia importante, mas agora vai valer à pena, né”” (Fonte: Rosa Mendes – empregada</p> | <p>"Só que eu acho, assim, que é poucos que vão empregar, muito pouco, manter só diarista e comer de fora, sabe? Ou tu faz e deixa pronto ou tu vai duas vezes por semana na casa, sabe. É muita coisa que eles vão pagar e não vão querer.”</p> <p>“Uhum! Sim, porque antes uma empregada doméstica não tinha muito valor não, e não era bem remunerada nem nada. Agora sim, com essa lei ai ou tu tá dentro dos direitos ou não pode nem trabalhar, o patrão não</p> |

| | |
|--|---|
| <p>doméstica – casa da patroa)</p> | <p>pode ter uma pessoa irregular. É geral, mas é que isso aí pro trabalhador, pra doméstica, isso aí é muito bom, pra quem tá trabalhando com carteira assinada, porque a maioria não tá, porque a maioria não vai pagar isso aí. Vai ter bastante desemprego com isso, muito, eu acho. A maioria não vai querer pagar tudo que é direito não, e pelas horas que a pessoa vai trabalhar, tem gente ai que pega às 7 horas da manhã. Não firma, nem hospitais, essas coisas, né, tô dizendo doméstica, e aí vai sair só de tarde, talvez depois da patroa chegar do serviço, seja lá o que for, ou passa pra outro turno, porque duas não vão ter. É bem puxado, vai ter muito desemprego por causa disso aí.”</p> |
| <p>(Especialistas alertam sobre casos de violência contra crianças)</p> | |
| <p>“O relato é de uma mãe que teve a filha estuprada dentro da escola” (Imagens dos olhos e mãos da mãe – não identificada)</p> | <p>“Bah! Ai, eu vi isso aí.”</p> |
| <p>“A mãe contou também que a garota desmaiou depois de ser estuprada” (Imagens externas da escola)</p> | <p>“Imagina.”</p> |
| <p>“foram atendidos no ano passado mais de 4.400 casos, isso dá uma média de quase sete por dia[...]” (Passagem repórter)</p> | <p>“Bah! Barbaridade, que horror!”</p> |
| <p>“essa pediatra diz que muitas crianças violentadas sequer completaram quatro anos de idade e todas elas chegam traumatizadas” (Imagens da pediatra Gabriela na sala de atendimento)</p> | <p>Riem! Nossa senhora!”</p> |
| <p>(ONG promove Dia das Mães especial no Instituto do Coração, em São Paulo)</p> | |
| <p>“[...] essa rotina de hospital, tudo isso, faz com que as mães se descuidem delas mesmas” (Passagem do repórter no corredor do hospital)</p> | <p>[Chorando]</p> |

| | |
|---|---|
| <p>Fonte – Renata – criadora da ONG – no hospital - “Já são tantas angústias, tantas preocupações que, na verdade, se olhar no espelho e se sentir um pouco mais bonita, acho que melhora um pouco o clima, né, melhora o seu alto astral” (Imagem da fonte)</p> <p>“perguntei pra Cauana, qual a mãe mais bonita e ela fez suspense: Fonte – filha- “a minha!”” (Menina encostada na mãe – no hospital)</p> <p>“mas o capricho dos maquiadores e cabeleireiros, todos voluntários, também provocou lágrimas. Com um visual desses depois de 11 meses no hospital, Édna não resistiu”. Repórter: Vai ter alta? Fonte – Édna – mãe de interno no hospital – “Vai! [muito emocionada]” (Imagens da fonte)</p> | <p>“Hum! É, pessoas que moram, às vezes, ali. Aquilo ali é uma autoestima pra pessoa, né. Bah, Deus o livre! [Suspira]!”</p> <p>“Huhuhu! A minha, tá certa ela!”</p> <p>Óun! Ai, que bom, né, que alegria! É! [Mais barulho de choro]</p> |
|---|---|

APÊNDICE C – TEXTO EM AÇÃO NORMA

| TEXTOS DAS REPORTAGENS | FALAS DA NORMA |
|--|--|
| <p>(Sistema em parceria com população leva água a 435 mil famílias no CE)</p> <p>“Hoje no Ceará 435 mil famílias em 135 municípios são atendidas por esse sistema” (Imagem de mulher no tanque)</p> <p>“Fonte idosa – sem créditos - em casa “Eu me emociono, hoje a gente tem essa riqueza [emocionada]” (Imagem da fonte)</p> | <p>“A mulher tá ali, economizando, né, economizando, botando a baciazinha embaixo. A mulher tá sempre na frente.”</p> <p>“Olha só! É, parece a volta dos tempos antigos, a mulher carregando água, juntando água...”</p> |
| <p><u>(Cheia do Solimões afeta moradores e comerciantes no Amazonas)</u></p> <p>[Pausa devido ao carregamento lento da internet de Norma].</p> <p>“Dentro da loja alagada de dona Almerinda, os produtos estão encalhados” (Imagem da fonte – Almerinda – comerciante – sentada na loja alagada)</p> | <p>“Mas tu viu, que ali envolve a família toda, né. Evolve não só as mulheres, mas as crianças também. Com relação ao alagamento? É e ao racionamento de água, a mãe da família vai doutrinando o pai e as crianças também, que são a peça-chave para conseguir... Às vezes, a mãe e o pai não estão nem se ligando e quem alerta, muitas vezes, é os filhos. Às vezes, uma criança te chama atenção pro problema, do lixo, né, da seca. Eu já vi muita criança falando para os pais: fecha a torneira. Aqui perto de casa tem mulheres que não tem a mínima noção, tem estudo, tudo, mas lavam calçada, abrem as torneiras e ficam uma manhã inteira, às vezes, lavando uma calçada, nem varre, só larga a mangueira. Não tem aquela noção é, de que, bah, tá jogando fora a água. Aí: ai, mas aqui não tem falta d’água, mas não é aqui, é no mundo, né. É uma coisa assim, não tão a longo prazo, né, que tá acontecendo. Então, tem mulheres que não tem essa visão.”</p> <p>“Bah, coitada, sozinha!”</p> |

| | |
|---|--|
| <p>“Não vende nada? Não vende nada!” (Imagem da fonte – Almerinda – comerciante – sentada na loja alagada)</p> <p>“Onofra e os dois filhos foram para um abrigo depois que a casa aonde mora alagou.” (Mulher sentada na cama com os dois filhos)</p> <p>[Enquanto a reportagem carrega]</p> <p>(Instituto referência em câncer no Rio, Inca tem falta de leitos e equipamentos)</p> <p>“A rotina dessa mulher é de angústia. Ela está com suspeita de câncer de mama e há um mês tenta fazer o exame de biopsia no Instituto nacional de câncer do Rio” (Fonte não identificada no telefone com informante do hospital)</p> <p>“Eu me sinto de pés e mãos atados” (Fonte não identificada)</p> <p>“Aos três anos esta criança já se habituou as idas ao hospital por causa de um tumor no olho” (Imagem não identificada de menino brincando no hospital com enfermeira embalando o brinquedo)</p> <p>“[...] a coberta os pacientes tinham que trazer de casa, o elevador tava quebrado” (Imagem de mãe não identificada)</p> <p>“Você vê isolamento, com camas quebradas, pacientes entubados no andar, precisando de terapia intensiva [...]” (Fonte não identificada mostrando o estado do hospital)</p> | <p>“Olha a situação...”</p> <p>“Tu vê, olha a situação dessa mulher, né?! Vai pra um abrigo, a casa alagada, vai trabalhar como? E os filhos lá, num abrigo”.</p> <p>“E aí, nesses casos, atingiu todos os tipos de mulher, né, tanto aquelas que não fazem nada e as outras, que trabalham fora, né. Não é fácil.”</p> <p>“Bei, olha a situação da criatura.”</p> <p>“Até marcar o exame o câncer já tomou conta”</p> <p>“Ai, coitadinho. Tu viu aquela ali, acho que ela é funcionária, mas tá fazendo papel de mãe, porque ela tá com aventalzinho, né.”</p> <p>“Meu Deus!”</p> <p>“Deve ser bem difícil pra essas mulheres, né, além de elas enfrentarem a vida, o dia a dia delas como funcionárias, ainda tem mais os problemas delas, né. Das funcionárias e das mães, né. É que muitas vezes são mães, né, e vê as crianças sofrendo, com uma falta de atenção. Isso aí é ruim tanto pras médica, como para as enfermeiras em geral, né, o sofrimento da mulher tá presente o tempo todo, né”</p> |
|---|--|

| | |
|---|--|
| <p>“O instituto negou que haja falta de materiais” (Repórter bancada)</p> <p>(Especialistas dizem que uso compulsivo do celular virou vício)</p> <p>“Na verdade, a gente queria deixar o celular em casa, mas aí a gente vai entrando e...” (Fonte: Eliane – gerente de negócios – caminhando no parque com uma criança)</p> <p>(Casal dizendo que estava usando o celular durante a caminhada para troca de fotos)</p> <p>“A gente tendo uma visão mais clara, a qualidade de vida aumenta” (Fonte: Flavia – professora no escritório)</p> <p>[Logo que a reportagem para carregar o próximo vídeo]</p> | <p>“Ah, tu viu só. E como é que fica a situação dessa mulher que tá com um caroço, porque diz que, depois de descoberto, já tá grande, né, aí em questão de dias vai aumentando.”</p> <p>“É, tu vê, né, não dá atenção pra filha daí, né.”</p> <p>“A mãe bem que poderia ter deixado o celular em casa ou ter deixado desligado pra um caso de emergência, dentro da bolsa.”</p> <p>“Hoje em dia as famílias não tão se conectando verbalmente, assim, falando umas com as outras. Tá ali todo mundo reunido e tu olha tudo no celular. O meu filho não aceita isso, ele usa, mas tem a hora certa pra usar e a esposa dele também, eles adotaram esse sistema, estão em casa é brincado direto com as crianças, é brincar mesmo, como ela é pedagoga, né, daí já brinca com os filhos, monta casinha, ele faz aqueles origamis, desenhinho e ela também, então eles querem que ele tenha um desenvolvimento um pouco melhor, né. Contam historinha, escrevem historinha pra eles. A filhinha dela, por exemplo, ele escreveu uma historinha pra ela, desde o dia em que conheceu ela, então ele fez um livrinho com desenhos e tudo, eles adotam esse sistema, celular só quando precisa mesmo. E escolhem filme que de pra família inteira olhar, que não tenha nada de pesado. Eles têm o tempo pras crianças e o tempo pra eles. ”</p> <p>“Viu, ó. É, a qualidade de vida.”</p> <p>“É, porque se a mulher fica só no computador ou só no celular, o que vai sobrar pra dar atenção pros filhos, pra família, pras visitas, tem que cuidar pra isso não virar uma doença, né. Quando tu vê,</p> |
|---|--|

| | |
|--|--|
| <p>[Após finalizar a reportagem, enquanto a próxima carregava] (Sem imagens, a entrevistada se refere às fontes femininas da reportagem anterior, que trata sobre o uso do celular)</p> <p>(Pesquisa mostra que os efeitos da poluição afetam muito mais do que o sistema respiratório)</p> <p>“Que a fumaça do cigarro faz mal para a saúde ninguém ignora” (Imagens de mulheres fumando na rua)</p> | <p>até criança de um aninho tá com <i>tablet</i>. A filha da minha nora tá com 11 anos e esse ano que ela ganhou um celular, mas mais é pra receber ligação e ligar de emergência, nem Facebook o meu filho deixa ela ter. No início, ela ficou meio assim, mas depois ela aceitou, ela viu que era melhor.”</p> <p>“Aqueles ali era classe média, né? É. Mas todos já bem conectadas e fora da casinha. E em situações diferentes das primeiras, né? ³⁶É, aquelas primeiras era lá na labuta, no balde, catando água, né, economizando e essas aí ostentando, né?”</p> <p>“Acho que mesmo as de classes mais altas hoje em dia estão mais conscienciosas no sentido de economizar mais, reciclar as roupas, colocar à venda aquilo que não quer, tem muita gente que tá fazendo isso. Não surgiu aquele desapeguinho ³⁷?! A maioria dessa mulherada rica aí tá botando as coisas no desapego. Compra um sapato hoje, não gostam, já vai pro desapeguinho, é chique o desapeguinho. E se tu quer economizar, vai lá e compra lá, tem de tudo, carrinho, roupinha de bebê. Isso aí quem inventou foi mulher, né?! ”</p> <p>“Tu vê, que coisa mais deselegante mulher fumando na rua, né? Que coisa bem feia, né? Eu descia essa rua fumando, mas depois de um tempo, comecei a ver como era esquisito mulher fumar, além de ser prejudicial, né. Faz 20 anos que eu não</p> |
|--|--|

³⁶ Questionamos sobre as diferenças existentes entre as mulheres de classes médias e altas dessa reportagem (Especialistas dizem que uso compulsivo do celular virou vício) e daquelas pertencentes as classes populares, fontes das primeiras reportagens apresentadas (Sistema em parceria com população leva água a 435 mil famílias no CE; Cheia do Solimões afeta moradores e comerciantes no Amazonas; Instituto referência em câncer no Rio, Inca tem falta de leitos e equipamentos).

³⁷ “Desapeguinhos” são cerca de cinco grupos do Facebook onde as pessoas compartilham imagens e valores de itens que desejam vender, desde roupas até móveis.

| | |
|---|--|
| <p>“A OMS considera aceitável até 50 microgramas de partículas de gases por m³ de ar por dia” (Imagens de pessoas caminhando no calçadão – aparecem mulheres)</p> <p>(Congresso aprova a regulamentação da lei dos empregados domésticos)</p> <p>[A reportagem começa e trava, mas ela fala sobre o assunto]</p> <p>“A gente é um trabalhador como qualquer outro trabalhador, merecemos sim” (Fonte: Maria Dilza – empregada doméstica na casa da patroa)</p> <p>“A ministra do superior tribunal, Delaíde Arantes, acredita que os patrões vão ficar mais atentos aos direitos dos domésticos” (Fonte - escritório)</p> <p>“Agora a regulamentação exige que o empregado anote os horários” (Imagens de empregada doméstica lavando a louça – casa da patroa)</p> | <p>fumo já.”</p> <p>“Tu viu a barriga das mulheres? Meu Deus! Pode ver, quando uma mulher tá com a barriga muito grande, ela já tá com problema, né. Eu tava assim, comecei a fazer hidro, aí tô fazendo caminhada, esteira, às vezes eu faço aquele meu... (refere-se ao simulador de caminhada que tem em casa).</p> <p>“Tu vê, quantos anos levaram pra ter direito, né? Uma empregada doméstica, ela trabalha mais do que qualquer outra pessoa, né. Mal tinha a carteira assinada e ainda tinha que dar graças a Deus se tivesse. Eu mesmo trabalhei desde os 15 anos até os 20 anos numa casa e nunca tive a carteira assinada. Eu comecei a trabalhar com nove anos de idade e ficava nas casas, só ia uma vez por mês em casa pra ver minha mãe, chegou um ponto de um dia eu fugi, minha patroa saiu e eu fui lá ver minha mãe [risos], aí, quando cheguei me mandaram embora. Fazia um ano que eu trabalhava lá já. Tinha que ser do jeito que elas queriam, mudou bastante a vida e a gente tinha que dar água na mão, botar o chinelho na beira da cama, lavar o pinico, passar cera no chão até esquentar o peleguinho...”</p> <p>“Ai, pobrezinha, ela podia ter posto um sutiãzinho preto, né?”</p> <p>“São vários tipos de mulheres lutando por um mesmo ideal, a patroa, a empregada... A posição das mulheres diante da sociedade, né”</p> <p>“Essa aí não poupa muita água ó, ela podia dar uma esfregadinha e depois abrir a torneira pra enxaguar. Porque o papel da empregada, do funcionário dentro da</p> |
|---|--|

| | |
|--|--|
| <p>(Especialistas alertam sobre casos de violência contra crianças)</p> <p>“Segundo a mãe um dos agressores agarrou a menina pelo pescoço e a levou para o banheiro masculino, onde mais dois meninos a esperavam” (Imagens de simulação computadorizada)</p> <p>“Quem pensa que esse crime é raro, está enganado...” (Passagem repórter no hospital)</p> | <p>empresa também é muito importante, ela tem que economizar no trabalho dela também para que os patrões também não gastem demais. O papel da pessoa que tu bota dentro da tua casa é muito importante, ajudar a preservar e a economizar. Se tu põe uma doméstica dentro de casa que quebra tudo, que não cuida das coisas, imagina o prejuízo que vai ter, é uma responsabilidade e tanto. A pessoa tem que ser consciente. A mulher, seja de que classe social, ela tem que ter consciência. [pausa]. Economiza aqui pra não faltar ali, né. [pausa] Se uma mulher vai trabalhar em uma casa e não sabe fazer as coisas direito, vai gastar uma caixa de sabão, detergente exageradamente e aí?! E vai fazer isso aí e no final das contas vai atingir tudo, né? o sistema global, né, porque se tu não sabe usar a marca de sabão certa também, tem que usar um sabão que não vá poluir o lençol freático. Vai fazer comida lá, isso acontece com mulher rica, pobre, classe média, classe alta, faz um bolinho frito e joga no chão e aí? Vai lá joga na pia ou no próprio pátio, isso não vai fazer bem, né, amanhã ou depois isso vai prejudicar o planeta, né. ”</p> <p>“Meu Deus!”</p> <p>“Tu vê, né, o que vai ser dessa menina, hoje menina, amanhã uma mulher, né. E aí pro resto da vida dela ela vai ter esse trauma, né, que tipo de família ela vai constituir e depois não vai ter o respaldo da sociedade, a ajuda que precisa, que seria, no caso, psicológica, né, tanto pra ela, quanto pra mãe, pra toda a família, né. Teria que ter um acolhimento, né. A situação dessa menina é precária mesmo.”</p> |
|--|--|

| | |
|---|--|
| <p>“[...] a maioria das meninas nem se quer completaram quatro anos de idade [...]”</p> <p>“Fonte - Gabriela – pediatra – no hospital – “Chegam com sentimento de culpa, com sentimento de medo, que o agressor possa fazer alguma coisa contra elas e para a família”” (Imagem da fonte)</p> <p>Fonte: Gabriela – pediatra – no hospital - “Então, a criança chega com muito medo de ter revelado o abuso” (Imagem de fonte)</p> <p>“Fonte Lucia – psicóloga – no escritório - “Ela não fala, mas se ela se abrir com a família, a primeira reação que a família deve ter é uma sensação de alívio, Que bom que você contou, que bom que você não está mantendo isso como um segredo” (Imagem de fonte:)</p> | <p>“Meu Deus!”</p> <p>“Sim, sentem vergonha, né. Se sente envergonhada.”</p> <p>“É.”</p> <p>“É, mas não é bem assim, é difícil pra criança se abrir, é difícil porque eu passei por isso. [Termina a reportagem e ela segue contando]. Eu tinha muito medo de contar que eu tava sendo assediada e não acreditarem em mim, né. Eu só consegui contar depois de muitos anos. Eu comecei a ficar mocinha, era o meu padrasto, ele empurrava a porta do meu quarto e a minha mãe acordava com meus grito, eu acordava, assustada e ela perguntava: o que houve? E ele nada, nada, ela tava destapada e eu fui tapar ela. E eu ficava apavorada, não sabia o que fazer, fiquei com medo de contar e ela não acreditar em mim; Eu ficava desesperada, daí eu comecei a ficar mocinha e não ficava quase em casa, ficava mais na casa das minhas amigas de medo de ficar em casa e ele tentar de novo, de eu acordar com ele levantando as coberta. No verão eu botava calça comprida pra dormir de medo que ele passasse a mão em mim. É muito difícil. Depois, quando ele tentou me agarrar à força, daí, que eu cheguei da escola de noite, eu tinha 20 anos, e ele tentou me agarrar, me puxou pelo braço com força e com o ... exposto, né e daí eu consegui abrir a porta e sair correndo. Esperei meus dois irmãos chegar pra entrar pra casa de novo. Daí, quando a minha mãe chegou,eu contei pra ela e graças a Deus se separou dele. 14 anos de casado, mas ele não chegou a me fazer nada, só que foi aquela pressão psicológica desde os 9 anos de idade. Na verdade fez, né Norma? Sim, me marcou pro resto da vida. Quando eu contei pra família dele toda, falaram que eu tava mentindo e que eu fiz isso pra destruir a família. Foi bem difícil. Também depois foi um alívio? Foi e não foi. Porque como fazia muitos anos, desde criança que ele tava com a gente, ele tinha uma figura de pai, então foi muito sofrimento na hora de sair de casa e ele ficar sozinho, tava doente e aí eu senti aquela culpa, sabe, ao mesmo tempo tinha pena dele. Ele pediu perdão, disse: eu não te fiz nada e eu disse: eu não tô dizendo que aconteceu, mas o sofrimento que eu passei todo esse tempo, né, com aquela pressão</p> |
|---|--|

| | |
|--|--|
| | <p>psicológica e aquela coisa. A minha mãe não notou os sinais, realmente, eu dava sinais, eu não queria sentar na mesa, eu não olhava pra ele. Chegou uma época assim que eu tinha nojo de entrar dentro de casa. Ele era padeiro e ele chegava de manhã cedo e aí eu tava dormindo e a mãe também, então era uma coisa assim que a mãe nunca via, e eu tinha um medo porque eu sabia de muitas conhecida minha que contavam e que as mães não acreditavam. Tinha muitas que sabiam o que tava acontecendo e não faziam nada pra impedir. Isso aí é muito comum, acontece em muitos lugares, acontece de filhas terem filho do próprio pai. Mas graças a Deus não chegou a me fazer nada, mas o meu psicológico ficou muito abalado. Tanto é que o meu primeiro [ênfatisa] namorado eu tive com uns 22 anos, que eu consegui deixar alguém chegar perto de mim mesmo, casei com 27 anos e ainda era virgem, talvez tenha disso por isso. Um dia eu pensei, eu passei a mão assim na minha perna, aquela coisa estranha assim, sabe, ele tinha assim, de certo, hoje eu sei o que é né, ele tinha de certo largado aquele negócio na minha perna, aí eu fui tomar banho ligeiro, chorei, chorei, chorei, chorei e eu pensava que eu tinha sonhado que alguma coisa quente tinha passado na minha perna, não acordei. E tu perdoou? Pois é, se a gente for pensar na vida que essa pessoa teve, que foi violentado pela mãe de criação ele, desde os 10 anos de idade sendo obrigado a manter relação sexual com uma mulher deste tamanho [faz sinal de gorda], então a cabeça. Qual a mentalidade que ele tinha? Era uma pessoa doente, né? Não tenho raiva dele, não tenho ódio, deixa pra lá, ele é um ser humano, deixa pra lá. Enfim, eu não sei qual era a concepção de família que ele tinha na cabeça, que não era das melhores, né. Tu sabe que antigamente, mulher que não era casada, eu já tô com 60 anos, então tu bota aí mais uns 30, 40 anos atrás, o preconceito que existia de uma mulher ter três filhos e não ser casada. Então quando a minha mãe achou essa pessoa que quis ela com três filhos, ela acho que ele era um Deus, né, um anjo enviado. Ela era agradecida por aquele homem ter aceito ela, uma mulher com três filhos e ela enfim era uma mulher respeitável, até que enfim ela tinham um sobrenome, que antes ela achava que não era ninguém. Teve uma época que uma menina não entrava num clube se não fosse acompanhada do pai e da mãe. A mulher que não tinha marido era afastada da sociedade, não entrava dentro do clube. A minha mãe não podia levar a gente num carnaval dentro do clube, não podia, ela ficava lá na frente, olhando quando a gente ia pular carnaval. Era bem assim, a mulher que não era casada não era convidada nem pras festas de família, tinha aniversário, coisa e tal e a minha não ia, só a gente ia. E hoje é motivo de orgulho uma mulher ser dona de família e sustentar os filhos, como a mãe, por exemplo. Sim, mas viúva é uma condição, antigamente isso era tudo, a viúva tinha sido casada,</p> |
|--|--|

| | |
|---|---|
| <p>(ONG promove Dia das Mães especial no Instituto do Coração, em São Paulo)</p> <p>“E a população do andar da pediatria foi chegando, para as crianças, balões e brincadeiras” (Imagens de crianças com suas mães)</p> <p>“Para as mães que compartilham a internação, uma bela surpresa.” (Imagens de mães)</p> <p>“Quem já passou por isso sabe. Daí a ideia de oferecer a elas uma espécie de tratamento de choque de beleza” (Passagem da repórter no hospital)</p> <p>“As organizadoras que já enfrentaram tantos dias de internação com as filhas, explicam. Fonte - Criadora da ONG – no hospital – “Já são tantas angustias, tantas preocupações, que você se olhar no espelho, ficar mais bonita acho que melhora um pouco o clima, né, melhora a auto estima”” (Imagem da fonte)</p> <p>“A mamãe ficou bonita pra você” (Mulher se referindo ao filho bebê)</p> <p>“Perguntei pra Cauana, qual a mãe mais bonita? Ela fez suspense e respondeu:</p> | <p>então ela tinha que cuidar dos passos dela porque seria vigiada dia e noite. Viúva era viúva, tudo bem, só que como divorciada também era visada, divorciou, nem voltava pra dentro do clube, quando eu me divorciei. Quando eu me divorciei que eu queria voltar a frequentar o clube não me deixaram, aí eu apontei pro presidente do 13 de maio: mas a tua filha é divorciada e tá aqui, então eu também posso. E eu era separada e tinha um filho e eles não aceitavam porque eu era divorciada, eu era desquitada na época. Então, a condição da mulher mudou bastante, né. Evoluiu, né.”</p> <p>“Ai, que amor!”</p> <p>“Tu viu, tem mães que têm que se internar com os filhos, né, pra poder dar forças pra eles. É como se elas tivessem duas vidas, né, às vezes com a família em casa, outros filhos em casa e aí tem que largar tudo e ficar dentro de um hospital ali, cuidando de um doente. Não só cuidando do filho, mas às vezes cuida do marido também no hospital.”</p> <p>“Ai, isso aí é uma maravilha.”</p> <p>“Tu viu a importância do olhar da mulher, da funcionária pra outra mulher, né. Aquele olhar carinhoso pras mulheres que tão ali, sofrendo junto com o filho.”</p> <p>“Ai que amor.”</p> <p>“A minha, né!”</p> |
|---|---|

| | |
|---|---|
| <p>Fonte: A minha!”</p> <p>“Sara, 17 anos, transplantada há quatro, pegou a carona da mãe” (Adolescente com a mãe no hospital)</p> <p>“Mas o capricho dos cabeleireiros e maquiadores voluntários também causou lágrimas” (Imagens dos profissionais/Mulher chorando)</p> <p>[Refere-se à reportagem anterior]</p> <p>(Campanha Nacional de Vacinação contra a gripe começa nesta segunda-feira)</p> <p>[Antes da reportagem começar]</p> <p>“Aí é assim, passou a mão na mesma maçaneta, já pode tá gripada”</p> <p>[Repórter mostra os locais em que as crianças passaram as mãos]</p> | <p>“Ai que amor!”</p> <p>“Tu viu que agora as mulheres estão usando esses <i>machhair</i>³⁸ aí. O que é isso? É aqueles cabelos claro, claríssimos. Como aquela mulher ali? Aham, eu já fiquei com meu cabelo assim. Sério? Eu fiz uma promessa pro meu filho ser transferido de Passou Fundo pra cá e ai eu rapei meu cabelo, no zero. Rapei, tirei tudo, fiquei peladinha a cabeça, todo mundo dizia que eu tava com câncer. E daí depois o meu cabelo cresceu e ficou todo branco, chegou a ficar até aqui assim [altura do ombro]. Aí começara: ai, porque tu tem que tinturar, tem que tinturar... Daí eu comecei a tinturar de novo, mas eu gostei de ficar com o cabelo branco. E tu gostou do cabelo curto? Olha, as pessoas diziam que ficou bem. É que eu sou metida, né, usava saltão, brinquinho, tu tem que fazer um <i>composé</i>, né. Ai no salão diziam: ficou bonito e a minha filha dizia que horror mãe, e depois ela dizia pior que essa nega ficou bonita. É que tu te que ter um estilo, né, não é pra qualquer um. No começo não me gostei, mas depois fui me gostando. Com a cara limpa, né.”</p> <p>“Ali tu ressalta a questão da autoestima da mulher”</p> <p>“Eu já fiz a vacina da gripe, faz anos que eu faço por causa da minha bronquite asmática, né.”</p> <p>“Hum! Isso ai é os vírus. Isso ai, só o olhar de mãe pra cuidar, né. Aí a importância da mulher de novo, né. Tanto a mulher mãe quanto a médica que tava explicando ali. A avó também tem muita importância na família. Ajuda né? Nossa, eu que o diga, tenho duas neta. Três netas né, duas meninas e um menino. Um dia tu é filha, lá adiante tu é mãe, depois vai ser avó, e vai indo. Então, por isso a importância de tu te comunicar com pessoas de mais</p> |
|---|---|

³⁸ A entrevistada se refere à técnica de pintar o cabelo com a cor cinza, intitulada *Grannyhair*.

| | |
|--|--|
| | <p>idade, porque daí tu já vai adquirindo conhecimento pra ter a tua bagagem La na frente mais suave.?”</p> <p>“Acabamos, Norma, era pra eu sair bem mais cedo daqui, né. Nem te preocupa, antigamente eu não tinha esse tempo, mas hoje sim, não preciso correr tanto. É, ando devagar porque já tive pressa!”</p> |
|--|--|

APÊNDICE D – TEXTO EM AÇÃO ROSÂNGELA

| TEXTOS DAS REPORTAGENS | FALAS DE ROSÂNGELA |
|---|--|
| <p>(Sistema em parceria com população leva água a 435 mil famílias no CE)</p> <p>“A zona rural de Russas, a 160 km de Fortaleza é um desses exemplos, a fonte de água agora aqui é um poço que os moradores mandaram fazer com o dinheiro arrecadado pela própria tarifa.” (Imagem do local de instalação do poço e das bombas)</p> <p>Cheia do Solimões afeta moradores e comerciantes no Amazonas</p> <p>“[...] a dificuldade de acesso afasta a clientela e não precisa nem explicar o porquê. Nessa loja aqui, ó, eles tiveram que fazer o que: conhecido como maromba pra poder entrar” Dentro da loja alagada de dona Almerinda os produtos estão encalhados.” (Repórter em cima de uma ponte improvisada entrando na loja de uma comerciante/comerciante sentada na loja alagada)</p> <p>“Onofra e os dois filhos foram para um abrigo porque a casa onde moram alagou. Fonte – Onofra - mãe de duas crianças pequenas sentada em uma cama – no abrigo – “Aqui ta melhor do que ficar no alagado””</p> | <p>“Eu me criei assim lá, em Bagé. Tu sabe que lá tem escassez de água, né? <i>Não sei</i>. Há anos, nunca resolveram aqui lá. A água pra nós, onde nós morava, porque tem a casa da mãe até hoje lá ia à noite só. A gente levava água nos tonel pra lavar roupa e tomar banho, porque a gente tinha um poço em casa, que era de onde vinha essa água. Pra tomar não dava, porque era saloba, aí a de tomá a gente juntada de noite. Mas até hoje tem essa questã da água em Bagé dentro da cidade, eu me criei no centro da cidade de Bagé. E aqui não fica longe, né, eu uso do poço, né, aqui, mas eu não sei... ele fizeram [se refere a testes feitos pela Corsan na água do local onde mora] da água, como é que eu vou dizer, tinha problema, mas ainda tava no nível de beber, né. Mas agora a gente tem a água ali da Corsan, acho que é Corsan também? Porque veio os Guarani pra ali e tem água agora. <i>Mas tu tem água aqui?</i> Eu tenho poço artesiano, mas só eu, os outros tudo colocaram água da Corsan, eu vobotá também. <i>Porque tu quer botar?</i> Eu pago a luz igual pra bombar o... Mas é a questão, será que é limpa, eu tava falando pro Paulo, eu tenho medo de tomar essa água de poço ou vo compra um filtro pra mim, então. O Guaíba diz que tá a metade poluído, né, aqueles tanque lá que eles tratam a água não ta vencendo.”</p> <p>“A questã da cheia é sempre ali? Não, acho que essa foi uma cheia”.</p> <p>“Fora as doenças, né.”</p> |

| | |
|--|---|
| <p>(Imagem da fonte)</p> <p>“A Defesa civil distribuiu até agora cerca de 300 toneladas de comida para as famílias afetadas pela cheia no Amazonas” (Imagens das pessoas recebendo alimentos)</p> <p>Instituto referência em câncer no Rio, Inca tem falta de leitos e equipamentos</p> <p>“O Instituto negou que haja problemas com a compra de materiais” (Âncora na bancada)</p> <p>Campanha Nacional de Vacinação contra a gripe começa nesta segunda-feira</p> <p>[Repórter fala sobre as pessoas que podem tomar a vacina] “[...], crianças, merecem mais atenção” (Âncora na bancada)</p> <p>“Funciona assim, se a Bia estiver um</p> | <p>“Problema das famílias, família é sempre família, né, grande, às vezes, né.”</p> <p>“Mas e também, tanta demora de um atendimento, né, levam mais de ano pra chamar um. Outra coisa, isso tá falando lá do Rio, São Paulo, mas aqui em Santa Maria também, né, sabia que não tinha injeção pra mim tomar sábado aqui? Injeção cara não tem, digo cara de 35 reais. <i>E ai, o que foi feito?</i> Eu comprei! Eu não tinha levado dinheiro que chegue, né. [Filho – eu tive que apelar, o que eu ia fazer, chamei um amigo nosso?]. Só tem essas [injeções] levezinhas. [Filho – é a mesma coisa que injetar uma água pra dentro.]. O cara me disse, tu vai tomar essa aqui, tu vai chegar em casa e tá a mesma dor. Eu disse, tá, então vô comprá o que der. Vinha três numa caixinha, 35 real. <i>Imagina não ter 35 reais.</i> [Vira as costas e vem pra casa com dor]. Eu acho um descaso. A pessoa que não tem dinheiro sofre, eu na ocasião tinha, mas e se não tivesse? Ia vim pra casa e tomar um paracetamol. Tu sabe que taá proibido certos remédios no posto. <i>Pra dor?</i> Esses paracetamol deve ter, mas eu vi numa lista que tá proibido. Esse que eu tomo é com duas receita, comprado. A questã da saúde é complicada, tu tem que pegar e ir lá, se vence aquela receita, precisa ir lá de novo. Eu gastei 100 reais no fim de semana. Moto, tele, o Leonardo foi buscar os comprimido, porque eu tava com uma dor horrível. E a dor não espera, né. Graças a Deus eu tô boa. Acho que eu fico muito tensa, emocionada, sei eu, o Léo sabe.”</p> <p>“Eu achei que eu ia ter que tomar, mas não precisa, é a partir dos 60. Ano que vem eu vou ter que tomar.” (continua)</p> <p>“E a gente nem nota, né, o que acontece.”</p> |
|--|---|

| | |
|---|--|
| <p>pouco gripada, cada passada de mão vai espalhando o vírus, que vai parar no móvel, na maçaneta do quarto [...]” (Repórter mostrando os objetos e crianças brincando na sala da casa)</p> <p>“Olha essa boneca aqui como é que ficou, tem uma mãozinha inteira aqui em cima do <i>rack</i> [...]” (Repórter mostrando os móveis com a luz azul)</p> <p>“Fonte – mãe e nutricionista em casa – “Me surpreendeu, não imaginava que fosse tanto, não em todo o ambiente da casa, né. Não sei o que fazer, vou me mudar. [risos]”” (Imagem da fonte)</p> <p>Especialistas dizem que uso compulsivo do celular virou vício</p> <p>“Algumas pessoas não conseguem desligar o aparelho nem na hora de descansar” (Âncora na bancada)</p> <p>Pesquisa mostra que os efeitos da poluição afetam muito mais do que o sistema respiratório</p> <p>Após o término da reportagem</p> | <p>“É.”</p> <p>“Mas eu tenho uma imunidade forte sabia? É? Agora tem um aqui que vive tossindo, ó [aponta para o filho]. Vou te falar, pra eu espirrar é difícil. Será que é porque eu como laranja? [risos]. [Filho – “eu desembarquei do ônibus assim e senti a garganta, chegando de Canoas]””</p> <p>“Ó, lá tem um viciado, olha pra lá [filho]!”</p> <p>“A minha mãe teve enfisema pulmonar, do cigarro. Aqui em casa a gente não fuma, mas eu já fumei. A minha família é toda fumante, tem um aqui que anda fumando às vezes. A mãe morreu com 79, fumando e tomando café [risos], era uma chaminé, a sobremesa dela era o cigarro. A minha Irma fuma, até me ligou hoje se queixando da tosse e eu disse, e o cigarro? [risos]. Os fumava muito, muito. <i>Desde novas?</i>Aham. Quem ensinou nós a fumar foi o pai, sabe o tempo dos cigarrinho? <i>Dos palheiros?</i> Isso, ele dizia: depois que vocês fizer um, pode fumar um [risos]. E a gente não gostava, né [ironizando]. A gente repartia, imagina, sete guria. Fazia um monte de cigarrinho e um era nosso, pra nós repartir. Sem maldade, nem sabia. [filho – eu comecei a fumar quando entrei no quartel. Agora eu compro uma carteira no fim de semana assim, pra fumar, não é todo o dia assim. Comecei a fumar no quartel, serviço, né, o cara ficava tediado, ansioso e eu disse: ah, vou fumar um e ai já era, era todo o serviço</p> |
|---|--|

| | |
|---|---|
| <p>Congresso aprova a regulamentação da lei dos empregados domésticos</p> <p>“A ministra do tribunal do trabalho, Delaíde Arantes, acredita que os patrões vão ficar mais atentos aos direitos dos domésticos” (Imagem da Ministra no sofá de um escritório)</p> <p>Fonte: Empregada doméstica sentada, na casa da patroa – “Antes a gente não se sentia importante, mas agora vai valer à pena, né.” (Mulher na casa da patroa, sentada)</p> <p>Especialistas alertam sobre casos de violência contra crianças</p> <p>“Essa pediatra diz que muitas crianças violentadas sequer completaram quatro anos de idade e todas elas chegam traumatizadas” (Pediatra sentada na mesa da sala de atendimento infantil)</p> | <p>tinha que ter cigarro.] Horrível né, aqueles desenho que tem, né, se eu olhasse aquilo eu não fumava. Tu sabe que aqueles fuminho que a gente fazia era bem legal, era... dizem que não tem tanto veneno como tem agora. Depois virou uma cedinha, o pai dizia: vocês vão lá no armazém e comprem aquele bem amarelinho, que é um cheiroso que tinha. Aí nós ia buscar aquele, mas bolos de fumo, né. Era avó, mãe, pai. Eu disse pro Leonardo agora, coisa feia andar com esses desenho, coisa horrível, né. Diz que é tudo mentira, né? Diz que aquilo inventaram. Mas tem umas realidades. Sim, enfisema não deixa de ser um câncer, né. É uma mancha no pulmão, ai ela vai entupindo, vai gastando as veinha do pulmão.”</p> <p>“Quando eu trabalhava não tinha, no meu primeiro emprego, lá de Bagé, era cuidar criança, não tinha carteira, tinha que dormir no emprego. Geralmente a patroa ou era professora, tinha que sair a noite e ai ficava lá. Ficava tarde pra ir embora: ah, posa aí, aí a gente posava, mas eram tudo pessoas conhecidas. Não era ruim, no era ficar com a criança, dando banho era ficar com a criança pra estudar, brincar. Era até bom dormir lá, né, pra não andar na rua”</p> <p>“A diarista agora também vai ter mais direito, se trabalha três dias em uma casa já tem carteira, né?! Parece que tem que pagar mais, porque ela já tá ali, né, já é um emprego, é uma fixa.”</p> <p>“Ah, faz dias que deu isso aí, eu vi. Sufocaram ela.”</p> |
|---|---|

| | |
|--|---|
| <p>“Essa psicóloga afirma que os casos ocorrem quase sempre dentro de casa” (Psicóloga em frente a estante com livros, escritório)</p> <p>“Fonte – psicóloga - Referindo-se a reação que a família deve ter quando a criança conta do caso: “que bom que você contou, agora nos vamos buscar ajuda” (Psicóloga em frente a estante com livros, escritório)</p> <p>[Após terminar a reportagem]</p> <p>(ONG promove Dia das Mães especial no Instituto do Coração, em São Paulo)</p> <p>“[Repórter] - Vai ter alta e a mãe vai embora bonita, hein. Fonte - mãe emocionada com a beleza no espelho - no hospital – “Vai” [fonte, mãe, emocionada]. Feliz dia das mães! [Repórter]” (Imagem da fonte)</p> | <p>“Mas não é só nas escolas, dentro de casa também. Como tem, né? Até os parentes, né”</p> <p>“Viu?!”</p> <p>“Imagina, né.”</p> <p>“Às vezes, são ameaçadas.”</p> <p>“Vida nova, né?! Imagina. Transplantar o órgão principal do corpo.”</p> |
|--|---|

APÊNDICE E – Instrumento de entrevista

Socioeconômico

- 1)Entrevistada:
 - 2)Data:
 - 3)Local:
 - 4)Tempo de duração:
 - 5)Idade:
 - 6)Considera-se de que origem étnica?
 - 7)Endereço completo:
 - 8)Número de pessoas que residem na casa/quem são:
 - 9)Escolaridade da família:
 - 10)Como foi a sua trajetória escolar?
 - 11)Profissão dos filhos:
 - 12)Os moradores da casa contribuem com as despesas?
 - 13)Responsável pelo sustento da família:
 - 14)Imóvel próprio ou alugado:
 - 15)Profissão da entrevistada: Se aposentada, desde quando e como?
 - 16)Profissão do marido: Se for falecido dizer.
 - 17)Estado civil: Se casada, há quanto tempo?
 - 18)Atividade de lazer favorita:
 - 19)Acesso a mídias
 - () Internet – que tipo? _____
 - () TV por assinatura
 - () Parabólica
 - () Assinatura de jornal – qual? _____
 - () Assinatura de revista – qual? _____
 - () Rádio
 - () DVD
 - () Computador. Tem próprio? _____
 - () Netflix
- Consumo de mídia
- 20)Gêneros de programa preferidos?
 - 21)Qual o canal de televisão favorito? Qual o programa favorito? Por quê?
 - 22)Jornais Impressos
 - Nome do jornal: _____
 - Frequência que lê
 - 23)Revistas
 - Títulos das revistas:
 - Frequência que lê:
 - 24)Frequência com que lê livros
 - 25)Quantos livros lê por ano?
 - 26)Hábito de ouvir rádio
- Quais Emissoras: _____

27)Frequência com que usa o computador

() não tem computador

Internet – se utilizar internet

28)Quais atividades de maior uso do computador?

29)Quais atividades de maior uso da internet?

30)Que sites acessa?

31)Procura por informações?

32)Entra/já entrou no site do JN?

33)Participa de quais redes sociais?Com que frequência?

34)Local de acesso à internet

Televisão/Telejornal

35)Qual o número de horas dedicadas à televisão?

() menos de 1h () entre 1h e 2h () entre 2h e 3h () entre 3h e 4h () mais de 4h

36)Qual local da casa que assiste televisão?

37)Que companhia costuma ter quando assiste tv?

38)Que atividades costuma realizar enquanto assiste televisão?

39)A televisão é importante na sua vida?

40)Com qual finalidade assiste tv?

41)Acha importante estar bem informada?

42)Aonde prefere obter informações?

43)Quais telejornais assiste atualmente?

44)Prefere notícias nacionais ou internacionais?

45)Quais programas do canal que assiste apresentam mulheres? Tais apresentações condizem com a realidade?

Jornal Nacional

46)Quando começou a assistir ao JN?

47)Acha que o JN é importante? Porque?

48)O que você acha do Jornal Nacional?

49)Na sua opinião, a maioria das reportagens do telejornal são sobre o que? Sobre o que elas deveriam ser?

50)O que mais gosta e o que menos gosta no JN?

51)Como o pobre aparece no JN? Quais são suas profissões? Como eles se vestem?

52)Lembra de alguma reportagem que assistiu no JN que apresentou mulheres de classe popular? Como era a reportagem/quando?

53)Em quais situações a mulher é notícia no JN?

54)O que o JN mostra sobre o que é ser mulher popular?

55)A representação / a forma como aparecem se dá de forma positiva ou negativa?

56)Existem diferenças entre a vida real e as mulheres do JN?

57)Gostaria que a mulher aparecesse de outra forma no JN? De que forma?

58)Se sente representada no JN?

59)O JN faz você refletir sobre suas condições de vida? Quais as reflexões?

60)O trabalho é mostrado no JN? Que tipo de trabalho?

61)Como você acha que o trabalho deveria aparecer no JN?

Família atual

62)O que a família representa para você?

63)Qual e o maior ensinamento que passa aos filhos?

64)O que ensina aos filhos sobre o que é ser mulher?

65)Assiste ao JN com a família?

66)A família conversa sobre o JN?

Família primordial

67)Como se deu a saída de casa?

68)O que a família representa para você?

69)Qual e o maior ensinamento que a família passou?

70)O que a família ensinou sobre ser mulher?

71)Assistia ao JN com a família?

72)A família conversava sobre o JN?

Trabalho

73)Lugares onde trabalhou?

74)Há quanto tempo trabalha no serviço atual?

75)O que o trabalho representa para você?

76)O que significa o trabalho na vida de mulheres de classe popular?

77)Convive com mulheres de classes diferentes no trabalho? O que aprende com as relações?

78)Como são as relações no trabalho?

79)Já sofreu discriminações/conflitos/humilhações no trabalho?

Classe/Gênero

80)Você se considera de que classe social? Por que?

81)O que significa ser pobre?

82)Tarefas domésticas que realiza? Divide com alguém?

83)O dinheiro determina o modo de vida das pessoas? Por que?

84)O que significa ser mulher?

85)Melhores e piores coisas de ser mulher?

86)Descreva o dia a dia de uma mulher de classe popular:

87)Descreva o dia a dia de uma mulher de classe alta:

88)Qual é o maior sonho?